

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

TULIO CEZAR DE OLIVEIRA BUNDER

**A ATUAÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE NA REGIÃO DO
CÁSPIO: A BUSCA PELA SEGURANÇA ENERGÉTICA EM UM BARRIL DE
PÓLVORA (1993-2008)**

Santana do Livramento

2015

TULIO CEZAR DE OLIVEIRA BUNDER

**A ATUAÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE NA REGIÃO DO
CÁSPIO: A BUSCA PELA SEGURANÇA ENERGÉTICA EM UM BARRIL DE
PÓLVORA (1993-2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Renato José da Costa

Santana do Livramento

2015

Catálogo da Publicação
Serviço de Documentação
Universidade Federal do Pampa - Unipampa

B942a

Bunder, Tulio Cezar de Oliveira.

A atuação da política externa estadunidense na Região do Cáspio: a busca pela segurança energética em um barril de pólvora (1993-2008) / Tulio Cezar de Oliveira Bunder. – Santana do Livramento: Universidade Federal do Pampa, 2015.

xii, 98 f. ; 24 il. : 29,7 cm.

Orientador: Renato José da Costa

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Pampa, Unipampa, Bacharelado em Relações Internacionais, 2015.

1.Estados Unidos. 2. Geopolítica Energética. 3.Guerra por Recursos. 4.Hidrocarbonetos. 5.Região do Cáspio. – Monografia. I. Costa, Renato José da. II. Universidade Federal do Pampa, Campus Santana do Livramento, Curso de Relações Internacionais, 2015. III. Título.

CDD: 327.1

TULIO CEZAR DE OLIVEIRA BUNDER

**A ATUAÇÃO DA POLÍTICA EXTERNA ESTADUNIDENSE NA REGIÃO DO
CÁSPIO: A BUSCA PELA SEGURANÇA ENERGÉTICA EM UM BARRIL DE
PÓLVORA (1993-2008)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa- UNIPAMPA.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: __/__/____.
Banca examinadora

Prof. Dr. Renato José da Costa
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Anna Carletti
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Igor Fuser
(UFABC)

À memória de Guilhermando Bunder.

AGRADECIMENTO

Primeiramente gostaria de agradecer à minha mãe que fez o impossível para proporcionar-me a chance de conquistar meus objetivos, em segundo lugar, aos meus grandes irmãos Everton, Ronie e Wagner. Em terceiro, um agradecimento especial para meus grandes amigos José Filipe Suzuki e Luiza Prates pelo grande apoio.

Agradeço, também, ao meu orientador Renatho Costa pela sua gigantesca paciência e compreensão com meus constantes deslizes. Assim como, ao professor Flávio Lira que também me auxiliou na construção deste trabalho.

Por fim, agradeço a todos os amigos que fiz ao longo da graduação, que proporcionaram grandes momentos, inesquecíveis.

"Continue olhando abaixo das aparências da superfície. Não deixe de o fazer só porque você pode não gostar do que você vai achar"

(Colin Powell)

RESUMO

A busca pela segurança energética tem sido, para os EUA, um dos pilares de sua política externa desde o primeiro Choque do Petróleo em 1973. A partir de então, observa-se o desenvolvimento gradual de uma ampla estratégia dos EUA em controlar as reservas e o destino dos hidrocarbonetos do mundo, evidenciada por um maior engajamento – quer seja político, econômico ou militar – nas regiões ricas em recursos energéticos. Neste sentido, após a desintegração do território soviético e o surgimento dos novos Estados independentes, ricos em reservas de hidrocarbonetos, da região do Mar Cáspio, nota-se a progressiva intensificação da presença estadunidense na região, amparada no discurso de difusão da democracia e defesa das soberanias dos jovens entes estatais. Entretanto, de 1991 até os dias atuais, observou-se uma contínua instabilidade e crescente militarização na região. Deste modo, este trabalho propõe que, além das rivalidades étnicas históricas, a causa da instabilidade na Região do Cáspio está relacionada a estratégia de segurança energética adotada pelos EUA, que colidiu com o interesse russo e chinês na região. Para demonstrar isto, busca-se apresentar os diferentes meios utilizados por Washington para controlar a região e, conseqüente, seus recursos energéticos. A partir desta análise, o trabalho verifica que a estratégia de segurança energética estadunidense tende a fomentar a criação de sistemas de aliança, e as rivalidades entre Estados e/ou grupos separatistas são insufladas; como grandes exemplos destes acontecimentos estão as disputas pelas rotas dos dutos energéticos, as Revoluções Coloridas e a crescente militarização regional.

Palavras-chave: Estados Unidos. Geopolítica. Guerra por Recursos. Hidrocarbonetos. Região do Cáspio.

ABSTRACT

The quest for energy security has been, to the US, one of the pillars of its foreign policy since the first Oil Shock in 1973. Since then, what is observed is the gradual development of a wide US strategy to control the reserves and the fate of the world's hydrocarbons, as evidenced by a greater engagement – whether political, economical or military – in regions rich in energy resources. In this sense, after the disintegration of the soviet territory and the emergence of the new Independent States, rich in hydrocarbons reserves, of the Caspian Sea region, a progressive intensification of the US presence in the region is noticed, supported by the speech of democracy diffusion and protection of the sovereignty of these young States. However, from 1991 till present day, a continuous instability and increasing militarization in the region is noticed. Thus, this monograph proposes that, in addition to historical ethnic rivalries, the cause for instability in the Caspian Region is related to the energy security strategy embraced by the US, which collided with Russian and Chinese interests in the region. To demonstrate this, we seek to present the different means used by Washington to control the region and, consequently, its energy resources. From this analysis, the monograph verifies that the US energy security strategy tends to foment the creation of alliance systems, and rivalries between States and/or separatist groups are inflated, as great examples of these events are the disputes over the routes of energy pipelines, the Colorful Revolutions and the growing regional militarization.

Keywords: United States. Geopolitics. Resource Wars. Hydrocarbons. Caspian Region.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Posicionamento Militar dos EUA pelo Mundo.....	50
Figura 2 – Região do Mar Cáspio.....	51
Figura 3 – Quota do Cáspio na produção Mundial de petróleo por cenário.....	53
Figura 4 – Quota do Cáspio na produção Mundial de gás natural por cenário	54
Figura 5 – Gasodutos da Região do Cáspio.....	57
Figura 6– Oleodutos da Região do Cáspio	58
Figura 7– Balcãs Eurasiáticos	59
Figura 8– Mapa étnico do Cáucaso	62
Figura 9 – Mapa étnico da Ásia Central	67
Figura 10 – Status Legal do Mar Cáspio	71
Figura 11– Principais dutos energéticos com destino à Europa	96
Figura 12 – Dutos energéticos na região do Cáucaso.....	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Orçamento anual dos EUA para fundos de segurança para os Estados litorâneos do Cáspio	91
--	----

LISTA DE SIGLAS

BTC – Baku-Tbilisi-Ceyhan

BTE – Baku-Tbilisi-Erzurum

CEI – Comunidade dos Estados Independentes

CNOOC – China National Offshore Oil Corporation
Corporação Nacional de Petróleo Offshore da China

CNUDM – Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar

EUA – Estados Unidos

EUCOM – United States European Central Euro Command

FMI – Fundo Monetário Internacional.

IEA – International Energy Agency

NEP – National Energy Policy

NEPDG – National Energy Policy Development Group

OCX – Organização para Cooperação de Xangai

OMC – Organização Mundial do Comércio

ONGs – Organizações Não Governamentais

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte

OTSC – Organização do Tratado de Segurança Coletiva

PpP – Parceria para a Paz

RDF – Rapid Deployment Force

RI – Relações Internacionais

TAP – Turcomenistão-Afeganistão-Paquistão

UE – União Europeia

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

URSS – União das Republicas Socialistas Soviéticas

USCENTCOM – U.S. Central Command

SUMÁRIO

<u>1 INTRODUÇÃO</u>	<u>12</u>
<u>2 EMBASAMENTO TEÓRICO</u>	<u>15</u>
2.1 O PETRÓLEO E A ESCASSEZ.....	15
2.2 GUERRA POR RECURSOS ESCASSOS.....	20
2.3 GUERRA POR RECURSOS ABUNDANTES.....	21
2.3.1 Problema da abundância de recursos para os governos.....	22
2.3.2 Abundância de recursos e os movimentos de secessão	24
2.3.3 Recursos abundantes, interesses e intervenções externas.....	25
2.4 GEOPOLÍTICA DA GUERRA POR RECURSOS	27
2.5 GEOPOLÍTICA E PETRÓLEO.....	30
<u>3 POLÍTICA NEOIMPERIAL ESTADUNIDENSE</u>	<u>35</u>
<u>4 O AINDA PIVÔ GEOGRÁFICO: A REGIÃO DO CÁSPIO.....</u>	<u>51</u>
4.1 OS RECURSOS ENERGÉTICOS DA REGIÃO DO CÁSPIO	52
4.2 DEFININDO A REGIÃO	54
4.3 FOCOS DE INSTABILIDADE INTERNA	59
4.3.1 Cáucaso do Sul	61
4.3.2 Ásia Central	66
4.4 STATUS LEGAL DO MAR CÁSPIO	69
<u>5 AS CARTADAS AMERICANAS NO NOVO GRANDE JOGO.....</u>	<u>72</u>
5.1 OS EUA NA REGIÃO DO CÁSPIO.....	76
5.1.1 Desenvolvimento da Política Externa dos Estados Unidos para o Mar Cáspio	77
5.1.2 Estratégia Estadunidense para a Região do Cáspio	81
5.2 REVOLUÇÕES COLORIDAS	84
5.3 O ENGAJAMENTO MILITAR ESTADUNIDENSE NO CÁSPIO.....	89
5.4 DISPUTA DOS DUTOS ENERGÉTICOS.....	95
<u>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>100</u>
<u>REFERÊNCIAS</u>	<u>103</u>
<u>ANEXOS</u>	<u>110</u>

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se ao estudo da ampla estratégia de segurança energética dos Estados Unidos, com enfoque para a Região do Cáspio. Para a elucidação da temática serão utilizadas as discussões referentes à Teoria da Guerra por Recursos e da Geopolítica do Petróleo, juntamente com uma breve análise documental de discursos presidenciais estadunidenses e da Política Nacional de Energia formulada por Richard Cheney e George W. Bush, além de uma revisão bibliográfica sobre a Região do Cáspio e a atuação estadunidense nela.

Ao analisar os principais focos de instabilidade política na região do Mar Cáspio, o objetivo deste trabalho é responder se a ampla estratégia de segurança energética estadunidense adotada pelo governo de George W. Bush seria um fator agravante para a instabilidade desta região. Deste modo, propõe-se a hipótese de que, além das rivalidades étnicas históricas, a causa da instabilidade na região do Cáspio poderia, também, estar relacionada à estratégia de segurança energética adotada pelos EUA durante o governo George W. Bush (2001-2009).

Considerando que a região do Cáspio é extremamente delicada, com diversas fontes de fricção, como disputas territoriais, conflitos interestatais e diversos grupos separatistas, supõe-se que as iniciativas norte-americanas de fomentar alianças e, até mesmo, equipar militarmente alguns Estados, como Geórgia e Azerbaijão, para assegurar o fornecimento e transporte dos recursos energéticos para o Ocidente, excitam a militarização da região. Vale ressaltar que tais políticas também entram em colisão com o interesse de outras potências, como o caso da Rússia, que considera a região sua órbita natural de influência, e a China, que assim como os Estados Unidos, busca sua segurança energética. Tal situação cria a possibilidade do surgimento de sistemas de aliança, revoltas internas e a fomentação das rivalidades entre os Estados da região.

Durante grande parte do século XX, as preocupações referentes às ameaças de escassez de oferta e independência energética foram vistas de maneira secundária pelos entes estatais e pesquisadores. Contudo, tornaram-se pautas de Segurança Nacional após o desfecho de cinco acontecimentos marcantes, quais sejam: os choques do petróleo de 1973 e 1979, o desequilíbrio entre o crescimento da demanda e oferta nos fins da década de 1990 e as duas Guerras do Golfo (1990-91 e 2003). Sem prognósticos muito otimistas em relação às energias renováveis nas próximas décadas, o petróleo e o gás natural continuarão exercendo grande importância na economia mundial, assim como seguirão sendo foco de disputas políticas pela extração e controle dos seus fluxos. Se as previsões dos teóricos do “pico do petróleo” forem autênticas, as possibilidades na deflagração de conflitos de grande proporção pelo controle das reservas

aumentarão assombrosamente, ressaltando ainda mais a importância destes recursos não-renováveis.

Tendo em vista essa condição estratégica do petróleo e gás natural no cenário internacional atual, é de extrema importância a compreensão das dinâmicas e disputas pelo controle destes recursos energéticos. Dentro desta realidade competitiva, o estudo da região do Mar Cáspio, que detém reservas consideráveis de hidrocarbonetos, é imprescindível para a compreensão da geopolítica euroasiática atual.

A região do Cáspio, rica em recursos energéticos, é foco de disputa entre diversos atores globais e regionais, como China, Estados Unidos, União Europeia, Rússia, Irã e Turquia. Seu posicionamento geoestratégico, situado no interior do *heartland*¹ de Mackinder, assim como a grande necessidade de diversificação de oferta, devido à instabilidade e insegurança do fluxo petrolífero do Golfo Pérsico, e as demandas particulares dos atores envolvidos em traçar as rotas dos fluxos destes recursos, fazem da região um polo de extrema importância para as disputas energéticas no século XXI. Sendo assim, o presente trabalho busca contribuir no debate dos conflitos pelos recursos energéticos, um campo nas Relações Internacionais com poucas produções comparadas a outras temáticas.

A partir destas motivações, o objetivo geral do presente trabalho é demonstrar a relação entre os interesses geopolíticos dos Estados Unidos – pautados por sua estratégia energética – na região do Mar Cáspio e a instabilidade da região. Além deste, como objetivos específicos encontram-se:

- Averiguar se os Estados Unidos tiveram, de fato, uma estratégia voltada para o controle dos recursos energéticos mundo afora, durante o Governo Bush (2001-2009);
- Elucidar a importância geoestratégica e as instabilidades da Região do Cáspio para o cenário energético mundial;
- Compreender as implicações geopolíticas das Revoluções Coloridas, dos programas de assistência militar no Cáspio e os conflitos pelas rotas dos dutos energéticos.

¹ *Heartland* e Ilha Mundo são conceitos geopolíticos, formulados pelo inglês Halford J. Mackinder. O primeiro, delimita uma grande área da região Europa Oriental e a Ásia Central. O segundo abarca toda a porção continental da Europa e Ásia. Para Mackinder estas regiões são vitais para o destino da geopolítica mundial. Nas próprias palavras de Mackinder: “Quem domina o Europa Oriental comanda o *Heartland*: “Quem domina o *Heartland* domina a Ilha-Mundo: Quem domina a Ilha-Mundo comanda o Mundo”. MACKINDER, Halford J. **Democratic Ideals and Reality: A Study in the Politics of Reconstruction**. National Defense University Press: Washington D.C. p. 106, 1996.

A estrutura do presente trabalho está dividida em quatro capítulos, além da Introdução e Considerações Finais. No capítulo dois apresenta-se o embasamento teórico desta pesquisa. Objetivando discorrer sobre às principais características dos hidrocarbonetos no cenário mundial e como estes recursos podem vir a gerar instabilidades e/ou causar conflitos. Onde são abordadas as teorias da Guerra por Recursos e a Geopolítica do Petróleo. No terceiro capítulo, expõe-se como os recursos energéticos vieram a ter papel central na política externa norte americana; e, como configura-se a ampla estratégia de segurança energética estadunidense. No quarto capítulo elucida-se o que vem a ser a Região do Cáspio, sua importância geoestratégica para as disputas energéticas mundiais e, ainda, elenca-se os principais focos de instabilidade internos da região. Já no quinto capítulo, primeiramente, evidencia-se a disputa geopolítica na Região do Cáspio, comumente denominada de “Novo Grande Jogo”; em segundo lugar, elencam-se os principais objetivos e estratégias dos EUA para à região; em seguida, faz-se a análise de como o engajamento estadunidense na região transformou-se em um embate entre potências; e, por fim, apresentam-se as principais motivações estadunidenses nas disputas pelas rotas dos dutos energéticos.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Os conflitos por matérias-primas, no caso deste trabalho com enfoque nas disputas por petróleo e gás, ainda são temas periféricos nos estudos das Teorias de Relações Internacionais. Como bem destaca Fuser (2005, p. 14),

Em contraste com outras questões, como a soberania, as relações de poder entre as potências, as instituições internacionais e a formação de blocos regionais de comércio, a disputa por matérias-primas está longe de constituir um tema de atenção permanente ou prioritária entre os autores no campo das Relações Internacionais (RI).

O tema começou a ganhar relativa importância nas Relações Internacionais (RI) após os dois “Grandes Choques do Petróleo” de 1973 e 1979, entretanto, após a gradual estabilização do mercado petrolífero durante a década de 1980 e início de 1990, o tema novamente perdeu espaço. Apenas no fim da década de 1990, devido ao desequilíbrio entre oferta e demanda do petróleo e à escalada das disputas por influência em regiões petrolíferas chave do globo, como Golfo Pérsico e o Mar Cáspio, é que os conflitos por recursos energéticos voltaram a entrar nas pautas de estudos das RI, todavia, ainda de forma secundária, sem a formulação de um conjunto de conceitos ou teorias aplicadas necessariamente à disputa pelos recursos energéticos (FUSER, 2005).

Dentro desta realidade, este trabalho utilizará como referencial teórico as discussões referentes à escassez ambiental e a Teoria do Pico do Petróleo formulada por Hubbert, seguida e reformulada por autores como Richard G. Miller e Steven R. Sorrell e, como eixos teóricos principais, a Teoria da “Guerra por Recursos” e a Geopolítica do Petróleo, em que se destacam as obras de Michael Klare e Sébille-Lopez.

2.1 O petróleo e a escassez

Como fator vital para a compreensão do valor estratégico do petróleo, é importante mencionar suas características principais. O petróleo, como afirmam Miller e Sorrell (2014, p. 1-2), é um recurso não renovável, cujo processo de formação constitui-se pela decomposição de diversos organismos, constituindo um processo que dura milhões de anos para ser concluído. Outro fator de extrema importância é a sua disponibilidade: o petróleo é encontrado somente em um limitado número de localizações onde uma combinação de condições geológicas coincidiram. Ademais, pode-se destacar a sua combinação inigualável entre preços baixos e alta capacidade de produção de energia por unidade de massa e volume.

A base energética das economias industriais contemporâneas são os vastos suprimentos de combustíveis baratos e, no presente, a ampla maioria destes combustíveis são obtidos do chamado “petróleo convencional”². Como destacam Miller e Sorrell (2014, p. 1), o petróleo hoje é responsável pela terça parte do consumo primário de energia e corresponde a cerca de 95% dos combustíveis utilizados para os meios de transporte. Nas suas próprias palavras, “[...] a critically important sector where there are no easy substitutes”³.

Em seu livro, *“The Prize: The Epic Quest for Oil, Money, and Power”*, Daniel Yergin (1991, p. 13) conta a história da indústria do petróleo do século XIX até 1990 e, logo em seu prólogo, afirma que a indústria petrolífera moldou completamente os rumos do século XX. Período em que, para ele, o petróleo se tornou o maior e mais difusivo negócio no mundo e sua expansão, ao longo desse século, foi fundamental para as evoluções das estratégias corporativas e tecnológicas do mercado, das economias nacionais e da própria economia internacional. Yergin, deixa claro que nenhuma outra atividade comercial influencia tão duramente o mercado, definindo os riscos e oportunidades, além de seu impactar profundamente no acaso e destino das economias, como o petróleo. Nesta mesma linha de raciocínio, Fuser expõe que

É difícil exagerar sua importância econômica. Tanto para os países quanto para muitas empresas e indivíduos, petróleo é sinônimo de riqueza. Nenhum outro produto tem importância tão decisiva no funcionamento da economia mundial. Uma simples variação no preço pode representar o início de uma fase de crescimento, ou, ao contrário, lançar o mundo na recessão (2013, p. 29).

Entretanto, o processo de crescimento da indústria petrolífera está intrinsecamente ligado ao vertiginoso crescimento industrial no mundo durante o século XX e às preocupações em relação à escassez e aos desequilíbrios ambientais, os quais começaram a ganhar ênfase na segunda metade do século XX. Em 1972, um grupo de acadêmicos, conhecidos como Clube de Roma, lançou o livro *“The Limits to Growth”*⁴, que alertava sobre os perigos do atual modelo produtivo mundial para o futuro da humanidade. Eduard Pestel (1972, p. 1), um dos integrantes do grupo, descreve as principais tendências das preocupações globais, apontadas pelo Clube de Roma, para a criação do modelo proposto, sendo elas: aceleração da industrialização, rápido crescimento populacional, fome generalizada, deterioração ambiental e esgotamento dos recursos não renováveis.

² É o petróleo explorado através de poços de petróleo, ou seja, extraído na superfície terrestre.

³ “Um setor criticamente importante, onde não existem fáceis substitutos” (tradução nossa).

⁴ “Os Limites do Crescimento” (tradução nossa)

Como conclusões dos estudos, Pestel (1972, p. 1), em seu resumo, evidencia que, se se manterem as presentes tendências de crescimento exponencial⁵ (populacional, industrial, nos índices de poluição e na produção de alimentos), além do processo de esgotamento dos recursos não renováveis, os limites do crescimento no planeta vão ser alcançados dentro dos próximos cem anos⁶.

Com a evidente importância vital do petróleo para a geopolítica e economia mundial, preocupações relativas à escassez deste recurso estratégico são cada vez mais correntes nos debates acadêmicos e, também, pauta fundamental das grandes empresas petrolíferas e Estados, como destaca Fuser:

O risco de escassez negado pelo establishment até a segunda metade da década passada, hoje é consensual, incorporado nos relatórios das empresas petroleiras e de organismos oficiais como a AIE (Agência Internacional de Energia). Ganha espaço entre os estudiosos a ideia de que os esforços para ampliar a extração nos poços de petróleo se deparam com (...) – os limites físicos à exploração de qualquer recurso mineral não renovável (...). O mundo estaria, assim, perto de atingir o “pico” da produção petroleira, um ponto limite a partir do qual os volumes obtidos deverão permanecer estagnados por certo tempo – o chamado plateau – e, em seguida, declinar de modo inexorável (2013, p. 76).

A teoria do “pico do petróleo”, elaborada por Martin King Hubbert (1903-1989) em 1956, em sua atual formação, é “[...] bastante simples. Argumenta que a produção mundial encontra-se atualmente no (ou próximo ao) nível mais alto que poderá alcançar (...) e que estamos nos aproximando do ponto de declínio iminente” (YERGIN, 2014, p. 245).

Yergin compreende que a escassez do petróleo e a própria teoria do pico não passam de um mito. Em seu livro “A Busca” (2014, p. 241-250), ele evidencia que, por pelo menos cinco vezes na história do petróleo, foram alertados iminentes riscos de escassez e todas elas foram desmentidas por novos aumentos nos índices de produção e/ou novas descobertas de reservas. Sua compreensão frente aos desafios da oferta do petróleo é de claro viés liberal, acreditando que serão superados pelas forças de mercado e pelo desenvolvimento de novas tecnologias para a exploração. Em suas próprias palavras,

A atividade aumenta quando os preços sobem; a atividade diminui quando os preços caem. Preços mais altos estipulam a inovação e encorajam as pessoas a encontrarem formas novas e criativas de aumentar a oferta. As reservas provadas de que se tanto se fala não são apenas um conceito econômico – quanto pode ser recuperado pelos preços predominantes – e são contabilizadas apenas quando se fazem investimentos. E trata-se de um conceito tecnológico, pois os avanços na tecnologia farão com que

⁵ Crescimento exponencial é um fenômeno dinâmico, que se trata de elementos que mudam ao longo do tempo (PESTEL, 1972, p. 1).

⁶ Texto originalmente escrito em 1972.

recursos que não eram fisicamente acessíveis ou economicamente viáveis tornem-se recuperáveis (YERGIN, 2014, p. 249).

Richard G. Miller e Steven R. Sorrell (2014, p. 12), partidários da teoria do pico do petróleo, rebatem estes posicionamentos. Primeiramente, afirmam que o petróleo, hoje, passa por um processo de renda marginal decrescente, no qual, apesar das melhorias contínuas nas tecnologias de exploração, a maior parte dos campos gigantes já foi descoberta há décadas e as recentes descobertas são cada vez menores, tornando-se um desafio cada vez maior encontrar novas reservas e produzir. Dentro deste processo, petróleo de menor qualidade, com impurezas, começa a ser extraído com maior frequência e os rendimentos e a própria efetividade do combustível vêm caindo substancialmente, evidenciando a crescente necessidade do emprego de tecnologias e a dificuldade de produzir em altas quantidades. Este processo é comumente denominado de “fim da era do petróleo barato”. Os autores apontam que os índices de queda na produção são maiores que a quantidade de descobertas:

[...] the average rate of decline from post-peak⁷ fields is a critical determinant of regional and global investment needs and future oil supply. Recent studies of globally representative samples of post-peak crude oil fields find a production-weighted average decline rate of at least 6.5% per year. This is lower than the average decline rate, since larger fields tend to decline more slowly⁸ (MILLER; SORRELL, 2014, p. 13).

Outros dois pontos importantes para serem destacados no debate, levantados por Miller e Sorrell (2014, p. 13), são: primeiro, a causa dos índices de declínio das gigantes reservas do Oriente Médio serem baixas, que está relacionada aos constantes conflitos e desequilíbrios regionais ao longo da história. Em segundo, as novas reservas descobertas e as reservas *offshore*⁹ tendem a declinar seus índices de produção mais rapidamente que as antigas reservas.

Com o abissal crescimento da produção de óleo de xisto nos Estados Unidos, de 2007 para cá, uma onda de otimismo tomou conta de muitos estadunidenses e as preocupações pertinentes à escassez e à dependência estadunidense de recursos energéticos importados foram automaticamente sanadas para muitos analistas. Os pesquisadores Ladislaw, Leed e Walton (2014, p. vi) refletem este clima de euforia frente à fonte alternativa de energia:

⁷ Trata-se dos campos de petróleo que ultrapassaram seu pico de produção.

⁸ “[...] a taxa média de declínio dos campos pós-pico é um determinante crítico das necessidades de investimento regional e global e de provisão de petróleo futuro. Estudos recentes de amostras globalmente representativas de campos de petróleo bruto pós-pico mostram uma taxa de declínio média de produção de, pelo menos, 6,5% por ano. Isso é mais baixo que a taxa de declínio média, uma vez que campos maiores tendem a declinar mais lentamente” (tradução nossa).

⁹ Extração de petróleo em solo oceânico.

U.S. "tight oil" and shale gas production along with slower demand growth has decreased the United States' need for imports. As a result, traditional U.S. suppliers are increasingly servicing other markets. At the same time that U.S. energy imports are falling, its exports are rising. New sources of energy are also altering commercial competitiveness and investment decisions for both companies and countries. As a result, the hierarchy of energy projects is being reordered, at least temporarily shifting capital investments to the U.S. energy sector and away from more expensive and/or risky locations. The sudden surge in U.S. energy supply and consequent reduction in natural gas prices have made North America among the most attractive and competitive places in the world to locate energy intensive endeavors¹⁰.

Miller e Sorrell (2013, p. 19) interpretam a rápida expansão do óleo de xisto como um poderoso exemplo de como a tecnologia, incentivada pela alta dos preços, pode proporcionar mudanças no setor energético e compensar o esgotamento. Para eles, entretanto, o óleo de xisto ainda está em um estágio inicial de desenvolvimento e suas perspectivas futuras continuam excessivamente incertas. E, de acordo com as evidências atuais, parece improvável que o óleo de xisto possa compensar o esgotamento do petróleo bruto por um período prolongado, pois as reservas, por ora, parecem relativamente modestas. Ademais, o xisto possui taxas elevadas de declínio de produção, tornando-se um desafio sustentar a produção em longos prazos. "The tight oil 'revolution' has provided some short-term relief, but seems unlikely to make a significant difference in the longer term"¹¹ (MILLER, SORRELL, 2013, p. 24, grifo do autor).

Após a ascensão do óleo de xisto nos EUA, a discussão relativa ao pico do petróleo está ainda mais distante de um consenso entre os geólogos. Através da observação de diversos estudos, tanto de entusiastas do pico do petróleo como dos que o negam veementemente, as reservas de petróleo não acabarão em médio-curto prazo. Contudo, conceitos como o fim da era do petróleo barato reforçam as preocupações alusivas às disputas pela detenção desta riqueza. A seguir serão abordadas as principais fontes de conflitos motivados pelos recursos naturais.

¹⁰ "A produção estadunidense de gás e óleo de xisto juntamente com um crescimento desacelerado da demanda diminuiu a necessidade dos Estados Unidos de importar. Como resultado, os tradicionais fornecedores dos Estados Unidos estão cada vez mais atendendo outros mercados. Ao mesmo tempo que as importações de energia dos EUA estão caindo, as suas exportações estão aumentando. As novas fontes de energia também estão alterando a competitividade comercial e decisões de investimentos para ambas as empresas e países. Como resultado, a hierarquia de projetos de energia está sendo reordenadas, pelo menos deslocando temporariamente investimentos de capital para o setor energético dos próprios EUA e cada vez mais longes das regiões mais caras e de risco. O aumento repentino dos suprimentos energéticos dos Estados Unidos e a consequente redução no preço do gás natural tem feito da América do Norte um dos lugares mais atrativos e competitivos do mundo para localizar esforços intensivos no setor energético" (tradução nossa).

¹¹ "A 'revolução' do óleo de xisto forneceu certo alívio de curto prazo, mas parece pouco provável que faça uma diferença significativa, a longo prazo" (tradução nossa).

2.2 Guerra por recursos escassos

Na década de 1990, surgiram teorias relacionadas aos conflitos impulsionados pelas mudanças climáticas/ambientais e pela escassez de recursos, sendo Thomas Homer-Dixon grande precursor desta linhagem de pesquisa. Homer-Dixon, no entanto, compreende que os conflitos relacionados à escassez e mudanças climáticas se restringiriam às disputas por recursos renováveis e, principalmente, em países periféricos. Em suas próprias palavras,

The violence will usually be sub-national, persistent, and diffuse. Poor societies will be particularly affected since they are less able to buffer themselves from environmental scarcities and the social crises they cause. These societies are, in fact, already suffering acute hardship from shortages of water, forest and especially fertile¹² (1994, p. 6).

O teórico dos conflitos por escassez elenca seis tipos de mudanças climáticas plausíveis de ocasionarem violentos conflitos (1994, p. 6), quais sejam:

- Mudança climática induzida pelo efeito de estufa;
- Deterioração da camada de ozônio;
- Degradação de terras férteis;
- Degradação e eliminação de florestas;
- Poluição e esgotamento de suprimentos de água limpa; e,
- Esgotamento das pescas.

Também sistematiza três tipos de conflitos ocasionados pela degeneração ambiental, sendo eles, conflito de escassez simples (*simple scarcity conflict*), conflitos étnicos (*group-identity conflicts*) e conflitos por necessidades básicas (*relative-deprivation conflicts*) (HOMER-DIXON, 1991, p. 106).

Os conflitos de escassez simples ocorrem quando os atores estatais calculam seus interesses racionalmente através dos princípios da soma-zero¹³ ou soma-negativa¹⁴, em situações em que a escassez de recursos está iminente, principalmente, por três tipos de recursos específicos: água, peixe e terras férteis. Para Homer-Dixon, a escassez destes recursos

¹² “A violência vai ser geralmente subnacional, persistente e, difusa. Sociedades pobres vão ser particularmente afetadas uma vez que são menos capazes de se protegerem da escassez ambiental e, das crises sociais por ela causadas. Estas sociedades estão, de fato, sofrendo acentuada dificuldade impostas pela escassez de água, florestas e especialmente solos férteis” (tradução nossa).

¹³ Em teoria dos jogos, jogos de soma-zero correspondem a jogos em que quando um jogador vence o outro necessariamente perde.

¹⁴ Em teoria dos jogos, jogos de soma-negativa correspondem a jogos em que a soma total é negativa, ou seja, ambos os jogadores perdem.

renováveis é propícia para deflagrar um conflito interestatal, pelo fato de serem recursos fisicamente controláveis. Como grande exemplo deste tipo de conflitos, o autor cita o imbróglio entre Síria e Turquia, mentora do controverso projeto da Grande Anatólia¹⁵ (1991, p. 106-108).

Já os conflitos étnicos são causados pelos movimentos migratórios de larga escala motivados por eventuais mudanças climáticas. Com diferentes grupos étnicos interagindo em circunstâncias de depravação e estresse, pode-se esperar mobilizações hostis entre os diferentes grupos étnicos. Outra questão pontuada por Homer-Dixon são as migrações de pessoas provenientes das periferias para os grandes centros industriais. Estes movimentos migratórios tendem a acarretar reações xenofóbicas dos nacionais (1991, p. 106-108).

Por fim, os conflitos por necessidades básicas ocorrem quando países em desenvolvimento produzem menos riquezas devido a problemas ambientais e, devido à queda nos índices econômicos e de riqueza nacional, seus cidadãos se rebelam ou insurgem contra o governo por causa do abismo crescente entre o nível de suas riquezas e o nível que eles acreditam ser o necessário para sobrevivência.

2.3 Guerra por recursos abundantes

O geógrafo francês Phillipe Le Billon (2000, p. 23), também adepto da teoria das “guerras por recursos”, compreende que não só as condições de escassez podem causar conflitos, mas também, a abundância dos mesmos pode ocasionar igualmente ou até mais conflitos, pois quando a exploração de uma riqueza depende do aparelho estatal e/ou de controle territorial, grupos antagonistas vão recorrer à violência para controlar as receitas.

Deste modo, se levarmos em consideração que o consumo – e, conseqüentemente, a demanda – por diversos recursos estratégicos vem crescendo vertiginosamente nos últimos 50 anos, por causa dos novos países industrializados na Ásia (principalmente) e América Latina. Conflitos, armados ou não, pelo controle destas fontes de riqueza tendem a ocorrer.

¹⁵ Amplo projeto de engenharia hidráulica, no Rio Eufrates, realizado pela Turquia, para a construção de hidrelétricas e sistemas de irrigação. A retenção, por meio das barragens, prejudica o fornecimento de água para Síria e Iraque, ocasionando um delicado problema geopolítico na região.

2.3.1 Problema da abundância de recursos para os governos

De acordo com Le Billon (2000, p. 23) e Michael Ross (2003, p. 7), a abundância de recursos naturais pode ser um agravante para o desencadeamento de guerras civis, pois geralmente com ela estão as suscetíveis baixas ou reduções nos índices de crescimento econômico, assim como o aumento da pobreza, menos democracia e, ainda, o comportamento ganancioso das elites concorrentes. Le Billon compreende que, economicamente, a abundância de recursos naturais

[...] is generally associated with poor economic performance and greater socio-economic inequalities. Resource poor economies often grow faster than resource rich economies. The economy of a resource rich country can be affected by ‘Dutch disease’, where the nonresource sector shrinks because talent and investment is ploughed into the resource sector and into rent seeking activities¹⁶ (most non-tradable) rather than into productive activities¹⁷ (2000, p. 23, grifo autor).

Ainda, Le Billon (2000, p. 23) e Ross (2003, p. 7) afirmam que a dependência das receitas dos recursos naturais influencia profundamente a política econômica e seus governantes, que tendem a ser mais suscetíveis aos conflitos por estes recursos. Para Ross (2003, p. 7-14) isto ocorre através de três mecanismos: corrupção, governo fraco e pouca transparência governamental.

No que se refere à corrupção, Ross afirma que há fortes evidências que, quando a maior parte das receitas provém dos recursos naturais, como o petróleo, é mais provável que os governos sejam corruptos. A riqueza provinda destes recursos muitas vezes inunda os caixas governamentais e ocasiona uma situação *sui generis*, qual seja, mais receita do que a própria estrutura destes Estados é capaz de gerenciar e distribuir adequadamente. Há, ainda, a dificuldade por parte da população em monitorar o processo de gerenciamento e recolhimento destas receitas, fato que, por sua vez, apresenta relativa facilidade para a ação de funcionários corruptos.

¹⁶ *rent-seeking* ou busca de renda, significa a tentativa de aumentar a sua parte da riqueza existente sem criar nova riqueza. *Rent-seeking* resulta na diminuição da eficiência econômica através da falta de alocação de recursos, a reduzida criação de riqueza real, perda de receita do governo, o aumento da desigualdade de renda, e (potencialmente) declínio nacional.

¹⁷ “[...] está geralmente associada com mau desempenho econômico e maiores desigualdades socioeconômicas. Economias pobres de recursos muitas vezes crescem mais rápido do que as economias ricas em recursos naturais. A economia de um país rico em recursos pode ser afetada pela "Doença Holandesa", onde os setores que não envolvem os recursos naturais retrocedem porque os investimentos e talentos estão em choque com os setores ligados aos recursos naturais e com atividades de busca de renda (a maioria não comercial), em vez de em atividades produtivas” (tradução nossa).

Já em relação aos governos fracos, Ross entende que as receitas dos recursos naturais podem, ironicamente, enfraquecer os governos, fazendo deles menos aptos a resolverem distúrbios e proverem programas sociais. Isto pode acontecer pela ineficiência burocrática do país, ocasionando na incapacidade do governo em prover as garantias básicas à população – aumentando as chances de erupções sociais.

Por fim, no que se refere à transparência governamental, Ross entende que os governos cuja receita está baseada nos recursos naturais tornam-se menos democráticos e, conseqüentemente, a transparência desses Estados é significativamente menor que países onde as receitas são providas de diversas fontes. Isto ocorre, mais frequentemente, devido às grandes receitas, quando os governos acabam usando parte do superávit para sufocar os movimentos dissidentes. Em diversos casos, os governantes cortam ou reduzem os impostos, assim, a população torna-se menos propensa a exigir as prestações de contas do governo. Outro fator, não menos importante, é a tendência destes governos em gastar grandes fatias do orçamento público em dispêndios militares, que também ajudam a reprimir a dissidência.

Sobre os governos e os recursos abundantes, Philippe Le Billon (2000, p. 25), entende que:

Politically, resource rents provide leaders with a classic means for staying in power by establishing a regime organised through a system of patronage that rewards followers and punishes opponents. Clientelist networks linked to the resource sector thus shape power politics. Such regimes can divest themselves of the need for popular legitimacy by eliminating the need for broad-based taxation of a diversified formal economy, finance a repressive security apparatus, and reward a close circle of supporters and/or the general population¹⁸.

Le Billon (2000, p. 25), ainda, lista os efeitos econômicos e institucionais da abundância de recursos:

- Fraco crescimento econômico;
- Negligência em outros setores da econômica;
- Alto nível de desigualdade social;
- Instituições governamentais corruptas;
- Alta ineficiência econômica;
- Má gestão orçamental;

¹⁸ “Politicamente, as receitas dos recursos fornecem aos líderes um meio clássico para permanecer no poder, estabelecendo um regime organizado através de um sistema de patrocínios que presenteia seus seguidores e pune os adversários. Redes de clientelismo ligadas ao setor de recursos naturais, deste modo moldam as políticas de poder. Tais regimes podem despojar-se da necessidade de legitimidade popular, eliminando a necessidade de tributação de base ampla de uma economia formal diversificada, financiar um aparelho de segurança repressivo, e recompensar um círculo íntimo de apoiantes e / ou a população em geral” (tradução nossa).

- Elevado nível de endividamento, devido ao excesso de otimismo nas previsões de receita futuras e a utilização destas receitas futuras como garantia para empréstimos; e,
- Alta vulnerabilidade em relação a choques externos, principalmente às quedas de preços das commodities.

2.3.2 Abundância de recursos e os movimentos de secessão

Para Michael Ross (2003, p. 15), regiões providas de riquezas naturais tendem a promover guerras civis, pois a posse destes recursos torna-se um incentivo à população que vive nessas áreas para fundar um Estado separado. “Neste caso, a captura do objetivo não requer o controle de todo o país, mas apenas a soberania de fato dos territórios necessários para controle de recursos e do comércio” (LE BILLON, 2000, p. 27).

Entretanto, Ross (2003, p. 15) ressalta que estas regiões que têm suas insurreições baseadas no discurso da posse das riquezas naturais possuem particularidades. Uma delas é que, antes dos recursos serem tomados, as populações destas áreas possuem identidade diversa do restante do Estado, quer seja, religiosa, linguística ou étnica. Outra particularidade está relacionada aos custos sociais ocasionados pelo processo de extração destes recursos, desde a expropriação de terras até a imigração de trabalhadores de outras partes do país. “These essential features – an ethnically distinct population that bears too many of the costs of resource extraction, and enjoys too few of the benefits – are repeated in most of the other cases and have repeatedly led to long and bitter civil wars”¹⁹ (ROSS, 2003, p. 17).

O estudo dirigido pelo *United States Institute of Peace* (Instituto da Paz dos Estados Unidos), publicado em 2007, sobre conflitos e recursos naturais, também aborda a questão dos movimentos de secessão e destaca que, mesmo quando os recursos naturais não são a fonte primária do conflito, sua disponibilidade pode agravar os problemas. “Severe divides between ethnic and religious groups within a country can magnify wealth inequalities, and the competition for political and economic dominance between the groups can lead to conflict”²⁰ (UNITED STATES INSTITUTE OF PEACE, 2007, p. 9).

¹⁹ “Estas características essenciais – uma população etnicamente distinta que sofre muito dos custos de extração destes recursos, e goza de muito poucos dos benefícios – são repetidos na maioria dos casos e têm frequentemente levado a longas e duras guerras civis” (tradução nossa).

²⁰ “Grandes divisões entre grupos étnicos e religiosos dentro de um país podem ampliar as desigualdades de riqueza, e a competição pelo domínio político e econômico entre os grupos podem levar ao conflito” (tradução nossa).

Por fim, outra questão importante mencionada por Le Billon (2009, p. 18) são os aspectos identitários de uma nação e sua relação histórico-cultural com estes recursos e região. Para ele, este aspecto é muitas vezes deixado de lado devido ao seu fator qualitativo, entretanto, nem sempre impossível de medir seu impacto perante as populações.

2.3.3 Recursos abundantes, interesses e intervenções externas

A abundância de recursos também pode motivar intervenções estrangeiras. Coalizões formadas pela combinação de políticos locais ou grupos dissidentes, Estados estrangeiros, corporações internacionais, mercenários, entre outros atores externos, podem intervir em prol de seus interesses comerciais (LE BILLON, 2000, p. 28).

These interventions can take the form of assistance to coup d'état and electoral fraud, support to local insurrections, or annexation by military force. In most cases, foreign powers and commercial associates hide the geopolitical and commercial agendas motivating such meddling by the need to restore 'order and stability', if not democracy and international law²¹ (LE BILLON, 2000, p. 28, grifo nosso).

Dentre os exemplos citados por Le Billon (2000, p. 29), encontram-se a invasão iraquiana ao Kuwait em 1991, a associação de banqueiros tailandeses com uma empresa britânica de segurança para reinstaurar o presidente de Serra Leoa em 1997, a guerra da República do Congo e os interesses da petrolífera francesa Elf Aquitaine e também da própria intervenção do governo angolano no conflito.

Para Le Billon (2000, p. 29), a participação do setor privado é decisiva, pois na maioria das vezes os beligerantes dependem das corporações para explorarem e também comercializarem os recursos locais. Uma grande variedade de investidores e corporações externas podem intervir nestes conflitos, desde pequenos empreendedores provenientes de Estados vizinhos até grandes corporações transnacionais. A intensidade dessas intervenções também varia, desde intermediações até operações completamente integradas, incluindo suporte político e fornecimento de armamento.

Macartan Humphreys (2005, p. 511) compreende que em cenários de guerras civis em países detentores de abundantes recursos, além das ambições dos beligerantes, a existência de

²¹ “Essas intervenções podem assumir a forma de assistência para golpes de Estado e fraudes eleitorais, o apoio às insurreições locais, ou anexação pela força militar. Na maioria dos casos, as potências estrangeiras e associados comerciais escondem suas agendas comerciais e geopolíticas que motivam essa intromissão pela necessidade de restauração da "ordem e da estabilidade, se não a democracia e o direito internacional” (tradução nossa, grifo nosso).

recursos naturais também pode incentivar a participação de terceiros – Estados e corporações – envolvendo-se diretamente ou mesmo fomentando conflitos civis.

No que se tange à influência externa na duração de guerras civis, Humphreys (2005, p. 517) entende que, da mesma forma que os atores externos (Estados, corporações e Organismos Internacionais) podem exercer pressão em prol da resolução de conflitos, os incentivos dos mesmos podem determinar a duração dos conflitos. Para ele, os Estados vizinhos podem prover asilo para bases rebeldes em regiões de fronteira, além de prover suporte logístico para um dos beligerantes. Assim como serem mediadores, para Humphreys, “[...] not only have the rebels not come under pressure from these sources, but they have benefited financially and militarily from their relations with them”²² (2005, p. 517).

Por último, um procedimento bastante comum, utilizado pelos grupos insurgentes para financiar seus esforços de combate, é vender os “espólios futuros” para atores externos. Este método de financiamento compreende em vender recursos que ainda não estão sob seu controle, mas que os vendedores esperam capturar ao longo do conflito (ROSS, 2003, p. 21-22).

Since these transactions are for the sale of future exploitation rights, they might be called “booty futures.” They are similar to other types of commodity futures. But while normal markets for commodity futures – like the Chicago Board of Trade – are formal, regulated, centralized at a single location, and have many buyers and sellers, the wartime market for booty futures is informal, often covert, has no fixed location, and includes a relatively small number of actors²³ (ROSS, 2003, p. 22).

Na opinião de Ross (2003, p. 22), este mercado de espólios futuros pode ajudar nos problemas de financiamento que os movimentos rebeldes encontram ao longo das guerras civis. Mesmo os grupos insurgentes que não possuem dinheiro algum – mas com condições de conquistar uma região rica em recursos – podem negociar o direito futuro de exploração dessas regiões, quer seja para um Estado vizinho ou corporação internacional. Assim, os rebeldes financiados equipam-se para ter a capacidade de iniciar um conflito, conquistar os territórios prometidos e, claro, seus próprios objetivos políticos.

Ross (2003, p. 23) ainda acredita que além de ajudar a iniciar conflitos armados, este tipo de mercado pode prolongá-los, pois, se um dos lados em uma guerra civil estiver perto de

²² “[...] não só os rebeldes não estão sob pressão destas fontes, mas eles têm se beneficiado financeiramente e militarmente de suas relações com eles” (tradução nossa).

²³ “Uma vez que essas transações são para as vendas de explorações futuras, que podem ser chamadas de “espólios futuros”. Elas são similares a outros tipos de commodities futuras. Mas enquanto os mercados normais de commodities futuras – como a Bolsa do Clima de Chicago – são formais, reguladas, centralizadas em uma localização única, e possuem vários vendedores e compradores, o mercado de futuros espólios em tempos de guerra é informal, muitas vezes encoberto, não possui locais fixos, e inclui um número relativamente pequeno de agentes” (tradução nossa).

ser derrotado, poderá tentar vender o direito futuro de exploração de determinada região. Deste modo, “[a]gain, the sale of booty futures can have self-fulfilling properties: the sale of future rights enables the army to actually capture or hold the resource itself. Instead of being defeated or forced to the negotiating table, the army is able to continue fighting – thus lengthening the war”²⁴ (ROSS, 2003, p. 23, grifo nosso).

2.4 Geopolítica da guerra por recursos

Se, ao longo da década de 1990, o debate pelos conflitos esteve diretamente relacionado à esfera doméstica, devido ao fato de a maioria dos conflitos armados no período terem sido travados por rivalidades étnicas (FUSER, 2005, p. 17), com a virada do século e a intensificação das disputas entre Estados em regiões estratégicas – como Golfo Pérsico e a bacia do Mar Cáspio – o tema passou a ser tratado em outra esfera, mesmo que de forma incipiente e pouco sistematizado sob o ponto de vista teórico das Relações internacionais (FUSER, 2005, p. 17-18).

Como afirma Fuser (2005, p. 26), quem elaborou de modo mais sistemático a hipótese da “guerra por recursos”²⁵, em âmbito global, foi o norte-americano Michael Klare que se destacou, autor de numerosos artigos e de quatro livros importantes sobre a temática, quais sejam, *Resource Wars* (2001), *Blood and Oil* (2004), *Rising Powers, Shrinking Planet* (2008) e *The Race of What’s Left* (2011).

Para Klare (2001, p. 49), três fatores são fundamentais para a compreensão dos conflitos sobre recursos: a expansão da demanda por recursos energéticos, somados à possibilidade real de escassez; os constrangimentos geográficos e suas implicações; e as políticas de segurança energética adotadas pelos diversos Estados, com ênfase nos Estados Unidos.

Primeiramente, a expansão da demanda é um fator chave na determinação da frequência de conflitos por petróleo e em suas características, que também têm relação com a oferta e demanda desse produto no mercado mundial. Se a demanda ultrapassar os suprimentos de petróleo, a probabilidade de fricções e conflitos subirá substancialmente. No século XXI, o consumo por petróleo vai continuar crescendo, muito devido ao desenvolvimento de áreas como

²⁴ “[n]ovamente, a venda de espólios futuros pode ter propriedades autorrealizáveis: a venda dos direitos futuros habilita o exército a capturar efetivamente ou manter os próprios recursos. Invés de ser derrotado ou forçado a negociação, o exército está apto para continuar lutando – assim, prolongando a guerra” (tradução nossa).

²⁵ O termo “Guerra por Recursos” foi utilizado pela primeira vez “nos EUA no começo de 1980 em referência às ameaças soviéticas sobre o acesso estadunidense do petróleo do Oriente Médio e dos minerais africanos” (LE BILLON, 2004, p. 1, tradução nossa). E compreende que os “conflitos armados giram em torno, em grau significativo, sobre a perseguição ou posse de materiais críticos” (LE BILLON, 2004, p. 1, tradução nossa).

Ásia e América Latina, onde Klare (2001, p. 38) afirma que o rápido crescimento de seus respectivos setores industriais está gerando uma enorme demanda por energia e combustíveis.

De modo complementar, Klare (2011, p. 1617) entende que as reservas de petróleo irão se contrair. Ele admite que exista um forte debate sobre quando a produção petrolífera atingirá o pico e então cairá seus níveis. Entretanto, para ele, poucos duvidam que tal inversão é provável em um futuro não muito distante. Sobre o “petróleo não convencional” (tais como as areias betuminosas do Canadá, petróleo pesado da Venezuela e o óleo de xisto) e as descobertas de novos campos, Klare entende que estas somente irão compensar parte do declínio subsequente, mas não poderão impedir uma eventual contração da oferta de petróleo líquido. Por isso a concorrência para o fornecimento de petróleo restante vai se tornar cada vez mais acirrada.

Em segundo, os constrangimentos geográficos, para Klare, são outro fator fundamental para o risco de deflagração de conflitos armados por recursos energéticos. Com o empobrecimento das reservas de petróleo, o foco dos Estados na competição global por petróleo vai crescer vertiginosamente nas áreas que continuarão a conter reservas significantes de petróleo. Klare afirma que estas áreas vão ganhar maior importância estratégica, assim como as áreas de rotas de trânsito, pois instabilidade e desordem nessas áreas podem impedir o fluxo contínuo de petróleo, podendo acarretar, deste modo, intervenções de potências externas.

Conflitos armados também podem ocorrer no caso de disputas por zonas fronteiriças detentoras de reservas, como, por exemplo, o caso das reservas do Kuwait próximas à fronteira iraquiana, que motivaram a invasão mobilizada por Saddam Hussein em 1990. Áreas de produção *offshore* contestadas, como o Mar Cáspio, também podem ser motivo para o recurso das armas.

Em terceiro lugar, as atuais políticas de Segurança Energética também podem ser um agravante para fricções e até mesmo conflitos armados. Klare (2001, p. 32-33) ressalta que os dois Grandes Choques do Petróleo (1973 e 1979) influenciaram demasiadamente as percepções das políticas de segurança nacional das grandes potências industriais que começaram a perceber a vital importância da segurança energética, pois novas interrupções poderiam ocorrer. Assim, para minimizar a vulnerabilidade frente aos recursos energéticos, a procura por novas fontes de energia e mercados de petróleo passaram a fazer parte das pautas de Defesa Nacional destes países. Nos EUA, estratégias de cunho defensivo também foram criadas, como o caso da *Strategic Petroleum Reserve* (Reserva Estratégica de Petróleo), que consistia na estocagem de milhões de barris de petróleo.

Klare (2001), no entanto, ressalta que as medidas estadunidenses não se restringiram à defesa e, por conseguinte, as possibilidades de intervenção militar para proteger as reservas e

garantir os fluxos contínuos destes recursos estratégicos passaram a ser ponderadas. Esta postura ofensiva ficou clara com a Doutrina Carter, que previa o uso da força militar contra qualquer adversário que impedisse o fluxo de petróleo da região do Golfo Pérsico. Vinte anos após sua formulação, a Doutrina Carter foi invocada após a invasão iraquiana no Kuwait e, rapidamente, uma gigantesca operação aeronaval repeliu as tropas iraquianas de um importante fornecedor de petróleo para os EUA. Desde a Operação Tempestade do Deserto, Klare (2001, p. 34) ressalta que os líderes norte americanos continuam a dar extrema importância à segurança das reservas e rotas de transporte do petróleo, em prol da estabilidade da economia mundial. Conforme o autor destaca, “In accordance with this outlook, the United States has beefed up its forces in the Gulf and taken other steps to protect friendly powers in the area. At the same time, Washington has enhanced its capacity to intervene in the Caspian Sea region and in other areas holding large supplies of oil”²⁶ (KLARE, 2001, p. 34).

Estes fatores vão determinar a natureza e localização dos futuros conflitos por petróleo e, cada um deles, isoladamente considerados, é capaz de gerar uma escalada de conflito, contudo, a combinação dos três acarretará em alto risco de guerra. Para Klare (2001, p. 23), em muitos casos, sem dúvida, esses conflitos serão resolvidos sem o recurso da violência, com as nações envolvidas chegando a uma solução negociada para a problemática.

Global Market forces will tend to encourage such an outcome: the perceived economic benefits of compromise are generally much greater than the likely costs of war, and so most states will choose to pull back their maximum demands if they can be assured of a reasonable slice of the resource pie²⁷ (KLARE, 2001, p. 23).

Entretanto, Klare (2001, p. 23) afirma que as forças de mercado e as resoluções de conflito por negociação nem sempre vão funcionar. Para ele, em muitos casos, os recursos em disputa serão vistos de forma tão essencial para a sobrevivência do Estado e/ou para a qualidade de vida do mesmo que as soluções pacíficas serão impensadas. Deste modo, a preferência pela segurança nacional sempre irá prevalecer sobre as resoluções de conflitos por meio de negociação, que poderiam ser vistas como a cessão do Estado frente aos seus interesses nacionais vitais.

²⁶ “De acordo com este panorama, os Estados Unidos aumentaram suas forças no Golfo e deram outros passos para proteger poderes amigos na área. Ao mesmo tempo, Washington reforçou sua capacidade de intervir na região do Mar Cáspio e em outras áreas donas de grandes jazidas de petróleo” (tradução nossa).

²⁷ “As forças de mercado globais tenderão a incentivar tal resultado: os benefícios econômicos percebidos dos compromissos são geralmente muito maiores do que os custos prováveis da guerra, e assim a maioria dos Estados irá escolher retirar suas demandas máximas se puderem ter uma fatia razoável da torta de recursos” (tradução nossa).

A iminência de conflitos nas principais regiões produtoras será evidente no futuro, mas o risco será ainda maior nas áreas em que os suprimentos de petróleo coincidirão com os interesses dos Estados Unidos e das grandes potências regionais, como Rússia e China. Este perigo será maior na vasta região triangular abarcando o Golfo Pérsico à Oeste, Mar Cáspio ao Norte e o Mar do Sul da China ao Leste. Klare entende que:

Within this “Strategic Triangle” can be found some of the world’s largest concentrations of petroleum, along with numerous territorial disputes and the clashing security interests of powerful states. Incorporated within the Strategic Triangle are three major oil-producing areas: the Persian Gulf, possessing approximately 65 percent of the world’s known petroleum reserves; the Caspian Sea basin, producing little petroleum at present but possessing huge reserves of oil and natural gas; and East Asia, containing a number of existing fields and housing potentially large reserves in the South China Sea²⁸ (KLARE, 2001, p. 49).

Vale ressaltar que a visão de Michael Klare não é exageradamente determinista. Para ele, a competição por recursos não será a única fonte de conflitos no século XXI, sendo que outros fatores, como conflitos étnicos, injustiças econômicas e competições políticas, também vão deflagrar períodos de violência. Mas, cada vez mais, estes fatores vão estar conectados às disputas por posse (ou acesso) de recursos vitais (2001, p. 25).

2.5. Geopolítica e petróleo

No que se refere ao conceito de geopolítica aplicado a este trabalho, utilizaremos a definição do geógrafo francês Sébille-Lopez, o qual compreende que:

[...] geopolítica diz respeito, além do aspecto clássico inerente as relações internacionais, a qualquer rivalidade de poderes ou relações de influência sobre um território, quer se trate de conflitos entre Estados que disputam regiões mais ou menos vastas, mas também múltiplos poderes que entram em concorrência, do plano mundial ao plano local, para o controle, direto ou indireto de um país ou de um espaço, mesmo no seio de um país (2006, p. 14).

Portanto, como Sébille-Lopez, entendemos que tanto o território disputado, como as disputas de poder aplicados a ele, podem ser variáveis. Assim, “[...] a análise geopolítica obriga

²⁸ “Dentro deste ‘Triângulo Estratégico’ podem ser encontradas algumas das maiores concentrações de petróleo do mundo, juntamente com numerosas disputas territoriais e o choque de interesses securitários de estados poderosos. Incorporado dentro do Triângulo Estratégico estão três grandes áreas produtoras de petróleo: o Golfo Pérsico, que possui aproximadamente 65 por cento das reservas de petróleo conhecidas do mundo; a bacia do Mar Cáspio, que produz pouco petróleo atualmente, mas que possui enormes reservas de petróleo e gás natural; e a Ásia Oriental, que também detém alguns campos existentes e aloja potenciais grandes reservas no Mar da China Meridional” (tradução nossa).

a recorrer a diferentes níveis de análise espacial e a diferentes ordens de grandeza, que se sobrepõe” (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 14).

Com base neste pressuposto, entramos na discussão sobre a correlação entre petróleo e geopolítica. Para Daniel Yergin (2003, p. 311) nenhuma matéria prima tem laços tão estreitos com a geopolítica,

Mais il est vrai qu'aucune autre matière première n'a des liens aussi étroits avec la géopolitique. On le constate au Moyen-Orient, en Russie, en Chine, en Amérique latine... Dans tous les pays du monde! Le pétrole est, par surcroît, une fenêtre ouverte sur le fonctionnement de l'économie planétaire. La simple observation du marché pétrolier permet de déduire, par exemple, que la croissance ne viendra plus de la France ou des États-Unis durant les dix prochaines années. Elle viendra des nouveaux " globalisateurs ", comme la Chine et l'Inde. Leur demande explose et elle devrait être multipliée par deux au cours de cette période.²⁹

Se, primeiramente, o petróleo era para as potências industriais um tema relacionado à sua política interna e, conseqüentemente, sua segurança nacional, hoje, veio a ser peça chave na trama geopolítica mundial. O petróleo passou a ter este *status* devido à propagação dos atores envolvidos nesta trama, assim como pela crescente interdependência entre os Estados consumidores e produtores e também das empresas petrolíferas (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 9-11).

Sébille-Lopez (2006, p. 11) entende que foi no período posterior à Segunda Grande Guerra Mundial – de grande desenvolvimento tecnológico-industrial – que o petróleo se tornou a base energética mundial e, por conseguinte, ascendeu como notável produto estratégico. “[O] controlo deste recurso planetário tornou-se colateralmente uma questão eminentemente geopolítica” (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 11).

Nesta perspectiva – de ascensão da sociedade industrial e gradativo aumento no consumo do petróleo –, a emergência dos novos países industrializados só evidencia a necessidade global de aumentar e diversificar a oferta da *commodity*. Deste modo, diversas regiões do planeta, como a bacia do Mar Cáspio, passam a ter forte valor petroestratégico, pois, apesar de estas regiões não possuírem o potencial produtivo do Oriente Médio – principal região fornecedora do globo –, tornam-se novas opções de fornecimento de uma matéria prima tão

²⁹ “Mas é verdade que nenhuma outra matéria-prima tem laços tão estreitos com a geopolítica. Vemos isso no Oriente Médio, Rússia, China, América Latina.... Em todos os países do mundo! O petróleo é, além disso, uma janela aberta sobre o funcionamento da economia global. A simples observação do mercado do petróleo pode ser inferido, por exemplo, que o crescimento não virá da França ou nos Estados Unidos durante a próxima década. Ele virá dos novos ‘globalizadores’, tais como a China e a Índia. Suas demandas estão explodindo e ela deve ser duplicada durante este período” (tradução nossa).

essencial para uma região que permanentemente corre riscos de interrupções do abastecimento, devido ao seu grande histórico de instabilidades (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 12).

Sébille-Lopez (2006, p. 12-13) acrescenta que grande parte dos países produtores apresenta cenários delicados de instabilidade ou potencial para tal. Dentre os exemplos, destaca: o caso iraquiano, na ocasião sob ocupação norte-americana; o Irã e seu conflito diplomático com os EUA; e as recorrentes crises sociopolíticas de Nigéria e Venezuela.

Todas estas tensões geopolíticas, reais ou potenciais, ainda que algumas sejam claramente exageradas e exploradas por determinados operadores numa vontade deliberadamente especulativa, constituem, contudo, ameaças que pesam sobre os mercados petrolíferos mundiais (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 13).

Assim, ele conclui que a utilização da análise geopolítica permite melhor compreensão no que tange às questões petrolíferas. Afinal, consegue abarcar as apostas, as interdependências e jogadas dos diversos atores envolvidos, não se limitando apenas às companhias internacionais e nacionais dos países produtores e consumidores. Além do mais, as questões petrolíferas – ou do gás natural, que para Sébille-Lopez é parcialmente uma extensão destas – estão intimamente ligadas aos Estados e influenciam intensamente as relações entre os mesmos.

Além do caráter indispensável do petróleo para a economia mundial, assim como para a manutenção das capacidades operacionais das forças armadas, Sébille-Lopez (2006, p. 14) entende que o petróleo também pode, por si, ser utilizado como uma arma política. Tal aplicação Klare (2015) discute mais amplamente e a conceitua como poder energético (*energy power*).

Klare (2015) entende que *energy power* é a utilização das vantagens do setor energético de um Estado, quer seja tecnológico e/ou na produção de energia, para promover seus interesses e minar seus rivais. Isto pode ser traduzido como, por exemplo, o fornecimento de recursos energéticos para aliados que são altamente dependentes de suprimentos provenientes de potências hostis, como o caso dos esforços estadunidenses para acabar com a dependência da Europa frente ao gás natural russo. Tal e qual, através da instalação de plataformas petrolíferas em territórios marítimos contestados, como um meio de afirmação de controle, exemplificado pelas operações de perfuração chinesas no Mar da China Meridional. Também pode ser utilizado para estreitar relações entre parceiros geoestratégicos – como o tratado de cooperação nuclear entre Estados Unidos e Índia – ou para punir um vizinho inflexível – consoante às atitudes sistemáticas da Rússia em cortar o fornecimento de gás para a Ucrânia.

Para Klare (2015), *energy power* seria um poder intermediário entre *soft power*³⁰ e *hard power*³¹, nem tão severo e implacável quanto o *hard power*, porém, com a capacidade de implicar políticas mais impositivas que o *soft power*.

Tanto para Klare (2015) quanto para Sébille-Lopez (2006), o petróleo, há muito tempo, é utilizado como arma de projeção política. Dentre os exemplos, ambos os autores citam o embargo estadunidense, nas décadas de 1930 e 1940, sobre o petróleo destinado ao Japão, por causa do expansionismo nipônico.

Sébille-Lopez (2006, p. 15) ainda enfatiza o pacto germano-soviético de 1938, no qual o petróleo exibia papel central, já que o pacto assegurou o fornecimento de 65 milhões de barris aos alemães até 1941 – quando Hitler rompeu o tratado e invadiu a URSS. O ouro negro era um dos grandes pontos fracos da Alemanha nazista, sendo a falta de combustível, inclusive, responsável direta pela derrota no Norte da África.

O embargo petrolífero, como sanção, será várias vezes praticado depois da Segunda Guerra Mundial, seja de acordo com o direito internacional, no quadro da ONU, nomeadamente contra os regimes da África do Sul e da Rodésia, ou contra o Iraque, depois da invasão do Kuwait, em 1990; seja fora do direito internacional, como nos embargos americanos impostos unilateralmente contra os *Estados vadios* ou considerados como tal por Washington, como Cuba, Líbia ou Sudão (SÉBILLE LOPEZ, 2006, p. 15, grifo do autor).

Klare (2015) e Sébille-Lopez (2006), por fim, destacam o Choque do Petróleo de 1973, que provocou uma desaceleração da economia global. Tal choque ocorreu devido ao embargo organizado pelos países árabes membros da OPEP³² para desencorajar o apoio externo a Israel na Guerra do Yom Kippur – único embargo na história infligido por países produtores contra países consumidores. Para Klare,

In each example, hard power was never far from the minds of key policymakers; what makes the situation different today is that energy power has come to be seen as a viable alternative to hard power at a time when the use of military force—at least among the major powers— appears highly unlikely³³ (2015, s.p.).

³⁰ *Soft power* ou poder brando consiste na capacidade de um Estado em influenciar indiretamente outro, quer seja pelo uso da diplomacia ou meios culturais e ideológicos. Ver: Nye JR, Joseph. **Soft Power: The means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

³¹ *Hard power* ou poder duro incide na capacidade direta de coação e/ou indução de um Estado frente a outro, através da utilização militar por meio de intervenções ou intimidações. Ver: Nye JR, Joseph. **Soft Power: The means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004.

³² Organização dos Países Exportadores de Petróleo

³³ “Em cada exemplo, o hard power nunca ficou longe das mentes dos principais formuladores de política; o que faz a situação diferente hoje é que o poder energético tem sido visto como uma viável alternativa para o poder duro em um período que o uso de forças militares – pelo menos dentre as grandes potências – se aparenta altamente improvável” (tradução nossa).

O petróleo, por natureza, possui duas lógicas conjuntas fundamentadas em duas representações do produto e do seu mercado. Em uma de suas faces, o ouro negro é uma matéria imprescindível para o funcionamento da economia global e possui um caráter altamente mercadológico, intimamente ligado ao liberalismo econômico, cuja força motriz é o lucro. Já a outra faceta está relacionada à sua cada vez maior importância estratégica, na medida em que os níveis de demanda atingem a oferta da peculiar *commodity* (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 21).

Um grande exemplo desta intersecção entre as lógicas econômicas e geopolíticas, citado por Sébille-Lopez (2006, p. 21) é o da empresa petrolífera estadunidense Unocal, em 2005. Tendo sido colocada a leilão, a Unocal recebeu uma proposta de compra da ChevronTexaco, por 16,8 bilhões de dólares, montante cerca de 40% maior que o valor de mercado. Contudo a CNOOC³⁴, empresa chinesa estatal do ramo petrolífero, pretendia atravessar o negócio, ofertando 18,5 bilhões de dólares.

Imediatamente, iniciou-se uma campanha política articulada pela Chevron e por congressistas conservadores, para convencer o Congresso americano de que o controle da China sobre parcela ainda que relativamente pequena dos suprimentos americanos constituía uma ameaça à segurança nacional dos Estados Unidos. Finalmente, o Congresso condicionou o ingresso de empresas chinesas no setor de energia a uma rigorosa investigação (...). Como o prazo legal para a deliberação dos acionistas da Unocal era de apenas duas semanas, a decisão legislativa teve efeito prático de inviabilizar a oferta da CNOOC, que desistiu do negócio (FUSER, 2013, p. 88).

Este episódio da Unocal, que detinha reservas no Sudeste asiático, golfo do México e Mar Cáspio, evidencia claramente o aspecto geopolítico do imbróglio. Demonstra como o liberalismo e as leis de mercado, no que ferem ao petróleo, enfrentarão restrições por parte dos Estados. “Esta visão consagra pontualmente a primazia da geopolítica sobre as considerações econômico-financeiras que normalmente determinam o funcionamento dos mercados petrolíferos” (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 21).

³⁴ China National Offshore Oil Corporation; em português Corporação Nacional de Petróleo Offshore da China.

3 POLÍTICA NEOIMPERIAL ESTADUNIDENSE

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, os EUA emergiram como a mais forte superpotência do mundo. Detentores de uma economia enrijecida – cerca de dois terços das reservas de ouro mundiais – além de um gigantesco poderio militar; os estadunidenses aproveitaram-se de seu posicionamento geoestratégico, assim como do enfraquecimento das potências tradicionais (Inglaterra, França e Alemanha) e passaram a projetar-se globalmente, ocupando o vácuo de poder internacional ocasionado pela guerra. (KENNEDY, 1989, p. 343-344). Tal posição foi alcançada com a derrocada da União Soviética em 1991, e, conforme entendimento de Brzezinski (1997, p. 10), os EUA se tornaram não só a única como também a primeira potência global da história, detentora suprema nos quatro elementos decisivos de poder global: militar, com alcance global inigualável; econômico, permanecendo como a principal locomotiva do crescimento global; tecnológico, mantendo a liderança geral nas áreas de ponta da inovação; e cultural, gozando de um apelo que é incomparável, especialmente entre os jovens do mundo (BRZEZINSKI 1997, p. 24).

Entretanto, apesar do incontestável posto de maior potência do mundo, os EUA possuem grandes fragilidades. Dentre elas, a dependência de petróleo externo ainda hoje é pauta central na Segurança Nacional estadunidense. Como destacado pelo ex-presidente dos EUA, George W. Bush, no Discurso sobre o Estado da União de 2006: “Keeping America competitive requires affordable energy. And here we have a serious problem: America is addicted to oil, which is often imported from unstable parts of the world”³⁵ (2006, s.p.).

O Choque do Petróleo de 1973 sinalizou uma nova era para o petróleo no globo. Como aponta Daniel Yergin, “[a]s war was too important to be left to the generals, so oil was now clearly too important to be left to the oil men”³⁶ (1991, p. 613). O petróleo passou a ser competência de presidentes e premiers, dos ministros das relações exteriores, financeiros e da energia, dos congressistas e parlamentares (YERGIN, 1991, p. 613).

É difícil dar com precisão quando, de fato, os recursos energéticos se tornaram, para os EUA, elemento essencial em sua Segurança Nacional. Entretanto, com o grande impacto da crise petrolífera de 1973 na economia americana, as questões referentes à vulnerabilidade do país frente ao petróleo externo passaram a ser uma das pautas centrais da política americana.

³⁵ “Manter a América competitiva requer energia acessível. E aqui temos um problema sério: a América está viciada em petróleo, que é frequentemente importado de regiões instáveis do mundo” (tradução nossa).

³⁶ “[c]omo a guerra era demasiada importante para ser deixada com os generais, então agora o petróleo era claramente importante para ser deixado com os homens do petróleo” (tradução nossa).

Neste sentido, o então presidente dos EUA, Richard Nixon, evidenciou pela primeira vez a segurança energética como matéria de segurança nacional:

Security and economic considerations are inevitably linked, and energy cannot be separated from either. And it is for that reason that when we talk about developing policies in the energy field that we are talking about one of the fundamental pillars in that structure of peace that we all want to build³⁷ (NIXON, 1974, s.p.).

A partir de então, a busca pela segurança energética passou a constar nos discursos e planos dos próximos presidentes estadunidenses. Principalmente, através do discurso em prol de estratégias voltadas à independência energética, como o *Project Independence* do próprio presidente Nixon, que estabelecia a meta de erradicar a dependência energética dos EUA até 1980. Gerald Ford (1975), por sua vez, além de prolongar o intento de Nixon para 1985, assinou a *Energy Policy and Conservation Act* para estabelecer normas federais referentes à eficiência energética e também para a criação da *Strategic Petroleum Reserves*³⁸ (KRAEMER, 2006, p. 1; YERGIN, 2014, p. 283).

A expressão não ficou apenas no discurso, continuou fazendo parte do vocabulário político desde então. Todos os presidentes, desde Nixon, invocaram a independência energética como um objetivo fundamental de seu governo. Seu efeito entre o público americano é impressionante e a expressão carrega nostalgia em relação a um tempo que os preços eram baixos e os Estados Unidos de fato podiam ser independentes. Afinal, o país já foi o maior exportador do produto no mundo (YERGIN, 2014, p. 280).

No entanto, com o fracasso dos planos de autossuficiência propostos por Nixon e Ford, evidenciados pelo Segundo Choque do Petróleo de 1979 ocasionado, sobretudo, pela Revolução Iraniana e a invasão soviética ao Afeganistão – para muitos à época, a URSS, ao invadir o país da Ásia Central, pretendia dirigir-se para o Golfo, aproveitando-se da desordem do Ocidente para capturar os espólios do Oriente Médio como quisesse (YERGIN, 1991, p. 701). Em razão desta conjuntura – de permanente vulnerabilidade ao petróleo externo e ameaça soviética ao Golfo Pérsico –, foi que a atual estratégia prepositiva de segurança energética dos EUA começou a apresentar seus primeiros traços, evidenciada pelo então presidente Jimmy Carter, que respondeu à invasão do Afeganistão em janeiro de 1980, enunciando o que ficaria conhecido como Doutrina Carter:

³⁷ “As considerações securitárias e econômicas são inevitavelmente ligadas, e a energia não pode ser separada de qualquer uma delas. E é por essa razão que, quando falamos sobre o desenvolvimento de políticas no domínio da energia, estamos a falar de um dos pilares fundamentais em que a estrutura de paz – que todos nós queremos construir” (tradução nossa).

³⁸ A Reserva estratégica de petróleo dos Estados Unidos é a maior fonte de emergência no mundo, com a atual capacidade para armazenar cerca de 700 milhões de barris. “A Reserva Estratégica de Petróleo dos Estados Unidos (...) pode ser considerada uma gigantesca política de segurança” (YERGIN, 2014, p. 283).

Let our position be absolutely clear: An attempt by any outside force to gain control of the Persian Gulf region will be regarded as an assault on the vital interests of the United States of America, and such an assault will be repelled by any means necessary, including military force³⁹ (CARTER, 1980, s.p.).

Pela primeira vez na história dos EUA, observou-se um discurso tão enfático em relação à proteção e utilização do uso da força para proteger o fluxo contínuo de petróleo. O livre acesso para o petróleo do Golfo Pérsico era vital para os interesses norte-americanos e nos meses seguintes ao discurso de Carter, os EUA começaram sua escalada militar no Golfo Pérsico. Jimmy Carter promulgou uma série de medidas para facilitar a projeção estadunidense no Pérsico (KLARE, 2004a, p. 33). A mais clara manifestação da expansão do compromisso militar estadunidense em proteger o acesso ao petróleo do Oriente Médio foi a criação da *Rapid Deployment Force* (RDF), que logo ganhou o status do comando unificado como a *U.S. Central Command* (USCENTCOM). A mesma postura foi adotada por Ronald Reagan, que estendeu a política de Carter no que veio a ser chamado “Corolário Reagan para a Doutrina Carter” (CRANE et al., 2009).

A proeminência do petróleo do Oriente Médio na estratégia de Defesa Nacional dos EUA não diminuiu à medida em que o fim da Guerra Fria se aproximava, pelo contrário,

Due to the importance of energy, a major concern for the George H. W. Bush Administration when it took office in 1989 was Persian Gulf security through cooperation with Iraq. Before the Iraqi invasion of Kuwait, the Bush administration remained committed to a policy of engagement with Iraq, as it thought that continued engagement would lead to the moderation of Iraqi behaviour⁴⁰ (MAHDI, 2010, p. 37).

Entretanto, com a invasão do Kuwait, em 1990, pelo regime de Sadam Hussein, George H. W. Bush, em 8 de Agosto de 1990, enfatizou a importância do petróleo para a segurança dos EUA: “Our country now imports nearly half the oil it consumes and could face a major threat to its economic independence. Much of the world is even more dependent upon imported oil and is even more vulnerable to Iraqi threats”⁴¹ (1990, s.p.). Bush, então, usou a Guerra do Golfo (1991) para proteger o petróleo do Golfo Pérsico e afirmar a posição dos EUA no mundo pós-Guerra Fria (MAHDI, 2010, p. 2).

³⁹ “Deixe que a nossa posição seja absolutamente clara: Uma tentativa por qualquer força externa para ganhar o controle da região do Golfo Pérsico será considerada como um ataque aos interesses vitais dos Estados Unidos da América, e tal ataque será repellido por todos os meios necessários, incluindo a força militar” (tradução nossa).

⁴⁰ “Devido à importância da energia, uma grande preocupação para a administração George H. W. Bush – quando ele assumiu o cargo em 1989 – era a segurança do Golfo Pérsico através da cooperação com o Iraque. Antes da invasão do Kuwait pelo Iraque, a administração Bush permaneceu comprometida com uma política de engajamento com o Iraque, pois ele pensava que o engajamento contínuo conduziria à moderação do comportamento iraquiano” (tradução nossa).

Para Ahmed Mahdi (2010, p. 2), tanto ao longo da Guerra Fria, quanto no fim dela, a significância do controle dos recursos energéticos influenciou as iniciativas políticas dos EUA. O papel proeminente dos recursos energéticos na economia estadunidense tem afetado as prioridades geopolíticas da América, pois muitas das maiores reservas mundiais de petróleo estão localizadas em áreas que são instáveis ou repletas de divisões internas e fatores de desestabilização. Como se constata, as três maiores guerras da história recente dos Estados Unidos, a Guerra do Golfo (1991), Guerra do Afeganistão (2001) e a Guerra do Iraque (2003), foram travadas em regiões produtoras de petróleo e/ou em áreas vitais para as rotas de transporte energético.

Michael Klare (2001, p. 5), em seu livro *Resource Wars*, compreende que por quarenta anos, de 1940 até 1990, apesar de as questões referentes à segurança dos recursos energéticos estarem presentes, o principal objetivo estratégico militar estadunidense era criar e manter um sistema global de alianças capaz de conter e, se necessário, derrotar a União Soviética. Com a ruína da ordem bipolar, a necessidade desta rede de aliados passou a ser menos urgente para os Estados Unidos, enquanto as estratégias referentes a interesses propriamente estadunidenses passaram a dominar a agenda estratégica de Washington.

The two American administrations which presided during the post-Cold War decade (the George H. W. Bush and William J. Clinton Administrations) were similar in that they both pursued a policy of global economic openness. Thus, an American policy of global economic openness replaced the policy of Containment⁴² (MAHDI, 2010, p. 33).

Klare (2001, p. 6) ainda afirma que dentro destes interesses, nenhum teve tão profunda influência na política militar americana como a determinação dos Estados Unidos em assegurar acesso às reservas além-mar de recursos vitais. Devido à expansão econômica estadunidense, a dependência por recursos estratégicos importados aumentou significativamente e a proteção das rotas de comércio destes recursos, assim como de seus campos produtivos, passou a ser um traço proeminente da política de segurança dos Estados Unidos. Ressalta-se que foi evidenciado pela crescente ênfase nas operações militares e, também, em aspectos operacionais, como alianças políticas, tratados de cooperação militar e programas de assistência e treinamento militar em diversos países nas regiões estratégicas do Cáspio e Golfo Pérsico.

Para Klare (2001), o maior foco dos EUA em relação à proteção dos recursos energéticos está intimamente ligado à crescente importância das questões econômicas como

⁴² “As duas administrações que presidiram durante a década do Pós-Guerra Fria (George H. W. Bush e William J. Clinton) foram semelhantes na busca por uma política de abertura econômica global. Assim, uma política americana de abertura econômica global substituiu a política de contenção” (tradução nossa).

elementos de poder nacional após o fim da Guerra Fria. Enquanto que, no período da Guerra Fria, o poder nacional estava intimamente relacionado ao poderio militar e à manutenção de um estendido sistema de alianças, com a derrocada da ordem bipolar, o poder nacional passou a ser associado com o dinamismo econômico e o desenvolvimento de inovações tecnológicas. Em suas próprias palavras:

To exercise leadership in the current epoch, states are expected to possess a vigorous domestic economy and to outperform other states in the development and export of high-tech goods. While a potent military establishment is still considered essential to national security, it must be balanced by a strong and vibrant economy⁴³ (KLARE, 2001, p. 7).

Ou então, com o mesmo raciocínio, Daniel Yergin explica:

The competition among nations in the years ahead, some predicted, would no longer be ideological but instead primarily economic—a battle to sell their goods and services and manage their capital in a truly international marketplace. If that would, indeed, be the case, oil as a fuel would certainly remain a vital commodity in the economies of both the industrialized and the developing nations of the world. As a bargaining chip among the producers and consumers of oil, it would also remain of Paramount importance in the politics of world power⁴⁴ (1991, p. 768).

A abordagem central da economia para a Segurança Nacional tornou-se oficial na política estadunidense quando Clinton assumiu o poder em 1993. Clinton fez da expansão do comércio e investimentos internacionais seus principais objetivos para política externa americana. Dentro desta proposta e também do contexto do Consenso de Washington⁴⁵, novos acordos comerciais foram selados com países da América Latina e Ásia e diversas barreiras comerciais foram quebradas, consagrando não só a expansão econômico-comercial estadunidense na década de 1990, mas também sua primazia nos assuntos externos dos EUA. Tal centralidade pôde ser observada logo no primeiro discurso do Secretário de Estado de Bill

⁴³ “Para exercer a liderança na época atual, os estados deverão possuir uma economia doméstica vigorosa para poder superar outros estados no desenvolvimento e exportação de bens de alta tecnologia. Enquanto uma fundação militar potente ainda é considerada essencial para a segurança nacional, ela deve ser equilibrada por uma economia forte e vibrante” (tradução nossa).

⁴⁴ “A competição entre as nações nos próximos anos, alguns previram, não seria mais ideológica, mas sim econômica principalmente – uma batalha para vender seus produtos e serviços e gerenciar seu capital em um mercado verdadeiramente internacional. Se isso for o caso, o petróleo como um combustível, certamente permanecerá como uma mercadoria vital nas economias tanto dos países industrializados como das nações em desenvolvimento. Como moeda de troca entre os produtores e consumidores de petróleo, ele também permaneceria com extrema importância na política do poder mundial” (tradução nossa).

⁴⁵ Para Leda Paulani, o Consenso de Washington foi a implementação do neoliberalismo nos países em desenvolvimento e com dificuldades econômicas no fim da década de 1980. Tendo os seguintes pontos fundamentais: disciplina fiscal e redução dos gastos públicos, que se traduz na exigência de elevados superávits primários; aplicação de uma política monetária rígida, com metas de inflação; Estado mínimo, estimulado pelo processo de privatizações; marcha a ré no desenvolvimentismo; desregulamentação das leis trabalhistas e de outras leis relativas a direitos sociais; abertura de mercado, com menos protecionismo: e livre trânsito de capitais (2010).

Clinton, em 1993, Warren Christopher, que demonstrou nitidamente a prioridade da segurança econômica nos assuntos internacionais estadunidenses:

First, we must advance America's economic security with the same energy and resourcefulness we devoted to waging the Cold War. The new Administration will shortly propose an economic program to empower American firms and workers to win in world markets, reduce our reliance on foreign borrowing, and increase our ability to sustain foreign commitments. Despite our economic woes, we remain the world's greatest trading nation, its largest market, and its leading exporter. In an era in which economic competition is eclipsing ideological rivalry, it is time for diplomacy that seeks to assure access for US businesses to expanding global markets⁴⁶ (1993, s.p.).

Em uma perspectiva que se tem como objetivo principal a segurança econômica, a proteção das áreas de exploração e das rotas comerciais dos recursos vitais para economia, como petróleo e gás, tende a se tornar uma pauta de extrema prioridade na agenda internacional. “[A]s the world’s leading consumer of oil and gas, the United States must retain access to overseas supplies or its entire economy will face collapse”⁴⁷ (KLARE, 2001, p. 8). Afinal, sem um fluxo estável e confiável destes recursos vitais, a economia norte-americana, além de estar sujeita a fortes desequilíbrios econômicos, também poderia ter sua nova estratégia de preponderância global pautada na superioridade econômica em risco. Em 1999, o presidente Clinton, através da *A National Security Strategy For A New Century*⁴⁸, afirma, com clareza, tal preocupação:

Our economic and security interests are inextricably linked. Prosperity at home depends on stability in key regions with which we trade or from which we import critical commodities, such as oil and natural gas. Prosperity also demands our leadership in international development, financial and trade institutions. In turn, the strength of our diplomacy, our ability to maintain an unrivaled military and the attractiveness of our values abroad depend in large part on the strength of our economy⁴⁹ (CLINTON, 1999, s.p.).

⁴⁶ “Primeiro, temos de avançar a segurança econômica da América com a mesma energia e desenvoltura que nos dedicamos a travar a Guerra Fria. A nova Administração proporá em breve um programa econômico para capacitar empresas e trabalhadores americanos para ganhar nos mercados mundiais, reduzir nossa dependência de empréstimos estrangeiros e aumentar a nossa capacidade de manter compromissos externos. Apesar de nossos problemas econômicos, permanecemos maior nação do mundo de negociação, seu maior mercado, e seu principal exportador. Em uma época em que a concorrência econômica está eclipsando a rivalidade ideológica, é tempo para a diplomacia assegurar a abertura para as empresas estadunidenses expandirem-se nos mercados globais” (tradução nossa).

⁴⁷ “[C]omo principal consumidor mundial de petróleo e gás, os Estados Unidos devem manter o acesso às fontes no exterior ou toda sua economia enfrentará o colapso” (tradução nossa).

⁴⁸ Estratégia de Segurança Nacional para o Novo Século (tradução nossa)

⁴⁹ “Nossos interesses econômicos e de segurança estão inextricavelmente ligados. A prosperidade em casa depende da estabilidade em regiões-chave com os quais negociamos ou de onde importamos os produtos críticos, como petróleo e gás natural. Prosperidade também exige a nossa liderança em instituições de desenvolvimento, financeiras e comerciais internacionais. Por sua vez, a força da nossa diplomacia, nossa capacidade de manter uma força militar incomparável e da atratividade dos nossos valores no exterior dependerá, em grande parte, da força de nossa economia” (tradução nossa).

Para Mahdi (2010, s.p.), os Estados Unidos, fundamentados pela política de portas abertas, têm sido um império informal baseado na disseminação de sua influência econômica, assegurando o livre acesso a bens vitais e matérias-primas, e estabelecendo presença militar em áreas de interesse, como os interesses corporativos e estratégicos da América que trabalharam juntos em harmonia. Esta abordagem tem sido particularmente evidente nas regiões produtoras de energia, onde os EUA visam a estabelecer o domínio econômico e militar para apoiar o seu poder econômico global.

American politicians, intellectuals and businessmen always sought the continued overseas expansion of the American marketplace as a solution to America's domestic economic problems, believing that the system of entrepreneurial capitalism could function successfully only if the marketplace constantly expanded, thus creating America's global (economic) empire without traditional colonialism⁵⁰ (MAHDI, 2010, p. 4).

Ainda sobre o que se refere à importância da energia para a manutenção do poder dos Estados Unidos, Mahdi (2010, p. 14) compreende que ela não é apenas um objetivo na política externa dos EUA, mas também se configura numa ferramenta poderosa da política externa americana, a qual, ao longo de sua história, empregou diversos embargos desse tipo. Além disso, o interesse dos EUA em controlar o petróleo não está limitado ao usufruto próprio da América, mas também para negá-lo a outros, a fim de utilizar o seu controle sobre os recursos energéticos para controlar os destinos econômicos dos demais Estados.

Nesta mesma linha, Noam Chomsky compreende que as diretrizes básicas da gestão global em que os EUA têm se baseado no período após a Guerra Fria, são: a contenção de outros centros de poder mundial dentro das normativas internacionais, administradas pelos EUA; manter sob seu controle os suprimentos energéticos do mundo; restringir formas inaceitáveis de nacionalismo independente; e superar a “crise da democracia” nos territórios inimigos (2003, p. 16).

Maintaining a hold on political power and enhancing US control of the world's primary energy sources are major steps toward the twin goals that have been declared with considerable clarity: to institutionalize a radical restructuring of domestic society that will roll back the progressive reforms of a century, and to establish an imperial grand strategy of permanent world domination. Compared with such ends, the risks may well seem insignificant⁵¹ (CHOMSKY, 2003, p. 125, grifo nosso).

⁵⁰ “Os políticos americanos, intelectuais e empresários sempre buscaram a expansão do mercado americano no exterior como uma solução para os problemas econômicos domésticos da América, acreditando que o sistema do capitalismo empreendedor poderia funcionar com êxito somente se o mercado em constante expansão, criando assim um Império (econômico) global dos Estados Unidos sem o colonialismo tradicional” (tradução nossa).

⁵¹ “Manter um controle do poder político e aumentar o controle dos EUA sobre as fontes de energia primária do mundo são grandes passos em direção às metas individuais que foram declaradas com clareza considerável: institucionalizar uma reestruturação radical da sociedade nacional que irá reverter as reformas contínuas de um

Klare (2001, p. 9) ainda afirma que, para os setores ligados às Forças Armadas norte-americanas, o interesse em assegurar o fluxo dos recursos energéticos tem forte ressonância. A participação militar na segurança nacional – focada na economia – parecia amortizada, pois os militares desempenham papel quase nulo para a promoção do comércio e/ou para aumentar a estabilidade do mercado financeiro. Entretanto, as Forças Armadas podem desempenhar um papel fundamental na proteção dos suprimentos de recursos. “Resources are tangible assets that can be exposed to risk by political turmoil and conflict abroad – and so, it is argued, they require physical protection”⁵² (KLARE, 2001, p. 9). Se por um lado, os mecanismos diplomáticos e econômicos – como sanções e retaliações em Organismos Internacionais – são efetivos em tempos de paz ou pequenos conflitos, estes pouco podem fazer em grandes crises. Nesses casos, somente a força militar pode assegurar um fluxo constante de recursos estratégicos provenientes de áreas remotas do globo. Deste modo, como sua única contribuição para a segurança econômica nacional, as forças armadas têm reforçado sistematicamente sua capacidade de proteger o fluxo internacional de materiais essenciais.

To implement this new policy, the Department of Defense is deploying additional forces in the Persian Gulf and preparing for expanded operations in other resource-rich areas, including the Caspian region. The U.S. Navy is also expanding its presence in waters used for the transshipment of energy supplies. Resource concerns have decisively moved to center stage in international security affairs. As we proceed further into the twenty-first century, these issues are destined to play an increasingly significant role in the shaping of American military policy⁵³ (KLARE, 2001, p. 10).

Evidenciando esta linha de raciocínio, podemos destacar o relatório do Secretário de Defesa do governo Clinton, William Cohen, no THE QUADRENNIAL DEFENSE de 1997. “When the interests at stake are vital – that is, they are of broad, overriding importance to the survival, security, and vitality of the United States – we should do whatever it takes to defend them, including, when necessary, the unilateral use of military power”⁵⁴ (COHEN, 1997, s.p.).

século e, para estabelecer uma grande estratégia imperial de dominação mundial permanente. Comparado com tais fins, os riscos podem, muito bem, parecerem insignificantes” (tradução nossa, grifo nosso).

⁵² “Os recursos são ativos tangíveis que podem ser expostos ao risco de turbulência política e conflito no exterior – e por isso, argumenta-se, a necessidade de uma proteção física” (tradução nossa).

⁵³ “Para implementar essa nova política, o Departamento de Defesa está implantando forças adicionais no Golfo Pérsico e se preparando para operações expandidas em outras áreas ricas em recursos, incluindo a região do Cáspio. A Marinha dos EUA também está expandindo sua presença em águas utilizadas para o transbordo de abastecimento de energia. As preocupações com recursos decisivamente mudaram-se para o centro do palco em assuntos de segurança internacional. À medida que avançamos ainda mais no século XXI, estas questões estão destinadas a desempenhar papel cada vez mais significativo na formação da política militar americana” (tradução nossa).

⁵⁴ “Quando os interesses em jogo são vitais – isto é, eles são de importância primordial para a sobrevivência, a segurança e a vitalidade dos Estados Unidos – nós devemos fazer o que for preciso para defendê-los, incluindo, quando necessário, o uso unilateral de poder militar” (tradução nossa).

Dentre os interesses vitais citados no relatório, destacam-se: assegurar o acesso sem restrições a mercados-chave, fontes de energia e recursos estratégicos; dissuadir e, se necessário, derrotar agressões contra aliados e amigos dos EUA; e impedir o surgimento de uma coalizão regional hostil ou *hegemon*.

Ao assumir a presidência em 2001, a primeira prioridade da política externa de George W. Bush não foi a guerra ao terror e a expansão da democracia estadunidense – estes só ganharam o impacto atual após os atentados de 11 de setembro de 2001 –, mas sim, a de aumentar os fluxos de recursos energéticos para os EUA (KLARE, 2004b, p. 166), devido às sistemáticas crises energéticas que assolavam o país pouco antes de assumir a presidência. Outro fator, não menos importante, foi que em 1998, pela primeira vez na história, o petróleo importado passou a corresponder mais de 50% de todo o consumo nacional. Deste modo, Spencer Abraham, secretário de Estado da Energia do governo Bush, demonstrou sua preocupação em março de 2001: “America faces a major energy supply crisis over the next two decades. The failure to meet this challenge will threaten our nation's economic prosperity, compromise our national security, and literally alter the way we live our lives”⁵⁵ (ABRAHAM, 2001, s.p.).

Dada tal conjuntura, George W. Bush assumiu a resolução da crise energética estadunidense como sua maior prioridade.

Considerou com os seus conselheiros que os fornecimentos petrolíferos constituíam um elemento essencial para a boa saúde e competitividade das indústrias do país. Sabiam que qualquer racionamento da energia teria consequências catastróficas nos transportes (...). Sabiam que o petróleo era particularmente vital para a economia tanto mais que representava dois quintos do conjunto da procura energética do país, mais do que qualquer outra fonte de energia. (...) (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 68).

O petróleo é considerado essencial para o principal elemento da segurança nacional, o aparato militar. Afinal, o petróleo é fulcral para o pleno funcionamento da máquina de guerra militar moderna estadunidense em todos os cantos do globo. “Por todas essas razões, e *a fortiori*, depois de 11 de Setembro, os Estados Unidos aceleraram a reavaliação da sua política energética” (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 68, grifo do autor).

Na administração de George W. Bush, a importância do petróleo na manutenção do império norte-americano, e a importância da parceria público-privada no setor petrolífero, ascenderam a um novo patamar. Bush filho trouxe o petróleo à tona na formulação de sua política externa, elevando o lugar da obtenção de recursos energéticos a um nível nunca antes

⁵⁵ “América enfrentará a maior crise de abastecimento de energia nas próximas duas décadas. A incapacidade de responder a este desafio irá ameaçar a prosperidade econômica da nossa nação, comprometer a nossa segurança nacional, e literalmente alterar a maneira como vivemos nossas vidas” (tradução nossa).

visto. Bush apresentou o petróleo como parte de uma abordagem estratégica, evidenciada na formulação da *National Energy Policy* (MAHDI, 2010, p. 17-18). Para responder à crise, Bush criou uma força tarefa intitulada de *National Energy Policy Development Group*⁵⁶ (NEPDG), que teria como objetivo criar uma estratégia capaz de atender às necessidades energéticas dos EUA. George W. Bush nomeou como coordenador do NEPDG o seu vice-presidente, Richard Cheney, que, assim como Bush, tinha laços com a indústria petrolífera⁵⁷, pois havia sido presidente e diretor-geral da Halliburton⁵⁸ (KLARE, 2004b, p. 167; SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 69). “No seio da NEPDG, Richard Cheney rodeou-se, na qualidade de conselheiros, com a nata dos dirigentes de empresas do sector energético, entre os quais quadros dirigentes de companhias petrolíferas ou de corretagem de energia” (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 69). Devido à participação de empresas ligadas ao setor energético, diversos grupos ambientalistas moveram uma ação contra a implementação da *National Energy Policy* (NEP), atrasando por cerca de quatro anos a implementação legal do plano. Entretanto, não pôde impedir que o governo de Bush começasse a implementar suas diretrizes na política externa estadunidense.

A partir do relatório final do NEPDG, constou-se que, para a resolução da crise energética estadunidense, havia dois caminhos opostos que poderiam ser seguidos. O primeiro, uma via mais difícil, na qual haveria a necessidade de alterar a própria estrutura da economia norte-americana, orientada em prol de um programa voltado à utilização de energias renováveis para reduzir, progressivamente, a dependência do petróleo em todo o mercado estadunidense. Já a segunda via optava por continuar consumindo petróleo em quantidades cada vez maiores e ficar cada vez mais dependente dos hidrocarbonetos provenientes do exterior (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 70).

O resultado deste debate tinha claramente consequências importantes para a sociedade americana, para a sua economia e para a segurança do país. Não mudar nada também levava os Estados Unidos a depender sempre mais dos países do Golfo e de outros países produtores, com todas as consequências induzidas no plano da política de segurança dos Estados Unidos. A estratégia alternativa necessitava de investimentos consideráveis nas novas energias, nas tecnologias do transporte e era acompanhada pela emergência, mas também pela queda de determinadas indústrias (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 70).

⁵⁶ “Grupo de Desenvolvimento da Política de Energia Nacional” (tradução nossa).

⁵⁷ Bush teve mais laços com a indústria de energia do que qualquer outro governante norte-americano na história, visto que ele foi um executivo do ramo petrolífero (embora não muito bem-sucedido), tendo fundado a Arbusto, fundindo-a com o Spectrum 7, e, por fim, trabalhou na Harken Energy (MAHDI, 2010, p. 18).

⁵⁸ Halliburton é uma empresa multinacional americana, e uma das maiores empresas de serviços de campos de petróleo do mundo, com operações em mais de 80 países.

George W. Bush optou a favor da continuidade do petróleo como matriz energética estadunidense e, conseqüentemente, do aumento da dependência nas importações petrolíferas. Nas palavras de Klare (2004b, p. 167):

In the end, therefore, President Bush did make a clear decision regarding America's future energy behaviour. But the choice he made was not that of diminished dependence on imported oil – as suggested by White House rhetoric – but rather the opposite. Knowing that nothing can reverse the long-term decline in domestic oil production, and seeking to quench America's evergrowing thirst for petroleum products, the Administration chose to continue down the existing path of increased dependence on foreign oil.⁵⁹

Porém, a aceitação da dependência das importações, como retrata Sébille-Lopez (2006, p. 70), nada reflete em uma postura pacífica e submissa nas relações internacionais. Mas sim, adicionada de um risco agravado e consentido (pelos EUA) de comprometimentos em conflitos regionais ou locais, no que se aludem principalmente as regiões ricas em petróleo.

Através do exame do relatório, como evidenciam Klare (2004a) e Sébille-Lopez (2006), somente no oitavo capítulo do NEP, denominado *Strengthening Global Alliances*⁶⁰, é possível observar as verdadeiras intenções do governo Bush em relação a assegurar o fluxo dos recursos energéticos provenientes do exterior. Logo no início do capítulo, já é crível a preocupação com o mercado mundial de energia:

U.S. national energy security depends on sufficient energy supplies to support U.S. and global economic growth. Energy policies that have emphasized reliance on market forces have led to major energy security gains over the past two decades. Major improvements in exploration and production technology, as well as the trend toward opening new areas around the globe for exploration and development⁶¹ (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 1).

A seguir, o documento relata que a segurança energética dos EUA não pode ser vista de maneira isolada do resto do mundo. “In a global energy marketplace, U.S. energy and economic security are directly linked not only to our domestic and international energy supplies, but to

⁵⁹ “No final, portanto, o presidente Bush tomou uma decisão clara em relação em relação ao futuro energético da América. Mas a escolha que ele fez não foi a diminuição da dependência do petróleo importado - como sugerido pela retórica da Casa Branca – mas sim o contrário. Sabendo que nada poderia reverter o declínio de longo prazo na produção nacional de petróleo, e procurando matar a sede sempre crescente da América para os produtos petrolíferos, a Administração optou por continuar no caminho existente do aumento da dependência do petróleo estrangeiro” (tradução nossa).

⁶⁰ “Fortalecimento das Alianças Globais” (tradução nossa).

⁶¹ “A segurança energética nacional dos EUA depende do fornecimento de energia suficiente para apoiar Estados Unidos e um crescimento econômico global. As políticas energéticas que têm enfatizado confiança nas forças de mercado levaram a importantes ganhos de segurança energética nas últimas duas décadas. As principais melhorias em exploração e tecnologia de produção, bem como a tendência para a abertura de novas áreas ao redor do mundo para a exploração e desenvolvimento” (tradução nossa).

those of our trading partners as well”⁶² (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 1). Assim, qualquer desequilíbrio no mercado mundial de petróleo pode afetar não só a economia norte-americana como também a própria capacidade de promover seus principais objetivos, tanto econômicos quanto externos, independentemente de qual o nível de dependência estadunidense frente aos materiais energéticos importados.

Deste modo, a NEP compreende que a segurança energética dos EUA dependente simultaneamente de uma eficiente infraestrutura tanto doméstica quanto internacional para atender toda a cadeia de fornecimento energético. Ainda explicita que o fortalecimento da segurança energética norte-americana também possibilita a prosperidade da economia global através da cooperação dos principais países produtores e instituições em prol da expansão da produção energética mundial (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 3).

We need to strengthen our trade alliances, to deepen our dialogue with major oil producers, and to work for greater oil production in the Western Hemisphere, Africa, the Caspian, and other regions with abundant oil resources. Greater cooperation with our allies in addressing the growth in oil demand in the transportation sector is particularly important, given the growing demand for oil and other energy resources⁶³ (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 3).

No que se refere à promoção internacional de investimentos e comércio, a NEP compreende que os EUA devem apoiar uma duradora política de liberalização do mercado energético mundial para sempre estar aberto ao comércio e investimento internacional. “Promoting such investment will be a core element of our engagement with major foreign oil producers”⁶⁴ (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 6).

A NEP compreende também, como estratégia basilar, a diversificação dos suprimentos petrolíferos. Afinal, a concentração da produção petrolífera mundial em uma só região do globo é potencialmente causadora da instabilidade do mercado. Como exemplo, cita as mazelas causadas pelos esforços periódicos da OPEP em interferir nos preços do petróleo. Considerando-os como um grande desafio político, que somente poderá ser sanado em longo prazo, através de uma política energética abrangente que aborde as questões de oferta e demanda, como também por meio de um maior engajamento com todos os principais

⁶² “Em um mercado global de energia, a segurança energética e econômica dos Estados Unidos e diretamente ligadas não só para os nossos suprimentos nacionais e internacionais, mas também para aqueles de nossos parceiros comerciais” (tradução nossa).

⁶³ “Precisamos fortalecer nossas alianças comerciais, para aprofundar nosso diálogo com os principais produtores de petróleo e para trabalhar em prol de uma maior produção de petróleo no Hemisfério Ocidental, África, do Mar Cáspio, e de outras regiões com abundantes recursos petrolíferos. Uma maior cooperação com nossos aliados abordando o crescimento da procura de petróleo no sector dos transportes é particularmente importante, dada a crescente demanda por recursos de petróleo e outras fontes de energia” (tradução nossa).

⁶⁴ “Promover tal investimento será um elemento essencial do nosso compromisso com os grandes produtores de petróleo estrangeiros” (tradução nossa).

fornecedores dos EUA. Dentro desta conjuntura, uma maior diversidade da produção mundial de petróleo é fundamental para a segurança energética estadunidense (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 6).

O documento entende, ainda, que o encorajamento de uma maior diversidade na produção petrolífera beneficiará todos os mercados participantes.

Technological advances will enable the United States to accelerate the diversification of oil supplies, notably through deep-water offshore exploration and production in the Atlantic Basin, stretching from offshore Canada to the Caribbean, Brazil, and West Africa. The Caspian Sea can also be a rapidly growing new area of supply⁶⁵ (NATIONAL ENERGY POLICY, 2001, p. 6-7).

Como aponta Sébille-Lopez (2006, p. 72), o governo estadunidense dirigiu uma forte investida diplomática para conseguir mais recursos no estrangeiro, com dois alvos preferidos desde o início: a bacia do Cáspio e a África. Para tal, os EUA se ampararam em uma política jurídica internacional muito audaciosa, almejando a abertura do mercado do petróleo e a reforma dos regimes de investimentos no setor. Para tal, era preciso garantir estabilidade para as empresas transnacionais do ramo petrolífero que, desde a onda de nacionalizações em 1970, eram temerosas de investirem em regiões potencialmente instáveis. As corporações do petróleo demandavam uma margem de segurança muito alta. “Estas garantias foram finalmente conseguidas pelo *lobby* levado a cabo por Washington junto do FMI⁶⁶, do Banco Mundial e da OMC⁶⁷” (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 72). Compartilhando do mesmo pensamento, Klare (2004b, p. 170) entende que:

Not only will American officials have to negotiate access to these overseas supplies and arrange for the sorts of investments that will make increased production and export possible, but they must also take steps to make certain that foreign deliveries of oil to the United States are not impeded by war, revolution, or civil disorder.⁶⁸

Como Sébille-Lopez bem destaca, apesar de não estar explícito na NEP, é evidente que ela só terá um impacto profundo e duradouro com o apoio militar. Além do fomento de uma política engajada na diversificação, existe a clara necessidade de minar a possibilidade da

⁶⁵ “Os avanços tecnológicos permitirão aos Estados Unidos acelerar a diversificação dos fornecimentos de petróleo, principalmente através exploração e produção de águas profundas offshore na Bacia do Atlântico, que se estende do Canadá ao mar do Caribe, Brasil e África Ocidental. O Mar Cáspio também pode se tornar – com um rápido crescimento – uma nova área de abastecimento” (tradução nossa).

⁶⁶ Fundo Monetário Internacional.

⁶⁷ Organização Mundial do Comércio.

⁶⁸ “As autoridades americanas não só têm de negociar o acesso para as reservas além-mar e organizar os tipos de investimentos que farão aumentar a produção e exportação possível, mas também devem tomar medidas para assegurar que os fornecimentos externos de petróleo para os Estados Unidos não sejam impedidos por guerras, revoluções, ou desordem civil” (tradução nossa).

deflagração de insurreições e revoluções nas áreas produtoras. “A NEP concorda com um reforço do intervencionismo americano no mundo. Estes imperativos passaram a dizer respeito ao Golfo Pérsico, à bacia do Cáspio e aos seus prolongamentos em direção à Ásia Central, à África e à América Latina” (2006, p. 63).

[São muitas correlações entre a luta contra o terrorismo e as armas de destruição maciça, com as disposições militares que pressupõe e as preocupações energéticas. Estas questões constituem três prioridades importantes da política de segurança e de defesa dos Estados Unidos (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 74).

No mesmo sentido, Klare (2004b, p. 170) compreende que a NEP ocasionou implicações expressivas nas políticas de segurança dos EUA, assim como para o atual desenvolvimento e utilização das forças armadas estadunidenses. Isso porque a maioria dos países produtores com que os EUA esperam poder contar para o fornecimento de recursos energéticos nos próximos anos, está dividida por conflitos internos, abriga forte sentimento anti-estadunidense, está localizada em regiões instáveis, ou apresenta alguma combinação destas três características. Assim, os esforços dos EUA para conseguir atingir sua política de diversificação provavelmente encontrará dificuldades, e o único modo para assegurar o contínuo fluxo de recursos energéticos é proteger os campos de petróleo e oleodutos com o exército estadunidense.

Além disso, como explana Mahdi (2010), o papel central dos recursos energéticos no governo de George W. Bush estava inerentemente ligado a outros objetivos da política externa estadunidense, tal como a hegemonia dos EUA e o seu avanço militar, que foram um dos principais objetivos da administração de Bush, exemplificados pela promoção do Escudo de Defesa Nacional. Aqui, Guerra ao Terror era utilizada como justificação para o avanço dos interesses energéticos dos EUA: “Because of the place of energy in that pursuit for power, certain cases became central to the Bush approach (most notably Iraq) acting as what I call *points of intersection* where all of these goals were meant to be achieved”⁶⁹ (MAHDI, 2010, p. 18, grifo do autor).

Furthermore, After the September 11 attacks and the invasion of Afghanistan, Bush introduced the Bush Doctrine, which was America’s first attempt at a grand strategy since the end of the Cold War. The four strands of the Bush Administration’s foreign policy (energy procurement, military advancement, anti-terrorism and global power projection) were reflected in the Bush Doctrine⁷⁰ (MAHDI, 2010, p. 22).

⁶⁹ “Devido ao local da energia em que há a busca pelo poder, certos casos tornaram-se centrais na abordagem de Bush (principalmente o Iraque), atuando como o que eu chamo de *pontos de intersecção* onde todos esses objetivos foram feitos para serem alcançados” (tradução nossa, grifo do autor).

⁷⁰ “Além disso, após os ataques de 11 de setembro e da invasão do Afeganistão, Bush apresentou a Doutrina Bush, que foi a primeira tentativa da América para uma grande estratégia desde o fim da Guerra Fria. As quatro vertentes

Com a Guerra ao Terror, os EUA, além de suas antigas bases aéreas e navais provenientes do período da Guerra Fria, agora possuem postos avançados nas proximidades de quase todas as grandes jazidas de hidrocarbonetos. Assim como detêm pontos de apoio estratégicos nas rotas mundiais do petróleo, por todos os cantos do globo (SÉBILLE-LOPEZ, 2006, p. 89).

Por fim, compactuando da mesma perspectiva dos teóricos anteriores, Enghdal (2009, p. 53) defende que desde a administração de George W. Bush e Richard Cheney, controlar os maiores campos de gás e petróleo do mundo tem sido a prioridade primária da política externa de Washington – embora não declarada. Tornou-se cada vez mais claro que não só a invasão do Iraque, mas também a incursão no Afeganistão, não tinham relação com a expansão da democracia, mas sim com o controle dos gasodutos em toda a Ásia Central e a ocupação militar do Oriente Médio.

Engdahl ainda entende que, desde o princípio, o governo de Bush e Cheney se baseou na concepção de que a política externa estadunidense deveria ter como objetivo primário garantir o que o Pentágono denomina de “*Full Spectrum Dominance*”⁷¹ (2009, p. 55).

The strategist's of Full Spectrum Dominance envisioned control of pretty much the entire universe, including outer and inner-space, from the galaxy to the mind. The control of energy, particularly global oil and gas resources (...) was the cornerstone of their global strategy⁷² (ENGHDAL, 2009, p. 55).

Deste modo, a administração Bush implementou o consenso de que seriam necessárias drásticas mudanças na política externa dos EUA – uma postura extremamente agressiva para a apreensão das reservas de petróleo mundial – a fim de que os EUA continuassem a controlar o crescimento da economia mundial e, também, de prevenir o surgimento de grupos econômicos rivais. “It was clear in Washington policy circles that in order to control those oil and gas flows,

da política externa da administração Bush (aquisições de energia, o avanço militar, anti-terrorismo e de projeção de poder global) foram refletidas na Doutrina Bush” (tradução nossa).

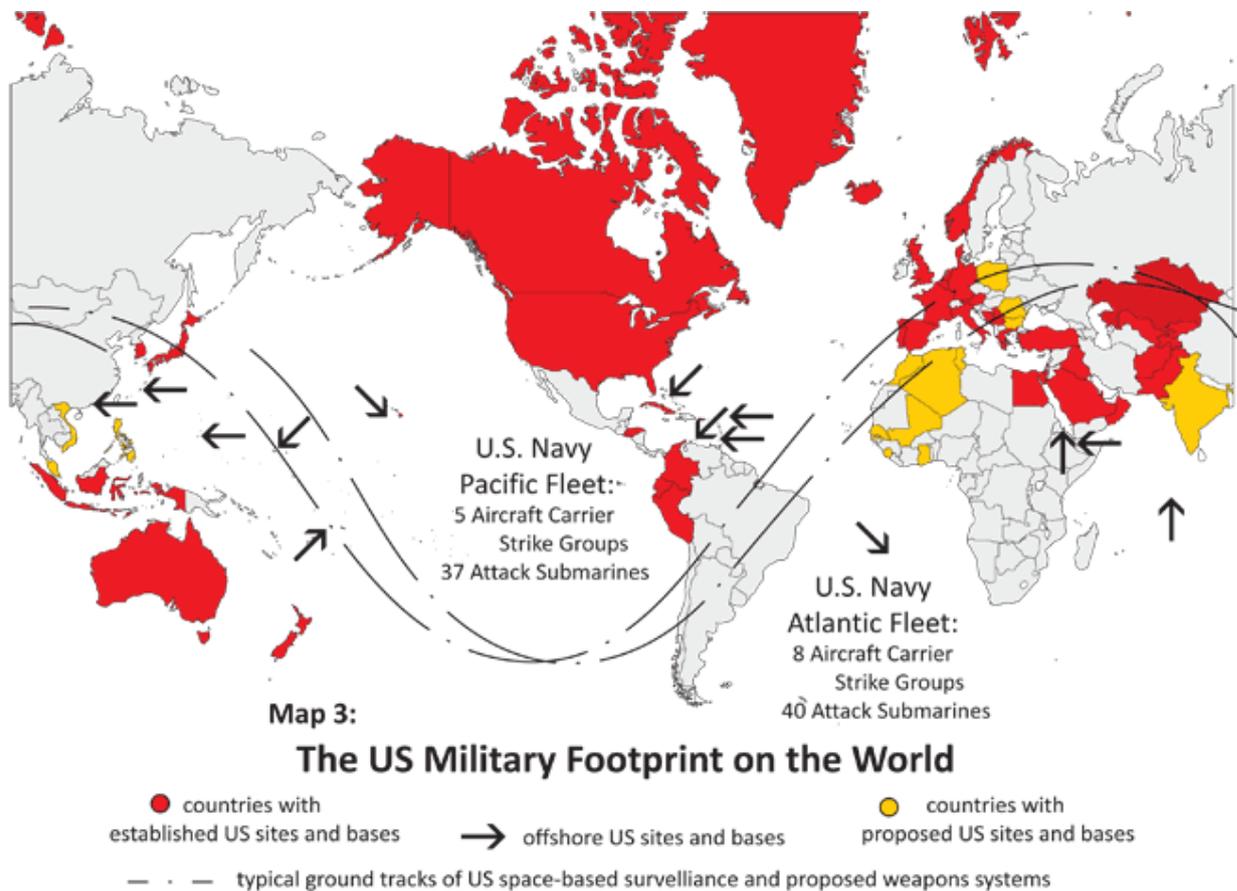
⁷¹ Também conhecida como “*Full-Spectrum Superiority*” (Superioridade do Espectro Completo, tradução nossa) é o efeito cumulativo de uma posição dominante no ar, terra, marítima e nos domínios espaciais, e também no campo das informações (que inclui o ciberespaço), permitindo a realização de operações conjuntas sem oposição eficaz ou interferência proibitiva (DEPARTMENT OF DEFENSE, 2015, p. 96).

⁷² “Os estrategistas da “*Full-Spectrum Dominance*” vislumbraram o controle de praticamente todo o universo incluindo o espaço interior e exterior, desde a galáxia até a mente. O controle da energia, particularmente dos recursos petrolíferos e do gás (...) foram a pedra angular da estratégia global deles” (tradução nossa).

the United States need to project its military power far more aggressively, to achieve a total military supremacy”⁷³ (ENGHDAL, 2009, p. 55).

Para melhor visualização do que porá foi exposto, através do Mapa 1, pode-se observar a grande presença militar estadunidense em torno das principais áreas produtoras de hidrocarbonetos do mundo, quer sejam a Região do Cáspio, o Oriente Médio ou o Mar Meridional da China.

Figura 1 – Posicionamento Militar dos EUA pelo Mundo



Source: US Department of Defense, *Base Structure Report*, 2008.

Fonte: JAPAN FOCUS (2009)⁷⁴

⁷³ “Ficou claro nos círculos políticos de Washington que, a fim de controlar esses fluxos de petróleo e gás, os Estados Unidos precisavam projetar seu poder militar muito mais agressivamente, para alcançar uma supremacia militar total” (tradução nossa).

⁷⁴ Disponível em: <<http://japanfocus.org/-Catherine-Lutz/3086/article.html>> Acesso em out. 2015.

4 O AINDA PIVÔ GEOGRÁFICO: A REGIÃO DO CÁSPIO

As regiões do Cáucaso do Sul e Ásia Central ganharam especial atenção com o colapso da URSS em 1991. A região foi basicamente esquecida e/ou pouco conhecida, durante todo período da Guerra Fria. Entretanto, com a derrocada soviética, estas regiões passaram da obscuridade para o primeiro plano dos – revisados – cálculos geopolíticos. Enquanto o poder e influência da Rússia enfraquecia na região, os novos Estados independentes da Ásia Central e Cáucaso do Sul começavam a traçar caminhos distintos e autônomos ao antigo laço com os eslavos. Assim, apresentando chances e oportunidades para atores externos estabelecerem a cooperação com estes países (AYDIN, 2004, p. 3; MAMMADOV, 2009, p. 14-15).

Figura 2 – Região do Mar Cáspio



Fonte: LIBRARY OF CONGRESS⁷⁵

No centro destas duas regiões, encontra-se o maior corpo d'água⁷⁶ fechado e interior (cercado por massas terrestres) do Mundo – o Cáspio –, situado no Leste das montanhas do

⁷⁵ Disponível em: <<https://www.loc.gov/resource/g5692c.ct003595/>>. Acesso em out. 2015.

⁷⁶ Termo da Geografia para definir qualquer acumulação significativa de água. Geralmente refere-se a grandes acumulações de água, tais como oceanos, mares e lagos.

Cáucaso e a Oeste das vastas estepes da Ásia Central. Seu nome tem origem dos antigos povos *Kaspi*, que viviam a Oeste da região da Transcaucásia⁷⁷. O vasto mar (ou lago)⁷⁸ cobre uma área de cerca de 386.400km². Suas margens estão limitadas a Nordeste pelo Cazaquistão, a Sudeste pelo Turquemenistão, a Sul pelo Irã, a Sudoeste pelo Azerbaijão, e no Noroeste pela Rússia. Através desses países é, então, que o Cáspio conecta-se completamente às regiões do Cáucaso do Sul, a Oeste e da Ásia Central, a leste; assim como do Oriente Médio, ao Sul (MAMMADOV, 2009, p. 13-14), como pode ser observado na Figura 2.

4.1 Os recursos energéticos da Região do Cáspio

No que tange à região do Cáspio tanto as reservas de petróleo e gás natural são significativas. As reservas de petróleo e gás da região constituem – respectivamente – cerca de 3 e 5 por cento das reservas mundiais. As reservas comprovadas de petróleo da região do Cáspio superam as da Europa. Já as reservas de gás natural – além de também serem superiores às europeias – superam as reservas da América do Norte, do Sul e Central. “It goes without saying that the Caspian region plays an important role in providing hydrocarbons to Europe and also Asia”⁷⁹ (MAMMADOV, 2009, p. 32).

Em relação às projeções da produção energética da Região do Cáspio, será utilizado o *World Energy Outlook*⁸⁰ (2010) da *International Energy Agency*⁸¹ (IEA). Dada a imprevisibilidade do cenário energético mundial, a organização propõe três projeções de cenário (IEA, 2010, p. 79). Sendo elas:

- *Current Policies Scenario* (Cenário das Políticas Atuais): em que só as políticas já formalmente adotadas e aplicadas são tidas em conta;
- *New Policies Scenario* (Cenário de Novas Políticas): assume a introdução de novas medidas energéticas (mas em uma base relativamente cautelosa) para implementar os compromissos de política geral que já foram anunciadas, incluindo compromissos nacionais para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e, em certos países, os planos para eliminar progressivamente os subsídios à energia fóssil;

⁷⁷ Região também conhecida como Cáucaso do Sul, que compreende as republicas da Arménia, Geórgia e Azerbaijão.

⁷⁸ Não há consenso entre os geógrafos se o Cáspio é considerado, de fato, mar (fechado) ou um lago. Posteriormente este trabalho, discutirá por que este imbróglgio conceitual é importante.

⁷⁹ “Não é preciso dizer que a Região do Cáspio desempenha um papel importante no fornecimento de hidrocarbonetos para a Europa e também na Ásia” (tradução nossa).

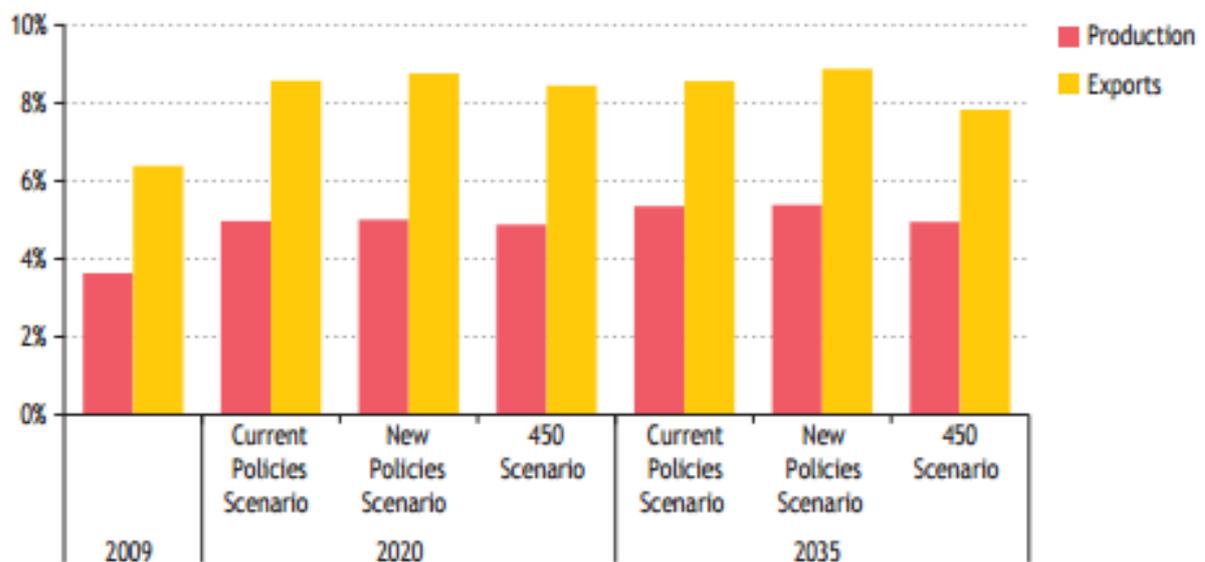
⁸⁰ “Panorama Mundial de Energia” (tradução nossa).

⁸¹ “Agência Internacional de Energia” (tradução nossa).

- *450 Scenario* (Cenário 450): assume o estabelecimento de políticas energéticas compatíveis com a meta de limitar o aumento global da temperatura média de 2° C, o que exigiria que a concentração de gases de efeito estufa na atmosfera fosse limitada a cerca de 450 partes por milhão de dióxido de carbono equivalente (ppm CO₂-eq).

No caso do petróleo, a quota do Cáspio na produção Mundial crescerá de 3,5% em 2009 para mais de 5% em 2035 em cada cenário. A quota da região nas exportações mundiais também crescerá em todos os cenários, de 6% até 9% nos Cenários das Novas Políticas e das Políticas Atuais, e para pouco menos de 8% no Cenário 450 (Figura 3). A nível de comparação, 9% da quota mundial de exportações de petróleo em 2035 são equivalentes às projeções de exportação líquida de petróleo da América Latina. Isso seria suficiente para atender quase todas as necessidades de importação projetadas da América do Norte em 2035 ou, em alternativa, para cobrir um terço das importações de petróleo da China (IEA, 2010, p. 558).

Figura 3 – Quota do Cáspio na produção Mundial de petróleo por cenário

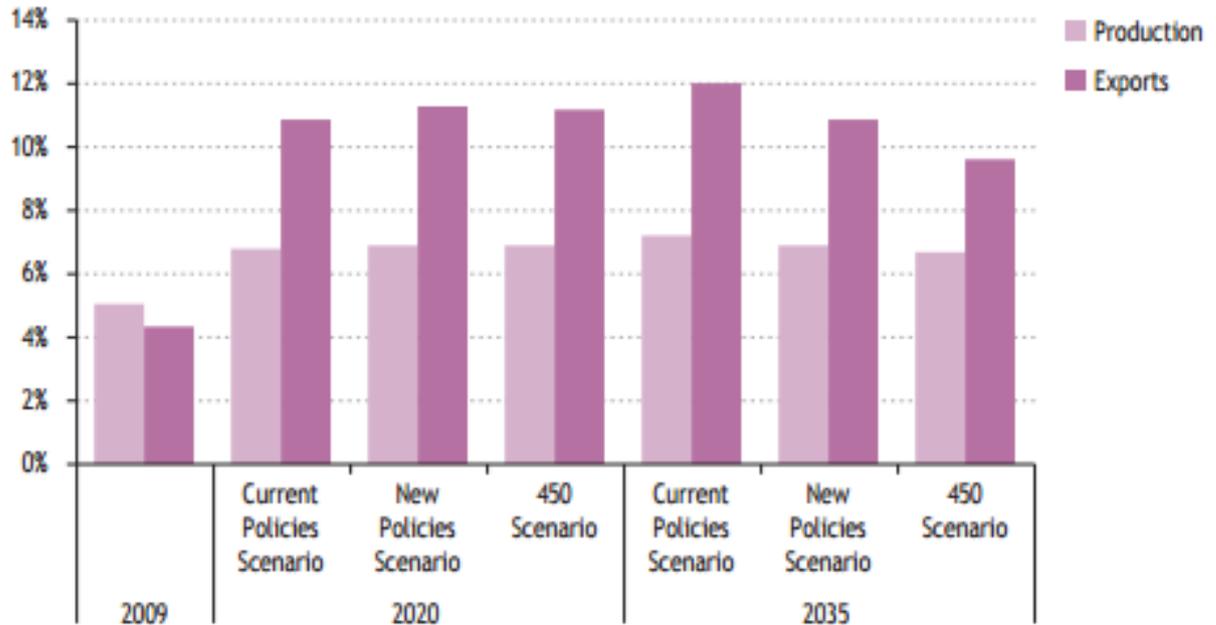


Fonte: IEA (2010)

O quadro geral para o gás é semelhante à projeção petrolífera, com a participação do Cáspio na produção mundial aumentando de 5% em 2009 para cerca de 7% em 2035, com o resultado bastante consistente em todos os cenários (Figura 4). Tal como acontece com o petróleo, a participação da região nas exportações mundiais é maior do que a sua quota de produção global, com a região do Cáspio representando cerca de 11% das exportações de gás global no Cenários das Novas Políticas; isso cai ligeiramente no Cenário 450, em que a

demanda global de gás deverá diminuir após 2025, como a penetração e aumento das energias renováveis e nucleares no mercado (IEA, 2010, p. 561).

Figura 4 – Quota do Cáspio na produção Mundial de gás natural por cenário



Fonte: IEA (2010)

4.2 Definindo a Região

Ilgar Mammadov (2009, p. 13) compreende que depois da Guerra Fria e o curto período de expectativas idealistas – de uma Nova Ordem Mundial –, os interesses geopolíticos foram renovados. A fragmentação da URSS criou novas dinâmicas e o foco virou-se para o *Heartland* e *Inner Crescent*⁸² da Eurásia. Porém, desta vez, devido principalmente aos recursos energéticos da região e o vácuo de poder que emergiu por todo o antigo território soviético. “Energy became the main tool for geopolitics in Eurasia and the Caspian Sea region – its [geographic] pivot”⁸³ (MAMMADOV, 2009, p. 13, grifo nosso).

⁸² Assim como o *Heartland*, o *Inner Crescent* também é um conceito geopolítico, formulado pelo inglês Halford J. Mackinder. Como já mencionado, o primeiro, delimita uma grande área da região Europa Oriental e a Ásia Central. O segundo abarca a porção periférica eurásiana do Heartland. Para Mackinder estas regiões são vitais para o destino da geopolítica mundial.

⁸³ “Energia tornou-se o principal instrumento de geopolítica na Eurásia e na região do Mar Cáspio - seu pivô [geográfico]” (tradução nossa, grifo nosso).

A utilização do termo Região do Cáspio é contemporânea e, em um vasto sentido geopolítico e “[...] implies a ‘geopolitics determined by peculiarities of geology, [that is] huge natural resources’, which has led to the formation of ‘a region defined by oil and gas’”⁸⁴ (AYDIN, 2004, p. 3, grifo do autor), resultando na emergência de uma nova região geoestratégica, abrangendo a maioria da Ásia Central e o Cáucaso, do mesmo modo, os Estados conexos como Rússia e Irã e até mesmo Turquia, Paquistão e China. Aydin, compreende que a definição da Região do Cáspio “[...] seeks to trace the interplay of economic, political and strategic interests of various actors”⁸⁵ (2004, p. 6).

Thus the Caspian Region, connecting two distinct areas of the former Soviet Union, the Caucasus and Central Asia, carries all the geo-political weights and instabilities of both, in addition to having unique problems connected with its huge hydrocarbon reserves and multi-sided international rivalry to obtain the greatest benefit from them⁸⁶ (AYDIN, 2004, p. 3).

Mammadov (2009, p. 15-16) entende que – para definir o que vem a ser a Região do Cáspio – é necessário considerar os fatores que desde a década de 1990 fizeram a região tornar-se valiosa e, conseqüentemente, aumentaram sua importância diante do sistema internacional. Dentre os mais importantes, encontram-se:

- a emergência dos Estados independentes após a dissolução da URSS;
- a presença de ricas reservas em petróleo e gás natural;
- localização geoestratégica dos países; e,
- a política externa conduzida por esses estados.

As ricas reservas de gás e petróleo do Cáspio, efetivamente, fazem a importância da região, atraindo, com isso, o interesse de atores externos e fornecendo perspectivas de cooperação. A região ainda ocupa posição central no continente eurasiático, em seu *Heartland*. Mammadov (2009, p. 16) entende que este posicionamento geográfico é importante por ser:

- (1) o cruzamento das rotas comerciais tradicionais que ligam o Norte e o Sul, bem como o Oriente e o Ocidente – Ásia e Europa – conhecido como a Grande Rota da Seda; e,

⁸⁴ “[...] implica uma “geopolítica determinada por peculiaridades da geologia, [que são] vastos recursos naturais”, o que levou à formação de ‘uma região definida pelo petróleo e gás’” (tradução nossa).

⁸⁵ “[...] procura traçar a interação de interesses econômicos, políticos e estratégicos de vários atores (tradução nossa).

⁸⁶ “Assim, a região do Cáspio, ligando duas áreas distintas da antiga União Soviética, o Cáucaso e a Ásia Central, carrega todos os pesos geopolíticos e instabilidades de ambos, além de ter problemas exclusivos relacionados às suas enormes reservas de hidrocarbonetos e à rivalidade internacional multifacetada em prol da obtenção dos maiores ganhos possíveis destes recursos” (tradução nossa).

- (2) próximo do Oriente Médio e Sul da Ásia, em particular ao Iraque e Afeganistão, os maiores campos de batalha da “Guerra ao Terror”.

Desse modo,

There are geo-strategic reasons to link the Caspian Basin with the wider geographic areas of the Caucasus and Central Asia when dealing with the security and geo-politics of the region (...). Today, as a result of the USSR’s disintegration and regional instability combined with geo-political realignments, the number of political, economic and military actors who can influence the region’s future has increased manifold. Within the emerging geo-political equations, various factors contribute to the newly independent states geo-political reorientation away from their historic Russian bond. Among others, combined effects of geographic proximity, economic opportunity, ethnic and cultural ties and religion gently push the evolution of the new states in a southern direction, “toward historical preferences and allegiances that were interrupted by the USSR’s sealing of these areas to its own advantage⁸⁷ (AYDIN, 2004, p. 4).

No entanto, não foram somente os aspectos geográficos e geológicos por si, que conduziram a escalada Ocidental na região, mas sim a abertura política dos Estados do Cáspio frente ao Oeste – conduzidas primeiramente pelo Azerbaijão – que condicionou a intensificação da presença dos países ocidentais na região. “[N]one of the countries of the Caspian Sea Region has the necessary capital to explore and exploit the regional hydrocarbon resources, and all will need foreign investment in the foreseeable future”⁸⁸ (AYDIN, 2004, p. 8). Sem esta postura, os EUA, principalmente, não teriam condições de participar dos projetos de extração e transporte dos hidrocarbonetos, muito menos de influir, expressivamente, na geopolítica da região. Indubitavelmente, sem a presença estadunidense na região, o Cáspio não teria ganho seu atual significado (MAMADOV, 2009, p. 16).

Mammadov (2009, p. 16-17), entende que a Região Mar Cáspio pode ser descrita como um conjunto de várias esferas ou círculos sobrepostos. Divididas em:

1. Estados exportadores: Azerbaijão, Cazaquistão, Turcomenistão, Rússia e Irã – países geograficamente litorâneos – onde todos possuem reservas de petróleo e gás no Cáspio. Entretanto o papel e importância de cada um deles não são iguais devido em primeiro lugar à sua política energética.

⁸⁷ “Há razões geoestratégicas para ligar a bacia do Cáspio com as vastas regiões geográficas do Cáucaso e Ásia Central quando se lida com a segurança e a geopolítica da região (...). Hoje, como resultado da desintegração da URSS e a combinação da instabilidade regional com os realinhamentos geopolíticos, o número de atores políticos, econômicos e militares que podem influenciar o futuro da região aumentou muito. Com a emergência das equações geopolíticas, diversos fatores contribuem para a reorientação geopolítica dos novos Estados independentes, longe de seu vínculo histórico com os russos. Entre outros, efeitos combinados de proximidade geográfica, oportunidades econômicas, laços culturais e étnicos e religião sutilmente empurra a evolução dos novos Estados, em direção Sul, para as preferências históricas e alianças que foram interrompidas por vedação dessas áreas pela URSS em proveito próprio” (tradução nossa).

⁸⁸ “[N]enhum dos países da região do Mar Cáspio tem capital necessário para explorar e tirar proveito dos hidrocarbonetos regionais, e todos precisarão de investimentos estrangeiros no futuro previsível” (tradução nossa).

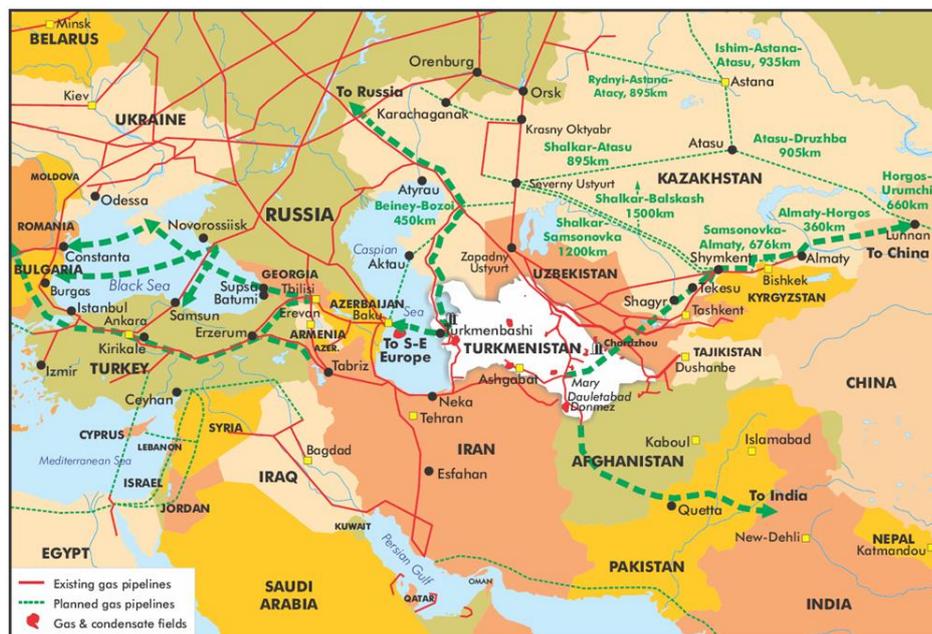
2. Estados de trânsito: Geórgia e Turquia que servem como países de trânsito para o transporte de hidrocarbonetos do mar Cáspio para a Europa. Enquanto o Uzbequistão para as rotas destinadas à Ásia (principalmente China). Por fim, Afeganistão e Paquistão possuem potencial para exercer tal função.
3. Estados importadores: Europa, Estados Unidos, China e Índia são os principais importadores e estão conectados à região.

Destaque deve ser dado ao fato de que,

Though Iran does not participate presently in any project, it may change over time and in any event is very relevant to the Caspian Sea. Russia's role is probably unique, though it is presented here as a transit country, but it is also exporter and even importer. Russia has key stakes in the Caspian and unlike other littoral states may significantly influence the state of affairs⁸⁹ (MAMMADOV, 2009, p. 17).

Através das Figuras 5 e 6, onde constam as principais áreas de produção e rotas de transporte – do gás natural e petróleo, respectivamente, é possível identificar esta dinâmica de vários círculos sobrepostos e, conseqüentemente, do quão interligada está a Região do Cáspio.

Figura 5 – Gasodutos da Região do Cáspio



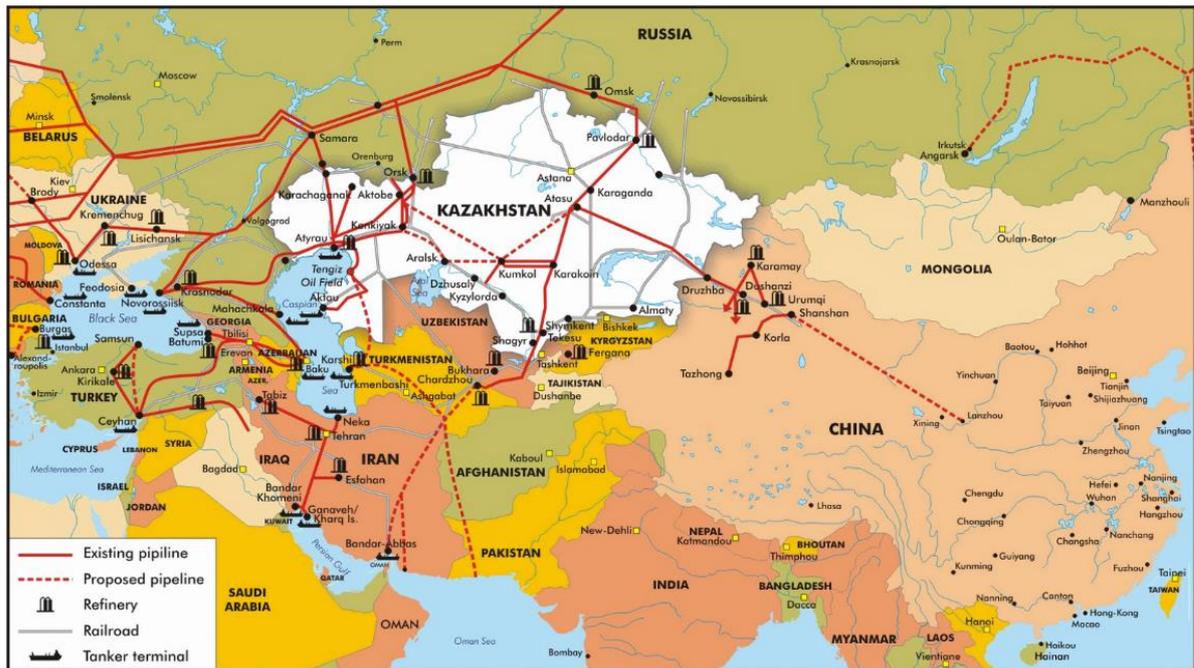
Fonte: GLOBAL SECURITY⁹⁰

⁸⁹ Embora o Irã não participe atualmente em qualquer projeto, isto pode mudar ao longo do tempo e em qualquer caso, é muito relevante para o Mar Cáspio. O papel da Rússia é provavelmente único, embora seja aqui apresentado como um país de trânsito, [A Rússia] também é exportadora e até mesmo importadora. A Rússia tem participações-chave no Cáspio e – ao contrário dos outros países do litoral [do Cáspio] – pode influenciar significativamente o estado de coisas (tradução nossa, grifo nosso).

⁹⁰ Disponível em:

<<http://www.globalsecurity.org/jhtml/jframe.html#http://www.globalsecurity.org/military/world/centralasia/images/map-gas-pipelines-2012.jpg||Central Asia Gas Pipelines>>. Acesso em out. 2015.

Figura 6– Oleodutos da Região do Cáspio

Fonte: GLOBAL SECURITY⁹¹

No que fere à segurança regional do Cáspio, pode-se dizer que ela é extremamente frágil e vulnerável, ameaçada por uma série de riscos e desafios. Os conflitos do Cáucaso do Sul e Ásia Central, o programa nuclear iraniano, o terrorismo, tráfico ilegal de armas e drogas e as dificuldades relacionadas à coalizão nacional e a consolidação do espaço territorial pelos Estados são problemas decorrentes de toda esta vasta região (MAMMADOV, 2009, p. 17). Deste modo, Mammadov compreende que a segurança da Região do Cáspio é baseada em dois conceitos fundamentais:

Security is comprehensive on one side and multilevel, on the other side. Comprehensiveness means that security has political-military, economic and humanitarian dimensions. Risks and challenges come from national, regional and global levels. Complexity lies with the reality that challenges could be, purely humanitarian in their dimension and rigidly national in their origin or they may be multidimensional and pose a threat simultaneously at the global, regional and national level. Depending on the dimension and the level of challenges one should choose the appropriate mean to deal with and respond nationally, regionally or globally, politically and economically, peacefully or otherwise⁹² (2009, p. 18, grifo nosso).

⁹¹ Disponível em:

<http://www.globalsecurity.org/jhtml/jframe.html#http://www.globalsecurity.org/military/world/centralasia/images/map-oil-pipelines-2012.jpg||Central Asia Oil Pipelines>. Acesso em out. 2015.

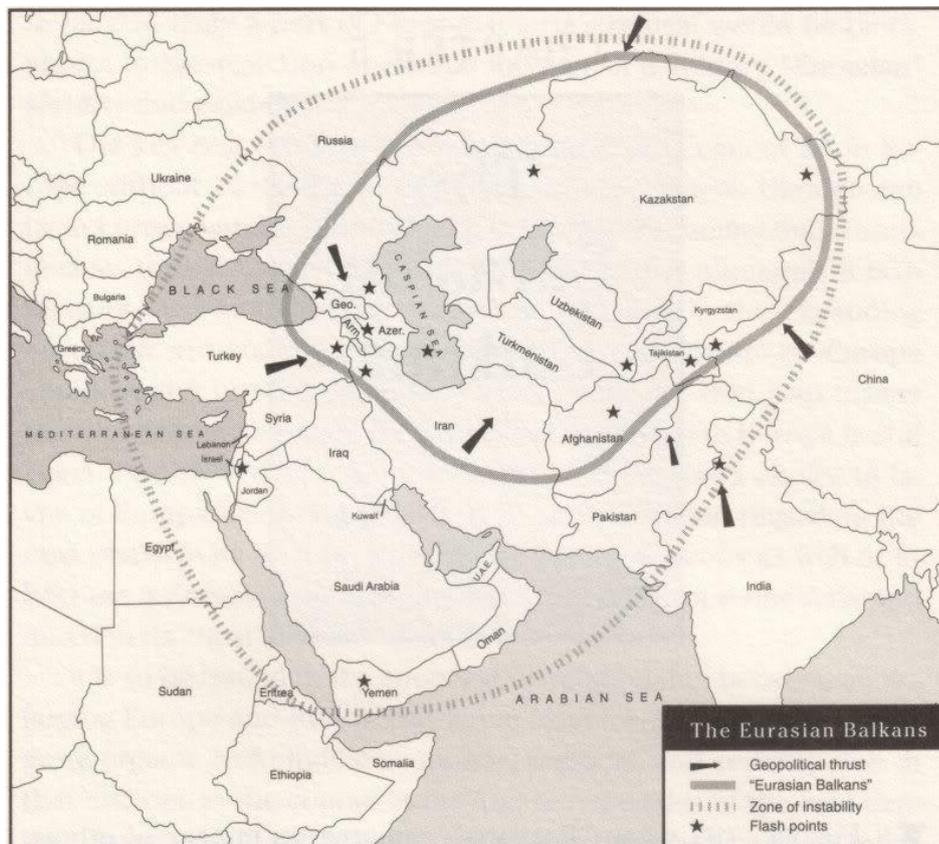
⁹² “Segurança é abrangente por um lado e multi-nível por outro. Abrangência significa que a segurança tem dimensões políticas, militares, econômicas e humanitárias. Riscos e desafios vem de níveis nacionais, regionais e globais. A complexidade encontra-se com a realidade de que os desafios podem ser puramente humanitários – na sua dimensão – e rigidamente nacionais em sua origem ou podem ser multidimensionais e representarem uma ameaça simultaneamente a nível nacional, regional e global. Dependendo da dimensão e do nível destes desafios, deve-se escolher o meio adequado para lidar com e responder a nível nacional, regional ou globalmente, política e economicamente, de forma pacífica ou de outra forma” (tradução nossa).

Sendo assim, pode-se compreender a Região do Cáspio como: uma vasta área do continente eurasiático, detentora de importantes reservas de hidrocarbonetos; constituída por diversos atores interconectados em vários círculos sobrepostos; e, com seus aspectos de segurança caracterizados pelo multi-nível e abrangência. Evidenciando que “[...] the region is understood as a geo-political term”⁹³ (MAMMADOV, 2009, p. 18).

4.3 Focos de instabilidade interna

Em 1997, Brzezinski em seu livro *The Grand Chessboard*, denominou o núcleo da região que hoje, usualmente, é chamada de Região do Cáspio de Balcãs Eurasiáticos (Figura 7). O proeminente geopolítico estadunidense justifica a denominação pela similaridade com a região europeia, quer seja pela sua importância estratégica, mas sobretudo, por causa da região ser – como ele mesmo denomina – um “caldeirão étnico”.

Figura 7 – Balcãs Eurasiáticos



Fonte: BRZEZINSKI (1997, p. 124)

⁹³ “[...] a região é entendida como um termo geopolítico” (tradução nossa).

Os Balcãs Eurasiáticos, de fato, são um mosaico étnico. Como aponta Brzezinski (1997, p. 128), as atuais fronteiras dos Estados pós-soviéticos foram arbitrariamente formuladas pelos cartógrafos soviéticos entre as décadas de 1920 e 1930. Tais fronteiras foram elaboradas com o objetivo claro de manter toda a região austral do vasto território soviético inteiramente dividida e conseqüentemente mais subserviente ao comando central do Kremlin.

Accordingly, Moscow rejected proposals by Central Asian nationalists to meld the various Central Asian peoples (most of whom were not yet nationalistically motivated) into a single political unit – to be called "Turkestan" – preferring instead to create five separate "republics", each with a distinctive new name and jigsaw borders. Presumably out of a similar calculation, the Kremlin abandoned plans for a single Caucasian federation⁹⁴ (BRZEZINSKI, 1997, p. 128).

Por conseqüência, não é de se estranhar que, após o colapso da União Soviética, tanto os Estados do Cáucaso quanto da Ásia Central estivessem preparados para seu novo *status* independente (BRZEZINSKI, 1997, p. 128). Neste sentido, Kolosssov (1998, s.p.) elenca as principais dificuldades para a consolidação do Estado – em seu amplo sentido – que emergiram com estes Estados, e são causadoras de grande instabilidade nestes imaturos países:

- grande parte de suas populações, especialmente em determinadas regiões, não percebem, ainda, a sua afiliação com a comunidade estatal política, que se pressupõe ser o consenso sobre os valores da cidadania comum entre todos os grupos sociais, étnicos e regionais;
- as sociedades estão profundamente divididas entre vencedores e perdedores, evidenciadas nas reformas e medidas econômicas (principal clivagem política), assim, o Estado não atinge a legitimidade completa;
- a participação política não é satisfatória, na maioria dos casos o Estado não consegue assegurar sua integridade territorial, muito menos a unidade nacional e estabilidade política;
- a igualdade quer seja no acesso aos recursos materiais, valores e ou privilégios, estão longe de serem consideradas justas, onde, diversas regiões destes países possuem status diferenciado recebendo – do sistema de redistribuição financeira – quantias significativamente diferentes; e,

⁹⁴ “Assim, Moscou rejeitou as propostas dos nacionalistas centro-asiáticos para fundir os diversos povos da Ásia Central (a maioria dos quais ainda não eram motivados nacionalisticamente) em uma única unidade política – que se chamaria “Turquestão” – preferindo em vez disso, criar cinco “republicas” separadas cada uma com um nome distinto e com fronteiras fragmentadas. Presumivelmente, a partir de um cálculo semelhante, o Kremlin abandonou os planos para uma única federação caucasiana” (tradução nossa)-

- os Estados não conseguem ser bem sucedidos em penetrar da mesma maneira em todas as etnias, territórios e segmentos da sociedade, como maior exemplo disto, destaca-se a existência de diversas republicas autoproclamadas.

Também cabe destacar que

Other domestic sources of instability are related to the economic conditions exist in the region. The Caspian region offers tremendous economic opportunities in the post-Soviet world. However, possible uneven development patterns are a significant potential source of instability in the region. Differences in the natural resource bases could provoke economically driven migration, polarize ethnic groups, and cause increased tensions. This combined with widespread unemployment creates potential for conflict⁹⁵ (AYDIN, 2001, p. 218).

A partir destas condições, o geopolítico russo Tsygankov (2003, p. 104) aponta algumas categorias de conflitos que emergiram no processo de dissolução da URSS, dentre os principais estão: os conflitos étnicos nas regiões do Cáucaso, Tajiquistão e Chechênia; e, os conflitos ocasionados por arranjos e regimes políticos que culminam em repressões às manifestações religiosas em países como Azerbaijão, Cazaquistão e Uzbequistão, que conseqüentemente aumentam a instabilidade e as atividades terroristas na Ásia Central e também no Cáucaso.

4.3.1 Cáucaso do Sul

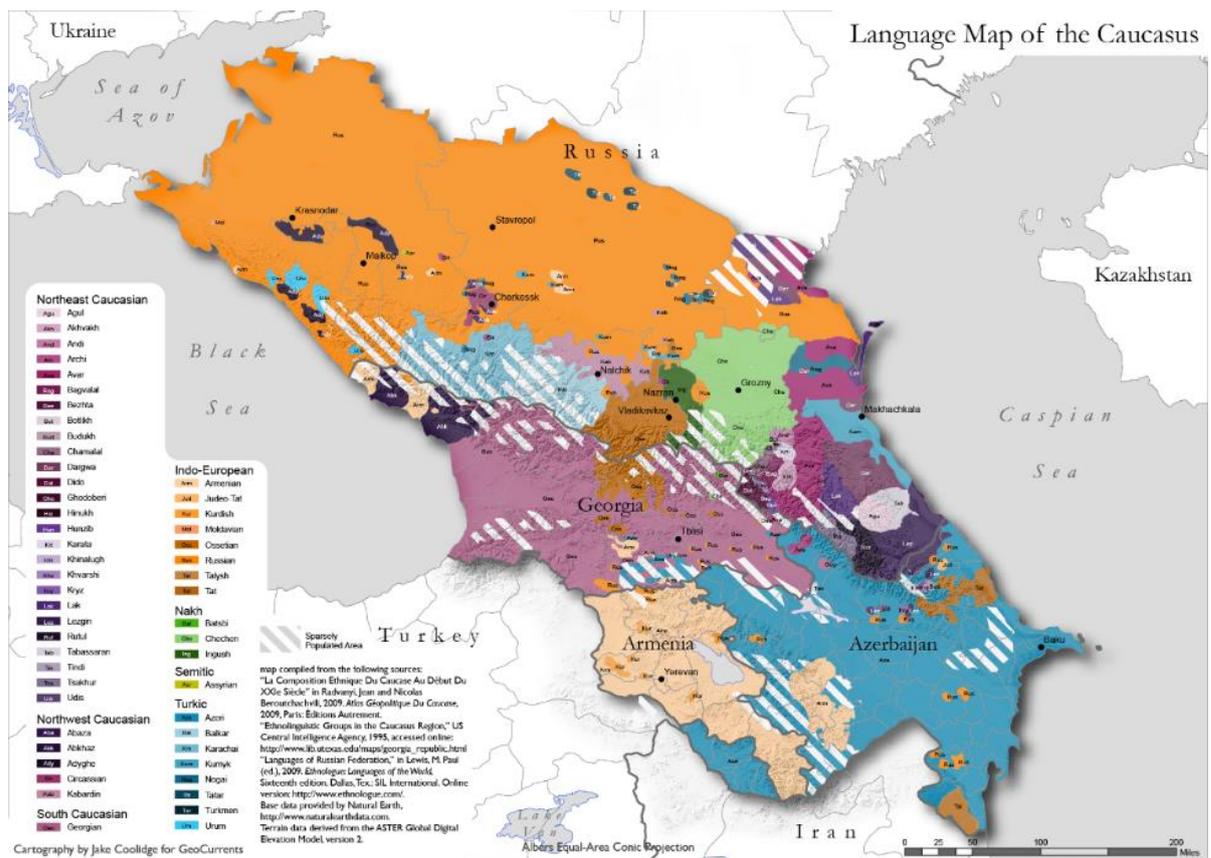
A região constituída por Azerbaijão, Geórgia e Armênia, conhecida por sua vasta cadeia montanhosa entre o Cáspio e o Mar Negro, exposta atualmente por seus conflitos adormecidos e não resolvidos, permanece repleta de desafios econômicos e políticos. A amplitude da instabilidade regional – mesmo após quase 25 anos da dissolução soviética – segue impressionante marcada por uma grande diversidade de características que diferem muito de uma localidade para outra, entre os quais, as características étnicas e geográficas da região desempenham papel importante para sua compreensão. “While the Caucasus is often physically represented as a unified whole, its many internal political boundaries give a different impression, one of complexity among and within states”⁹⁶ (O’LOUGHILIN; KOLOSSOV; RADVANYIL, 2007, p. 136).

⁹⁵ “Outras fontes internas de instabilidade estão relacionadas com as condições econômicas existentes na região. A região do Mar Cáspio oferece enormes oportunidades econômicas do mundo pós-soviético. No entanto, os possíveis padrões desiguais de desenvolvimento são uma fonte potencial, significativa, de instabilidade na região. Diferenças nas reservas de recursos naturais podem provocar a migração economicamente impulsionada, polarizar grupos étnicos, e causar um aumento das tensões. Isto combinado com o desemprego generalizado cria potencial de conflito” (tradução nossa).

⁹⁶ “Enquanto o Cáucaso é frequentemente representado fisicamente como um todo unificado, suas diversas fronteiras políticas internas dão uma impressão diferente, de uma complexidade entre e dentro dos Estados” (tradução nossa).

Ao longo de toda sua história, o Cáucaso vivenciou períodos de fragmentação e integração política sob jugo de um poder imperial dominante. Por cerca de 200 anos, toda a região do Cáucaso foi incorporada ao Império Russo. Embora, no período soviético, três repúblicas tenham sido criadas no Cáucaso, pouco se contribuiu para amparar as identidades nacionais. Pelo contrário, a formulação das fronteiras – dos atuais Estados – seguiu o modelo soviético de delimitação cartográfica – fragmentando os grupos étnicos. O resultado final foi uma mistura perigosa de vários grupos locais, tribais e étnicos (Figura 8) dentro de fronteiras criadas artificialmente, indicando claramente o potencial de crises e conflitos com base em questões de nacionalidade. Durante o período soviético, estes efeitos desestabilizadores foram mantidos sob controle por rigoroso aparato autoritário e supressão. No entanto, as raízes desta instabilidade nunca foram solucionadas, contribuindo para o agravamento destes conflitos após o colapso da União Soviética (AYDIN, 2001, p. 215-216).

Figura 8– Mapa étnico do Cáucaso



Fonte: GEOCURRENTS⁹⁷

As condições geográficas, também, desempenham um papel crucial na atual diversidade étnica da região, assim como no surgimento de numerosos mundos culturais – que muitas vezes

⁹⁷ Disponível em: <http://geocurrents.info/wp-content/uploads/2012/02/LanguageMap_Caucasus-01.png>. Acesso em out. 2015.

se sobrepõe – de nômades às populações sedentárias, de montanhistas a habitantes das estepes e, de grupos naturais da região a povos que vieram para a região relativamente mais tarde.

Penetrating into the mountains and crossing them remains difficult; there is still no railway that crosses the main range from north to south. In the 1970s, a tunnel was started between Ingushetia and Georgia but now lies abandoned. The only roads proper are often closed because of heavy snow or rainstorms. During Soviet times, traffic between Russia and the Transcaucasia was made possible by circumventing the chain at its two coastal ends, involving long and expensive detours. The fact that longitudinal valleys and intra-montane basins are rarely found inside the mountain chains, and are small in size, has a major influence on human occupation. The majority of valleys are accessed only by long and difficult detours on questionable roads. This rough terrain explains the almost complete absence of cities within the mountains⁹⁸ (O'LOUGHILIN; KOLOSSOV; RADVANYIL 2007, p. 138).

A topografia da paisagem natural do Cáucaso e, particularmente, a inacessibilidade de muitas áreas montanhosas, limitaram as oportunidades de maior contato entre as diversas populações locais. Deste modo, ao longo da história, as características geográficas acabaram provendo condições para o desenvolvimento destas comunidades de forma independente umas às outras – em todos os sentidos. Estas condições delimitaram uma divisão territorial do trabalho, estimulando a necessidade de comércio e intercâmbio cultural entre os povos das montanhas e planícies, levando à uma composição étnica diversificada (O'LOUGHILIN; KOLOSSOV; RADVANYIL 2007, p. 138).

Como Noguee e Donaldson destacam, nenhuma região da antiga União Soviética é tão suscetível à violência étnica quanto o Cáucaso. Como dito anteriormente, todos os conflitos que engoliram a região têm, em grande parte, suas origens durante os anos de domínio soviético, mas estes foram largamente contidos pelos instrumentos de poder centrados em Moscou. Este poder foi amargamente ressentido pelas diversas nacionalidades da região, possivelmente, em nenhuma parte tanto quanto na Geórgia. A supressão militar soviética sobre as demonstrações nacionalistas da Geórgia, em 1989, não só estimularam as demandas por independência da região, como também deflagrou os sentimentos nacionais por todo Cáucaso (2005, p. 198).

Desde que a Geórgia atingiu sua independência da URSS, sua política doméstica e internacional tem sido dominada pelos conflitos com os movimentos de secessão da Ossétia do

⁹⁸ “Penetrar nas montanhas e cruzá-las continua a ser difícil; ainda não há uma estrada de ferro que cruza a faixa principal de Norte a Sul. Na década de 1970, um túnel foi iniciado entre Ingushetia e Geórgia, mas agora encontra-se abandonado. As únicas estradas adequadas são muitas vezes fechadas por causa da neve pesada ou tempestades. Durante a era soviética, o tráfego entre a Rússia e a Transcaucásia foi possível graças a contornar a cadeia nas suas duas extremidades costeiras, envolvendo desvios longas e caras. O fato que são raramente encontrados no interior das cadeias de montanhas vales longitudinais e bacias hidrográficas, e são de tamanho pequeno, tem uma grande influência sobre a ocupação humana. A maioria dos vales são acessados apenas por desvios longos e difíceis nas estradas questionáveis. Este terreno acidentado explica a ausência quase completa de cidades dentro das montanhas” (tradução nossa).

Sul e Abkhazia. As políticas extremamente nacionalistas do governo georgiano de Gamsakhurdia exacerbaram os anseios por independência das populações destas duas repúblicas autônomas. Após um mês da vitória de Gamsakhurdia, Ossétia do Sul e Abkhazia declaram-se repúblicas soberanas e os conflitos – entre o governo georgiano e os separatistas veem, desde então, mostrando-se presentes. Às vezes irrompem conflitos armados. Em outros momentos, caducando em estado de “conflito congelado”. Entretanto, ainda seguem sem clara resolução (NOGEE; DONALDSON, 2005, p. 198-204; BOONSTRA; MELVIN, 2011, p. 3).

Outro movimento de secessão no Cáucaso de grande relevância é a da província autônoma de Nagorno-Karabakh no Azerbaijão. Os habitantes dessa região são, em sua maioria, armênios e predominantemente cristãos, e “[...] the non slavic armenians have a long history of animosity with the Muslim Azeri’s”⁹⁹ (NOGEE; DONALDSON, 2005, p. 205).

Although each independent Transcaucasian state has its own dominant titular nation, each also has significant number of minorities. The situation is further complicated by the diversification of religious faiths that are closely related to separate national and ethnic identities. Azerbaijan contains within its borders the *Nagorno-Karabakh Autonomous Region*, with a population mostly Armenians, while the *Nakhichevan Autonomous Republic*, which consists mostly of Azeri’s, is a detached enclave sandwiched between Armenia and Iran¹⁰⁰ (AYDIN, 2001, p. 216).

Como a maioria dos antagonismos interétnicos da antiga União Soviética, este foi exacerbado pelas políticas de nacionalidade soviética. “Typical of its divide-and-rule practices, the Bolshevik government in 1921 placed Nagorno-Karabakh, whose population was 94 percent Armenian, under the administrative control of Azerbaijan”¹⁰¹ (NOGEE; DONALDSON, 2005, p. 205). Até mesmo durante o apogeu do domínio soviético, demonstrações políticas entre armênios e azeris levaram a choques violentos. A guerra (não-declarada) entre Azerbaijão e Nagorno-Karabakh – com apoio direto da Armênia – foi deflagrada, em 1991, quando o Azerbaijão declarou independência da URSS e automaticamente a província de Nagorno-Karabakh proclamou-se uma república independente. “In the scale of military action and the number of victims, the war over Nagorno-Karabakh was larger than any

⁹⁹ “[...] os armênios não eslavos têm uma longa história de animosidade com os azeris muçulmanos” (tradução nossa).

¹⁰⁰ “Embora cada estado independente da Transcaucásia tenha sua própria nação – titular – dominante, cada um deles também tem número significativo de minorias. A situação é ainda mais complicada pela diversificação das crenças religiosas que estão intimamente relacionados à separação de identidades nacionais e étnicas. O Azerbaijão possui dentro de suas fronteiras a região autônoma de Nagorno-Karabakh, com uma população na sua maioria armênios, enquanto a República Autônoma de Nakhichevan, composta principalmente de azeris, é um enclave independente imprensado entre a Armênia e o Irã” (tradução nossa).

¹⁰¹ “Típico de suas práticas de dividir para governar, o governo bolchevique em 1921 colocou Nagorno-Karabakh, cuja população era de 94 por cento armênia, sob o controle administrativo do Azerbaijão” (tradução nossa).

other conflict in the former Soviet Union, and it was the second to none in viciousness Atrocities were committed by both sides”¹⁰² (NOGEE; DONALDSON, 2005, p. 205).

Igualmente aos conflitos separatistas da Geórgia, o imbróglio de Nagorno-Karabakh permanece sem definição. “Relations between Armenia and Azerbaijan have also worsened over the unresolved Nagorno-Karabakh conflict; violence escalated last year along [2010] the Line of Contact and aggressive rhetoric increased from both sides”¹⁰³ (BOONSTRA; MELVIN, 2011, p. 3, grifo nosso).

De modo geral, a região do Cáucaso do Sul, como Lynch (2003, p. 12) aponta, é constituída de estruturas políticas pouco institucionalizadas, níveis endêmicos de corrupção, populações profundamente empobrecidas, baixos níveis de interação econômica com o mercado global, com suas bases produtivas e os setores de agricultura de subsistência em declínio – tudo isto dentro de um clima político caracterizado pelo crescente desencanto popular e um aprofundamento das disparidades entre os governados e os governados e os governantes.

The institutional weakness of the South Caucasian is a vicious circle: the governments suffer from very low levels of tax collection, which provides little revenue for the provision of public services in health care and education, which creates greater public discontent as well as incentives for corruption – all of which decrease popular willingness to pay taxes¹⁰⁴ (LYNCH, 2003, p. 14).

Destarte, pode-se dizer que todos os Estados sul-caucasianos apresentam, em diferentes formas, problemas de *stateness*¹⁰⁵. Os conflitos armados vivenciados na região, refletem as percepções conflitantes de domínio e escopo destes imperitos Estados. “The aim of the separatist authorities is *not* to capture power in the capital cities, or to renegotiate the division of powers within a given territory. The objective is *to secede* from Georgia and Azerbaijan”¹⁰⁶ (LYNCH, 2003, p. 15, grifo do autor).

¹⁰² “Na escala de uma ação militar e do número de vítimas, a guerra sobre Nagorno-Karabakh foi maior do que qualquer outro conflito na antiga União Soviética, e foi incomparável em termos de atrocidades, tendo sido cometidas por ambos os lados” (tradução nossa).

¹⁰³ “As relações entre a Arménia e Azerbaijão também se agravaram ao longo do conflito – não resolvido – de Nagorno-Karabakh; a violência aumentou no ano passado [2010] ao longo da Linha de Contato e a retórica agressiva aumentou de ambos os lados” (tradução nossa).

¹⁰⁴ “A fraqueza institucional do Sul caucasiano é um círculo vicioso: os governos sofrem de níveis muito baixos de arrecadação de impostos, que fornece pouca receita para a garantia de serviços públicos em saúde e educação, o que cria maior descontentamento público, bem como incentivos para a corrupção - todos os quais diminuem a vontade popular para pagar impostos” (tradução nossa).

¹⁰⁵ *Stateness* é um conceito – dos estudos da Democracia – que compreende a ideia da capacidade de um Estado em cumprir com o seu próprio estatuto e soberania ou então sua capacidade para cumprir funções e suportar as expectativas dos Estados companheiros e dos seus próprios cidadãos (ILYIN et. al, 2012, p. 5).

¹⁰⁶ “O objetivo das autoridades separatistas *não* é capturar o poder nas capitais, ou renegociar a divisão de poderes dentro de um determinado território. O objetivo é *separa-se* da Geórgia e Azerbaijão” (grifo do autor, tradução nossa).

4.3.2 Ásia Central

Os novos estados independentes da Ásia Central – Cazaquistão, Quirguistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e Turcomenistão – também não dispunham de uma história de independência. Desde o século XVIII os povos desta vasta região foram governados pelos czares, e depois deles, pelos soviéticos. Estes países compartilham uma herança religiosa muçulmana e têm em comum a origem étnica turca. Entretanto, as identidades nacionais na região não são fortemente estabilizadas (NOGEE; DONALDSON, 2005, p. 207).

Como mencionado anteriormente, os soviéticos criaram Estados individuais e totalmente incoerentes com as fronteiras étnicas da região, a fim de inviabilizar qualquer tentativa de secessão que possivelmente se degeneraria em uma guerra interétnica. Receosos da expansão de ideais como pan-turquismo, pan-persianismo e pan-islamismo, a divisão retalhada dos territórios da Ásia Central era vista como uma solução para ao alto comissionado soviético. O resultado, como o geopolítico estadunidense Robert D. Kaplan (2009, p. 186) afirma, “engendraria uma infinidade de anomalias” (Figura 9).

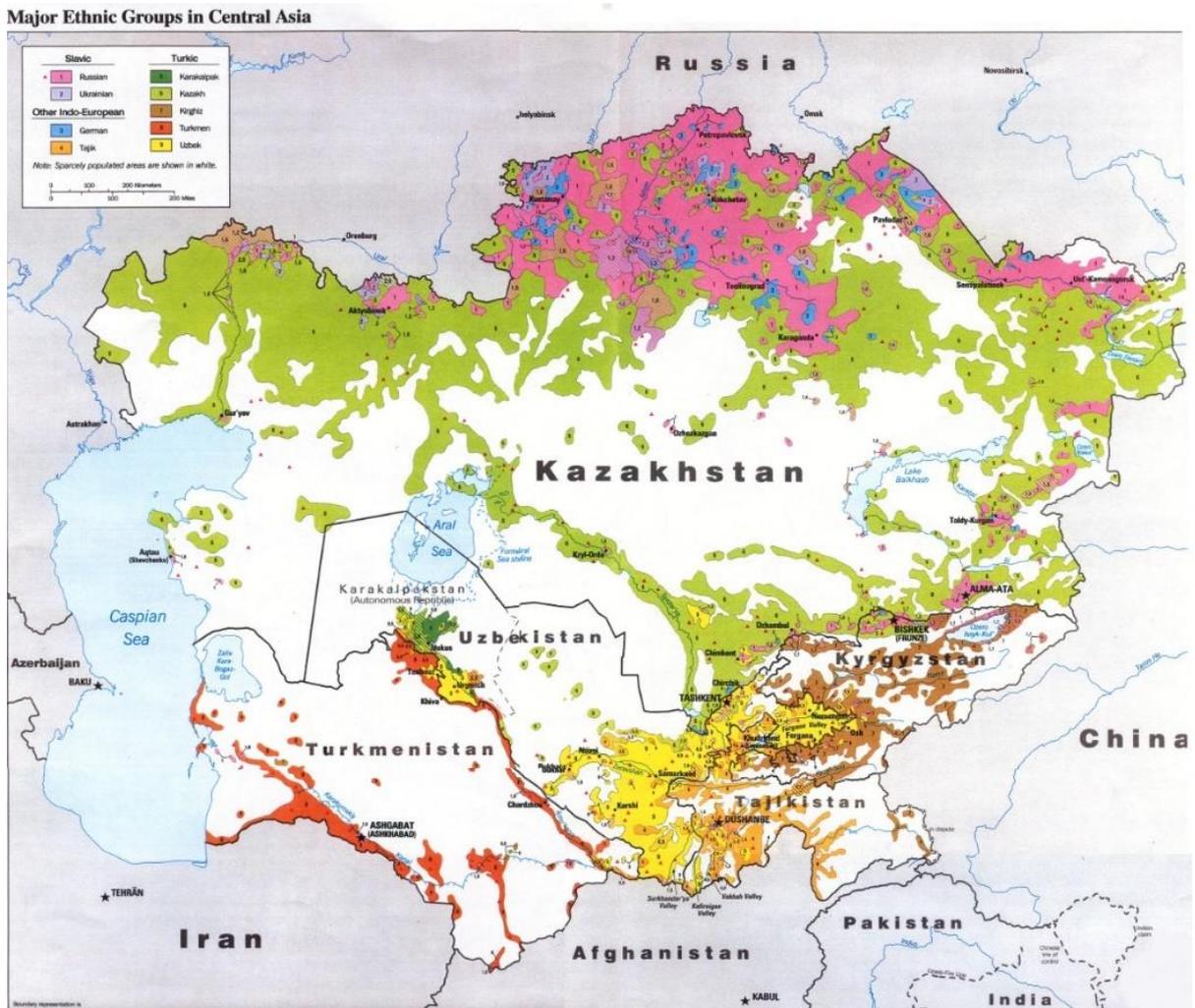
O vale do Sir Dária¹⁰⁷ começa em uma região do Quirguistão de população uzbeque, passa pelo Uzbequistão e pelo Tadjiquistão, volta ao Uzbequistão e termina no Cazaquistão. A estrada que liga a capital uzbeque, Tashkent, à província de Fergana, no mesmo país, passa pelo Tadjiquistão. Para ir de Dushanbe, capital do Tadjiquistão, às áreas de etnicidade tadjique de Khujand e Khorog, atravessam-se o Uzbequistão e o Quirguistão. A cidade de Samarcanda, de maioria tadjique, é localizada no Uzbequistão; e assim por diante (KAPLAN, 2009, p. 186-187).

No referendo de Gorbachev, em 1991, sobre o futuro da URSS, o mais forte apoio em favor da preservação da URSS veio dos votantes das cinco repúblicas da Ásia Central, muito devido a altíssima dependência econômica da região com Moscou. No entanto, o colapso da URSS, em 1991, afrontou os asiáticos-centrais com escolhas impopulares. Eles não estavam preparados para a independência, tanto que congratularam-se com a admissão – quase imediata ao fim da URSS – à Comunidade dos Estados Independentes (CEI)¹⁰⁸ como membros fundadores (NOGEE; DONALDSON, 2005, p. 208).

¹⁰⁷ Também conhecido como Vale de Fergana.

¹⁰⁸ Organização supranacional fundada em 1991, composta por 11 das 15 antigas repúblicas soviéticas. Tendo como principal objetivo manter os laços e relações de cooperação entre os novos países que se tornaram independentes da URSS. Em termos de resultados práticos, a organização pouco proporcionou aos países membros. A maioria dos tratados entre os membros é, ainda, realizado de forma bilateral.

Figura 9 – Mapa étnico da Ásia Central



Fonte: JUAN COLE (2010)¹⁰⁹

Para Fedorenko (2012, p. 8-9), a fragmentação do território soviético automaticamente colocou as repúblicas da Ásia Central em uma grande crise de identidade. Ao longo do período soviético, as populações da região desenvolveram uma identidade soviética bem abrangente, que pode ser descrita como um sentimento de pertencimento à “superpotência mundial” multiétnica e comunista. A identidade soviética foi um forte mecanismo para criar uma mentalidade uniforme para todos os indivíduos da URSS e, também, para unir os povos de diversas religiões e etnias. A implementação desta mentalidade fez as populações perceberem-se como cidadãos soviéticos em primeiro lugar e, claro, impedir a consolidação de identidades étnicas e nacionais.

This Soviet identity was deeply rooted as it was forged and nurtured by decades of shared experiences, common ideological values, ideas of collectiveness and

¹⁰⁹ Disponível em: <http://www.juancole.com/images/2010/12/ca_ethnic.jpg>. Acesso em out. 2015.

friendship, a uniform education system, and standardized entertainment forms (...). With the dissolution of the Soviet Union that strong sense of belonging to one union was lost and the newly independent Central Asian states faced an identity conundrum. The consequences of this vacuum have been similar in all of the Central Asian states. After enjoying a long period of stability under Soviet rule, the newborn states confronted with an urgent need to build new national identities from which they could derive legitimacy and authority¹¹⁰ (FEDORENKO, 2012, p. 9).

Apesar de cada Estado da Ásia Central possuir suas particularidades determinadas por sua geografia, composição étnica e cultural, disponibilidade diversa de recursos naturais e outros fatores. Em essência, todos os Estados da região enfrentam desafios semelhantes no que tange à unidade estatal (FEDORENKO, 2012, p. 9).

Dentre os principais riscos significativos à paz e estabilidade para os Estados da Ásia Central, Claes (2010, p. 2-3) destaca:

- Fraca governança, onde os regimes ali situados exibem alto nível de autoritarismo, política dominada por clãs e falhas graves no fornecimento de serviços básicos;
- Carentes condições sociais e econômicas, da qual a região é uma das áreas menos desenvolvidas do globo;
- Tensões étnicas, como já mencionado, originárias, principalmente, por causa das fronteiras artificiais criadas no período soviético;
- Militância religiosa, relacionada à proliferação dos movimentos jihadistas na região;

Dentre os principais exemplos de como as tensões podem surgir na região a partir das divergências entre as fronteiras étnicas e políticas, encontram-se o vale de Fergana e a província de Khujand. No caso do vale de Fergana, observa-se a convergência entre os territórios uzbeque, quirguizes e tadjiique, área a qual pode se tornar um barril de pólvora como foi demonstrado nos confrontos interétnicos em Osh – em 1990. Já a província de Khujand é fruto de uma disputa entre Uzbequistão e Tadjiquistão, situada atualmente no Tadjiquistão; a região, no período soviético, fazia parte do território uzbeque (TRENIN, 2001, p. 199).

¹¹⁰ “Esta identidade Soviética estava profundamente enraizada, uma vez que foi forjada e alimentada por décadas de experiências compartilhadas, valores ideológicos comuns, ideais de coletividade e de amizade, um sistema de educação uniforme e formas padronizadas de entretenimento (...). Com a dissolução da União Soviética que o forte sentimento de pertença a uma união foi perdido e os Estados da Ásia Central recém-independentes enfrentaram um dilema de identidade. As consequências desse vácuo foram semelhantes em todos os Estados da Ásia Central. Após desfrutar de um longo período de estabilidade durante o regime soviético, os estados recém-nascidos confrontados com uma necessidade urgente de construir novas identidades nacionais a partir do qual eles poderiam derivar legitimidade e autoridade” (tradução nossa).

4.4 Status legal do Mar Cáspio

Dentre os diversos problemas e o legado deixado pelo fim da URSS, encontra-se a indefinição jurídica do território do “Mar” Cáspio. As discussões e conflitos referentes ao status legal do Cáspio vem ocupando a agenda regional desde 1991. Entretanto,

[t]he history of the legal status goes beyond the history of USSR. Initially, legal issues in the Caspian Sea have been agreed and regulated under the Petersburg (1723) and Resht (1731) contracts, as well as the Treaty of Gulustan (Article 5; 1813) and the Treaty of Turkmenchay (Article 4 and 8; 1828) regarding maritime (sailing) questions, though the legal status had not been clearly defined in those treaties. According to those Treaties, Iran’s navigation right should be limited with merchant ships within the Caspian Sea and it was deprived of having naval forces, while only Russia could have naval forces in the Caspian Sea¹¹¹ (GURBANOV, 2014, p. 1).

Depois da Revolução Russa, em 1917, União Soviética e o Irã assinaram dois tratados referentes ao status jurídico do Cáspio, o Tratado de Amizade (1921) e o Tratado de Comércio e Navegação (1940). A partir destes acordos, a URSS suspendeu algumas restrições antes aplicadas ao Irã e concedeu uma zona econômica exclusiva de 10 milhas para pesca, sendo que o restante permaneceu sob jugo soviético. Em 1970, com a resolução do Ministério da Indústria e Petróleo da URSS, o Cáspio foi dividido em setores nacionais entre Azerbaijão, Cazaquistão, Turcomenistão e Irã. Inicialmente, mesmo após o colapso da União Soviética, os Estados litorâneos ficaram acordados em manter sua lealdade à resolução de 1970 (GURBANOV, 2014, p. 1).

‘Legal Status of the Caspian’ raised again right after the signing of the ‘Contract of the Century’. Hence, Russia was not happy to see external actors (international energy companies) in the region, where Russia considered its area of influence, while the EU and NATO considered here as new neighborhood¹¹² (GURBANOV, 2014, p. 1).

Diversas conferências internacionais vêm sendo convocadas pelos Estados litorâneos desde de 1991. Entretanto, apesar dos diversos esforços, as realizações para a determinação do status legal, de fato, do Mar Cáspio ainda são muito poucas (SULEIMANOV, SIRADZE, 2013, p. 3).

¹¹¹ “a história do estatuto jurídico vai além da história da URSS. Inicialmente, as questões jurídicas no Mar Cáspio foram acordadas e reguladas sob os contratos Petersburg (1723) e Resht (1731), bem como o Tratado de Gulustan (artigo 5; 1813) e o Tratado de Turkmenchay (artigo 4 e 8; 1828) sobre marítimas (vela) questões, embora o estatuto jurídico não tinha sido claramente definido nesses tratados. De acordo com esses tratados, direito de navegação do Irã deveria ser limitado com navios mercantes no Mar Cáspio e foi privado de ter forças navais, enquanto apenas a Rússia poderia ter forças navais no Mar Cáspio” (tradução nossa)

¹¹² “Estatuto Jurídico do Mar Cáspio ressuscitou logo após a assinatura do “Contrato do Século”. Por isso, a Rússia não estava feliz de ver atores externos (empresas internacionais de energia) na região, onde a Rússia considera sua área de influência, enquanto a [União Européia] e a [Organização do Atlântico Norte] considerado aqui como uma nova vizinhança” (tradução nossa, grifo nosso).

Para além das questões do estatuto jurídico, a definição se o Cáspio é um lago ou um mar fechado, também é central neste imbróglgio. Para o Azerbaijão, Cazaquistão e Rússia a concepção defendida é de que o Cáspio é um lago, enquanto para o Irã e Turcomenistão a tese adota é a do mar semi-fechado (GURBANOV, 2014, p. 2). “It is not a surprise that littoral states still can not agree on a single approach to this question. Besides, there is no consensus on this issue at a global level either” (SULEIMANOV, SIRADZE, 2013, p. 7). A definição de mar fechado e mar semi-fechado foi desenvolvida no artigo 122 da Convenção das Nações Unidas sobre o Direito do Mar (CNUDM). De acordo com o artigo:

[...] “enclosed or semi-enclosed sea” means a gulf, basin or sea surrounded by two or more States and connected to another sea or the ocean by a narrow outlet or consisting entirely or primarily of the territorial seas and exclusive economic zones of two or more coastal States¹¹³ (UNCLS, 1982, p. 67, grifo do autor).

Entretanto, como destaca Gurbanov (2014, p. 2), apenas a Rússia e o Irã são signatários desta Convenção, enquanto o Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão não são, o que torna a tese do mar semi-fechado contestável novamente. Deste modo, a CNUDM não pode ter efeito vinculativo sobre não-signatários Estados litorais.

Outra abordagem referida pela Rússia é a do princípio de “condomínio”, que prevê o controle e soberania comum do Mar Cáspio entre todos os Estados litorâneos. Entretanto, este princípio seria totalmente contraditório com os interesses dos outros países do litoral, que estão fortemente envolvidos na exploração de energia e transporte (GURBANOV, 2014, p. 2).

Azerbaijan remained loyal to its positions from very beginning and proposed the division of Caspian into national sectors according to which every littoral state would have sovereignty over their sectors (...). Iran proposed to divide Caspian according to 20% principle by giving equal shares to each Caspian states. Whereas, this proposal is contrary to Azerbaijan’s interests as well, as some oil and gas fields of Azerbaijan would be counted into ‘20% of Iranian sector’. Turkmenistan’s position changed several times. After the exploration in ‘Azeri’ and ‘Chirag’ oil fields by Azerbaijan, position of Turkmenistan shifted to ‘division into national sectors’ as well¹¹⁴ (GURBANOV, 2014, p. 2).

Devido à resistência do Turcomenistão e Irã na questão do status legal do Cáspio, Azerbaijão, Rússia e Cazaquistão decidiram resolver seus próprios problemas territoriais entre

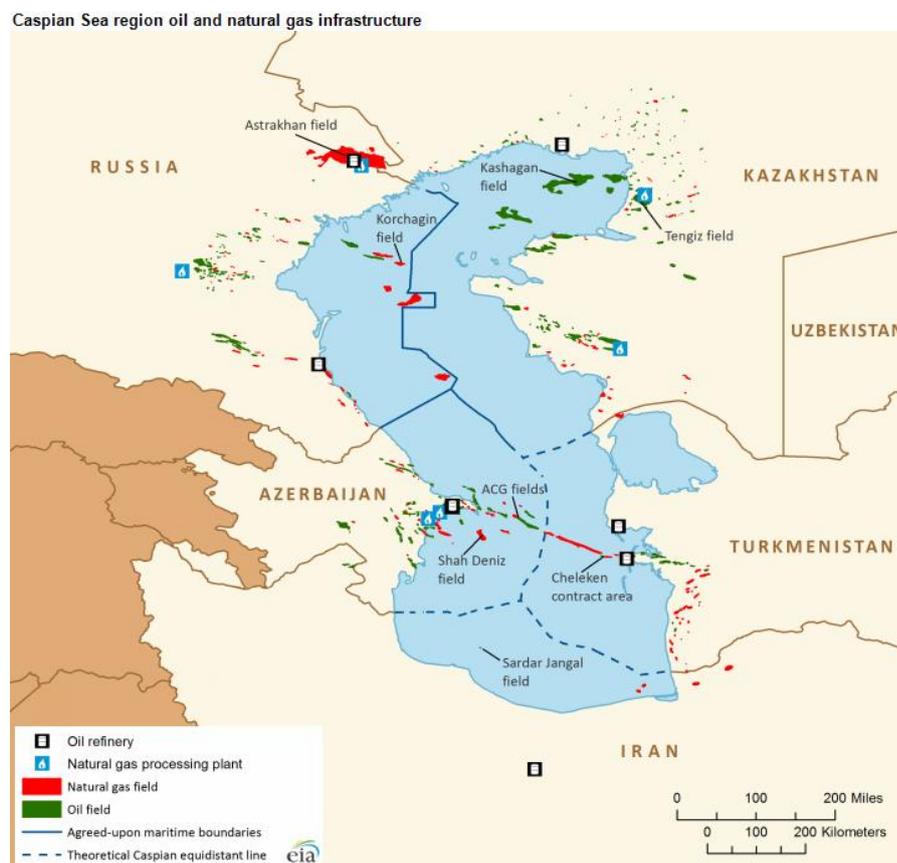
¹¹³ “mar ‘fechado ou semi-fechado’ significa um golfo, bacia ou mar rodeado por dois ou mais Estados e conectado com outro mar ou com o oceano por uma saída estreita, ou formado inteira ou principalmente por mares territoriais e zonas económicas exclusivas de dois ou mais Estados costeiros” (tradução nossa, grifo autor).

¹¹⁴ “Azerbaijão se manteve fiel às suas posições de início e propôs a divisão do Mar Cáspio em setores nacionais, segundo a qual todos os estados litorâneos teriam soberania sobre os seus sectores (...). O Irã propôs dividir o Cáspio de acordo com o princípio de 20%, dando partes iguais para cada Estado do Cáspio. Considerando que, esta proposta é contrária aos interesses do Azerbaijão, bem como, alguns campos de gás e petróleo do Azerbaijão seriam contados nos ‘20% do setor iraniano’. Posição do Turcomenistão mudou várias vezes. Após a exploração em ‘Azeri’ e ‘Chirag’ campos de petróleo do Azerbaijão, do Turcomenistão posição deslocada para ‘divisão em sectores nacional’, também” (tradução nossa).

si. Desta maneira, em 1998, Rússia e Cazaquistão entraram em acordo sobre a divisão do mar territorial à uma linha média e com uso comum na superfície. Assim como, em 2001, russos e azeris firmaram a Declaração de Baku que, também, estabelecia a divisão do Cáspio em setores nacionais e uso comum da superfície para o comércio. Consequente aos dois tratados, em 2003, Cazaquistão, Azerbaijão e Rússia assinaram conjuntamente um novo acordo (GURBANOV, 2014, p. 3). “Although some successful bilateral and trilateral negotiations are conducted between littoral states, it is obvious that if no joint agreement is reached between all five littoral states no legal status of the Caspian Sea shall be determined” (SULEIMANOV, SIRADZE, 2013, p. 9).

Após tantos anos de trabalhos intensivos e negociações, a definição do status legal do Cáspio ainda segue sem resolução. As atuais configurações lindeiras do Cáspio podem ser vistas no Mapa 7 – formulado pela Agência Internacional de Energia. Em termos de prognósticos futuros, uma nova convenção internacional – em prol da regularização territorial do Cáspio – está marcada para 2016 em Astana.

Figura 10 – Status Legal do Mar Cáspio



Fonte: EIA (2013)¹¹⁵

¹¹⁵ Disponível em: <<http://www.eia.gov/todayinenergy/images/2013.09.11/maplarge.png>>. Acesso em out. 2015.

5 AS CARTADAS AMERICANAS NO NOVO GRANDE JOGO

Com a dissolução da União Soviética, em 1991, diversos novos Estados surgiram por toda Eurásia. Estes territórios que antes faziam parte da órbita de influência soviética, entraram em uma condição de vácuo de poder e segurança, muito devido à impossibilidade de a Rússia¹¹⁶, herdeira maior do império soviético, que vivia diversos problemas internos e não tinha condições nem ambições no momento, dar atenção à região. Com forte instabilidade regional na Eurásia, emergência de conflitos das mais diversas motivações pelo antigo território soviético, além do já mencionado vácuo de poder, abriu-se um grande corredor de oportunidades político-econômicas para a expansão da esfera de influência estadunidense, ancorada no discurso de difusão da democracia no Mundo pós-Guerra Fria¹¹⁷, com destaque para a região da bacia do Cáspio, detentora de reservas consideráveis de recursos energéticos inexploradas.

Although the Caspian's untapped hydrocarbon reserves are not as voluminous as those of the Persian Gulf area, they constitute an important new source of energy and so exercise a powerful magnetic force. Virtually all the major energy-consuming nations have sought a foothold in the Caspian basin, while Russia—though not in need of oil and natural gas itself—has worked to dominate the transportation and distribution of the region's energy riches. The result has been a dangerous vortex of competitive pressures¹¹⁸ (KLARE, 2008, p. 115).

Deste modo, além da emergência de diversos conflitos locais após a derrocada soviética, a Região do Cáspio foi transformada em um campo de batalha das principais lideranças mundiais devido à sua posição geoestratégica e de suas imensas reservas energéticas. A presença destas significantes reservas de hidrocarbonetos e o posicionamento central no continente euroasiático mudou a importância estratégica da região do Cáspio, proporcionando uma competição política e econômica entre as potências mundiais, nomeadamente, Estados Unidos, Rússia e China (ABILOV, 2012, p. 29-31). Este embate entre potências atingiu um novo nível após os ataques terroristas nos EUA, em 11 de Setembro de 2001. Sobre isso, o pesquisador azeri Abilov compreende que:

¹¹⁶ Sobre a política externa russa após a desintegração da URSS, ver, PECEQUILIO (Org.). **A Rússia: Desafios presentes e Futuros**. Curitiba: Juruá, 2010. p. 23-55.

¹¹⁷ Ver, a esse respeito, ENGDHAL, William. **Full Spectrum Dominance Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World**. Wiesbaden: Edition Engdahl, 2009.

¹¹⁸ “Embora as reservas de hidrocarbonetos inexploradas do Cáspio não sejam tão volumosas como as da região do Golfo Pérsico, elas constituem uma nova e importante fonte de energia e, assim, exercem uma poderosa força magnética. Praticamente todos os principais países consumidores de energia têm buscado uma posição na bacia do Mar Cáspio, enquanto a Rússia, embora não possua necessidade de petróleo e gás natural em si, tem trabalhado para dominar o transporte e distribuição das riquezas energéticas da região. O resultado tem sido um vórtice perigoso das pressões competitivas” (KLARE, 2008, p. 115).

Ever since that event, United States decided to intensify its military presence in the Caspian region and began a military cooperation with the newly independent Caspian region states. This attempt was considered by Russia as the direct threat to the Russian political and economic interests in its “Near Abroad”^{119 120} (2012, p. 31).

Para Michael Klare, de longe, o fator mais importante na equação dos conflitos da Região do Cáspio é o surgimento de uma nova luta pelo poder entre Estados Unidos e Rússia. Ambos os países procuram ganhar vantagens econômicas no desenvolvimento energético da região do Cáspio e almejam determinar as rotas por onde a energia irá ser transportada para os mercados externos. Além disso, Rússia e Estados Unidos compreendem a região como sendo de vital importância geopolítica e geoestratégica na atual reconfiguração de poderes no Mundo pós-Guerra Fria. Deste modo, tanto para os líderes russos quanto estadunidenses, estas preocupações estratégicas são prioridades perante as considerações estritamente econômicas, quando estão a falar dos interesses nacionais (2001, p. 88).

As in any great-power contest, there are many dimensions to the U.S.-Russian rivalry in the Caspian area. To enhance their political influence, both sides have sought to establish close ties with local leaders by sending high-level delegations to promise various forms of aid and support; both sides have also sought to expand their trade and financial links with the region. At its core, however, this is a struggle for control over the distribution of energy resources: both Washington and Moscow seek to exercise ultimate dominion over the flow of Caspian oil and natural gas to markets in other areas of the world¹²¹ (KLARE, 2001, p. 89).

A construção geopolítica de esferas de influência está na raiz da tensão estratégica entre os Estados Unidos e Rússia na Região do Cáspio. Apesar de Moscou não exercer mais a hegemonia indiscutível de outros tempos – como no apogeu imperial e soviético –, seus líderes continuam a acreditar que a Rússia é a potência líder da região “por direito”, buscando, cada vez mais, controlar o destino dos recursos energéticos da região. Com outra perspectiva, os Estados Unidos rejeitam explicitamente tanto o princípio de uma esfera privilegiada como o de

¹¹⁹ Em português “Estrangeiro Próximo” é um conceito geopolítico que se refere a zona natural de influência russa, constituída pelos novos Estados independentes.

¹²⁰ “Desde aquele evento, Estados Unidos decidiram intensificar sua presença militar na região do mar Cáspio e começou uma cooperação militar com os recém-independentes estados da região do Cáspio. Esta tentativa foi considerada pela Rússia como ameaça direta aos interesses políticos e econômicos russos em seu ‘Estrangeiro Próximo’” (tradução nossa).

¹²¹ “Como em qualquer competição de grandes potências, há muitas dimensões para a rivalidade russo-americana na Região do Cáspio. Para reforçar a sua influência política, ambos os lados têm procurado estabelecer laços estreitos com os líderes locais através do envio de delegações de alto nível para prometer diversas formas de auxílio e apoio; ambos os lados também têm procurado expandir o seu comércio e as ligações financeiras com a região. Em seu núcleo, no entanto, esta é uma luta pelo controle sobre a distribuição dos recursos energéticos: Washington e Moscou pretendem exercer domínio total sobre o fluxo de petróleo do Mar Cáspio e do gás natural aos mercados em outras áreas do mundo” (tradução nossa).

direito à Rússia em dominar o antigo espaço soviético. Estes abismos de percepções intensificaram a concorrência geopolítica na região (LO, 2008, p. 97).

Correndo por fora deste antigo embate direto entre Rússia e EUA – mas não menos importante para o cenário geopolítico do Cáspio – está a China, que após a dissolução da URSS e o surgimento dos novos Estados independentes, passou a participar significativamente da geopolítica da região. Inicialmente seu foco estava pautado na estabilidade regional, “[...] it sought to eliminate the possibility that any of these countries might serve as a sanctuary for Uighur separatists fighting to establish an independent Muslim state in China’s remote Xinjiang autonomous region”¹²² (KLARE, 2008, p. 133). Entretanto, em 1993, a China tornou-se parcialmente dependente de petróleo importado – situação que veem se agravando ao longo dos anos. Deste modo, o Cáspio com vastas reservas inexploradas de hidrocarbonetos começou a atrair a atenção de Pequim, por diversos motivos, desde a proximidade geográfica até mesmo para sua ampla estratégia de segurança energética, ancorada – assim como os Estados Unidos – na busca pela maior disponibilidade de oferta possível (KLARE, 2008, p. 132-134).

Para Paul Kubicek (2013, p. 172-173), os recursos de hidrocarbonetos na bacia do Cáspio tornaram-se grande fonte para a competição política e econômica internacional, por três razões principais.

Primeiramente, os novos Estados independentes da região do Cáspio sofreram por anos de negligência sob jugo soviético, estando em extrema necessidade de tecnologia e capital para explorar suas reservas energéticas. Deste modo, o envolvimento externo foi visto como crucial para os projetos no Cáspio e pode ser observado com a intensificação das negociações das grandes petrolíferas ocidentais ao longo da década de 1990.

Em segundo lugar, a bacia do Cáspio não possui acesso ao mar, sendo dependente de dutos e arranjos diplomáticos entre Estados vizinhos para a efetuação do transporte dos hidrocarbonetos para os consumidores globais. No período logo após a dissolução da URSS, os únicos dutos das áreas produtoras do Cáspio dirigiam-se diretamente para o norte, onde conectavam-se às redes de gasodutos russas, concedendo à Rússia o monopólio das rotas energéticas da região. Por isto, atualizar as rotas dos dutos energéticos tornou-se não só preferência, mas também prioridade, para muitos atores locais e externos. Entretanto, para tal, seria necessária uma grande quantidade de capital, bem como a estabilidade política na região.

¹²² “[...] ela procurou eliminar a possibilidade de que qualquer um destes países pudesse servir como um santuário para os separatistas uígures que lutam para estabelecer um estado muçulmano independente na remota região autônoma chinesa de Xinjiang” (tradução nossa).

Por fim, a terceira razão apontada por Kubicek é de que os novos Estados independentes possuem fontes incertas de legitimidade doméstica, fracas forças militares, economias pouco dinamizadas e o grande potencial para conflitos civis e externos. Situação que habilita a manipulação de Estados externos, em que tanto Rússia quanto seus rivais ocidentais os veem como objetos a serem conquistados na competição geopolítica.

Alguns analistas têm descrito esta competição como o Novo Grande Jogo, em referência à antiga disputa ocorrida no século XIX que opôs o Império Britânico e a Rússia Czarista em uma disputa pela dominação da Região do Cáspio – conhecida pela historiografia como Grande Jogo.

Contrariamente a este conceito, Frappi e Garibov (2013, p. 17-18) entendem que, apesar do mérito dos analistas que denominam a disputa como Novo Grande Jogo, sublinham que a competição regional foi além do mero valor econômico dos hidrocarbonetos do Cáspio. Na verdade, estava em jogo, durante a transição pós-soviética e pós-bipolar, uma área regional central, em que a exploração e transporte de hidrocarbonetos eram ferramentas-chave, ao invés de fins em si mesmos. Ao mesmo tempo, no entanto, a comparação foi apenas superficial e, em certa medida, enganosa, escondendo a complexidade da política da Região do Cáspio, tanto em termos quantitativos como qualitativos. Com efeito, o “Novo Grande Jogo” envolve um maior número de atores, cuja natureza difere significativamente daquela do século XIX. Os protagonistas da competição pós-1991 não eram apenas atores estatais, como um século antes, mas incluíam-se, também, atores supranacionais e privados, cada um trazendo interesses opostos, além de casos e prerrogativas diferentes. Além disso, a comparação não reconhece plenamente o papel ativo desempenhado pelos atores locais, que, longe de se oporem à competição por influência, procuram capitalizar sobre ela, com vistas a obter apoio para o difícil processo de construção do Estado e nação.

Entretanto, como bem destaca Stephen Blank (2012, p. 156), muitos pesquisadores possuem antipatia pelo termo “Novo Grande Jogo”, pelo fato de que, para eles, soam como ecos da antiga rivalidade imperial dos séculos XIX e XX. A própria conotação de “Novo” elucida precisamente que tal período histórico foi superado e o que vemos agora é algo totalmente diferente. Em suas próprias palavras:

This difference does not, however, mean that we have seen the end of policies resembling those of the age of imperialism. First, there is an enormous competition among the US, Russia, India, and China for military bases in Central Asia. All of these states either have bases, have had bases, or have sought bases in Central Asia in the

last decade and the growth of the CSTO¹²³ eloquently testifies to the continuation of the military dimension in the great powers' search for security in Central Asia. The different factor today is that local governments of their own accord are actively soliciting US military involvement if not that of Russia and China for the reasons outlined above¹²⁴ (2012, p. 156).

De qualquer modo, é inegável que a região do Cáspio foi objeto de uma política de Estado concertada, tanto nos Estados Unidos quanto na Rússia. Como destaca Bobo Lo (2008, p. 97), ambos os países investiram mais recursos na região que os impérios Russo e Britânico fizeram no século XIX. Mais importante, o atual "Grande Jogo" – se se pode chamar assim – é um evento extremamente complexo, que envolve muitos atores estatais e não-estatais, desenrolando-se em um mundo infinitamente mais anárquico. Os Estados da Ásia Central já não têm mais os papéis passivos de outrora, são jogadores importantes em seu próprio direito. A disputa por influência não é mais apenas um prêmio a ser disputado por dois gigantes confiantes em seus poderes, mas é moldada por múltiplos arranjos e agendas. Porém, “[i]f one can speak at all of a Great Game, then it is of a game that is being played at several levels and where there are now three strategic “principals”—Russia, the United States, and China”¹²⁵ (LO, 2008, p. 98).

5.1 Os EUA na Região do Cáspio

Ao longo das duas últimas décadas, os Estados Unidos da América têm sido um dos jogadores cruciais do “Novo Grande Jogo” da Região do Cáspio. Com o desaparecimento da União Soviética, foi testemunhada a emergência dos Estados Unidos como a única potência mundial influente. Ao anunciar o Cáspio como um interesse estratégico vital, os EUA começaram a desempenhar um papel extremamente ativo nos assuntos políticos e econômicos da região (ABILOV, 2012, p. 34). “[T]he US has been the most active player of the New Great Game in the Caspian region, and Russia and China are in a defense position to set their policy

¹²³ Em português Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) é uma aliança militar intergovernamental. Os Estados integrantes são: Armênia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tadjiquistão e Uzbequistão

¹²⁴ “Esta diferença não significa, contudo, que vimos o final de políticas semelhantes às da época do imperialismo. Em primeiro lugar, há uma enorme competição entre os EUA, a Rússia, Índia e China por bases militares na Ásia Central. Todos esses estados ou têm bases, tiveram bases, ou buscaram bases na Ásia Central na última década, e o crescimento da CSTO testifica eloquentemente para a continuação da dimensão militar na busca das grandes potências para a segurança na Ásia Central. O fator diferente hoje é que os governos locais com seu próprio consentimento estão ativamente solicitando o envolvimento militar dos EUA se não o da Rússia e da China pelas razões descritas acima” (tradução nossa).

¹²⁵ “[s]e se pode falar sobretudo de um Grande Jogo, então é de um jogo que está sendo jogado em vários níveis e onde há agora três jogadores estratégicos principais - Rússia, os Estados Unidos e China” (tradução nossa).

concerning the region as a counter strike against the US policy”¹²⁶ (ABILOV, 2012, p. 36, grifo nosso).

5.1.1 Desenvolvimento da Política Externa dos Estados Unidos para o Mar Cáspio

Paralelamente ao processo de desintegração soviético e à escalada dos problemas regionais na Região do Cáspio, observa-se o gradual engajamento norte-americano na região. Shaffer (2003) divide em três fases a atuação da política externa estadunidense na região do Mar Cáspio.

A primeira corresponde ao período entre 1991 a 1994, caracterizada, basicamente, pelo respeito à supremacia russa na região e pela promoção da independência dos novos Estados, ainda que Washington não considerasse que estes novos entes estatais pudessem contribuir significativamente para os interesses nacionais. Por fim, há a tentativa de promoção político-econômica da Turquia na região.

Various were the motivations behind this initial reluctance to be actively involved in the area, the most relevant being the will not to jeopardize the unprecedented entente with the Kremlin which, moreover, came to be regarded as a stabilizing force in the volatile post-Soviet environment, whose ‘wrenching’ economic and political transitions posed “troubling uncertainties” to US strategic planning. Such an attitude resulted, on the one hand, in a *laissez faire* policy toward Russia – which de facto gained an indirect form of recognition of a privileged set of interests in what came to be regarded as the Russian ‘near abroad’ – and on the other hand, in an indirect ‘proxy’ engagement pursued mainly through Turkey, whose liberal-democratic and secular model appeared to be a natural reference and inspirational point to be provided to the former Soviet republics, and especially to those linked to Turkey through ethnolinguistic affinity¹²⁷ (FRAPPI, 2013, p. 183).

Já a segunda fase, de 1994 até 1999, é assinalada por um maior ativismo dos EUA na região. Seguindo o exemplo das grandes corporações petrolíferas norte-americanas, a política externa estadunidense buscou ampliar sua influência político-econômica na região devido às

¹²⁶ “[O]s Estados Unidos tem sido o jogador mais ativo do Novo Grande Jogo na região do Mar Cáspio, e Rússia e China estão em uma posição de defesa para definir a suas políticas relativas à região como um contra-ataque a política dos EUA” (tradução nossa).

¹²⁷ “Várias foram as motivações por trás dessa relutância inicial em participar ativamente na região, o mais relevante sendo a não pôr em risco a entente sem precedentes com o Kremlin, que, aliás, chegou a ser considerado como uma força estabilizadora no ambiente pós-soviética volátil, cujos “dolorosas transições econômicas e políticas representava “incertezas perturbadoras” para US planejamento estratégico. Tal atitude resultou, por um lado, de uma política de *laissez faire* em direção à Rússia - que, de facto, ganhou uma forma indireta de reconhecimento de um conjunto privilegiado de interesses no que veio a ser considerado como o russo “estrangeiro próximo” - e por outro lado, em um indireto engajamento por “procuração” prosseguido principalmente através da Turquia, cujo o modelo liberal-democrático e secular parecia ser uma referência natural e ponto de inspiração para ser fornecido às antigas repúblicas soviéticas, e especialmente para aqueles ligados à Turquia através da etnoafinidade linguística” (tradução nossa).

reservas energéticas locais. Neste período, Washington buscou promover a construção de rotas alternativas de dutos energéticos à Rússia, assim como a cooperação militar e de segurança com os novos Estados.

Yet, as the Caspian region emerged as a strategically important region with vast energy resources, the US administration began to become actively engaged in this area, working with the newly independent states of the Former USSR in pursuit of regional development economic growth and political stability¹²⁸ (ISMAILZADE, 2010, p. 5).

Foi somente com o declínio gradual da chamada política *Russia First*¹²⁹ que, a partir dos finais de 1994, a Casa Branca começou a configurar uma política regional consistente em direção ao sul da antiga União Soviética. Neste esquema, a política para a Região do Cáspio tornou-se um vector fundamental para o avanço dos interesses e objetivos estadunidenses na região, principalmente, devido ao grande potencial de extração de hidrocarbonetos na bacia do Cáspio (FRAPPI, 2013, p. 183).

[T]he development of Caspian energy potential responded to the need to diversify hydrocarbon producing areas. Under this perspective Caspian resources would have allowed a reduction in over-dependence on Middle-Eastern suppliers and, at the same time, to limit OPEC's grip on the oil market¹³⁰ (FRAPPI, 2013, p. 184).

Concomitantemente, o Departamento de Defesa estadunidense estreitou laços militares com estes Estados e, logo, os Estados Unidos deram início às políticas de auxílio militar às forças armadas dos Estados pós-soviéticos. “From there it was only a short step to the deployment of American military advisers, the sale of American arms, and the ignition of joint training operations – *an exact repetition of the Persian Gulf scenario*”¹³¹ (KLARE, 2004a, p. 133, grifo nosso).

Para Klare (2004, p. 133), o então presidente Clinton, explicitamente, designou a região do Cáspio como uma matéria de Segurança Nacional. Nas palavras do próprio presidente, em um encontro com o presidente do Azerbaijão, em 1997:

¹²⁸ “No entanto, como a região do Cáspio emergiu como uma região estrategicamente importante, com vastos recursos energéticos, o governo dos EUA começou a se tornar ativamente engajados nesta área, trabalhando com os novos Estados independentes da ex-URSS em busca do desenvolvimento do crescimento econômico regional e estabilidade política” (tradução nossa).

¹²⁹ Em português *Rússia Primeiro*, foi uma orientação política estadunidense em prol do respeito a supremacia russa nas áreas circundantes à Rússia.

¹³⁰ “O desenvolvimento do potencial energético do Cáspio respondeu à necessidade de diversificar as áreas de produção de hidrocarbonetos. Sob essa perspectiva, os recursos do Mar Cáspio teriam permitido uma redução na alta dependência dos fornecedores do Oriente Médio e, ao mesmo tempo, limitaram o controle da OPEP no mercado do petróleo” (tradução nossa).

¹³¹ “De lá, foi apenas um pequeno passo para a implantação de conselheiros militares americanos, a venda de armas americanas, e o início das operações conjuntas de formação - uma repetição exata do cenário Golfo Pérsico” (tradução nossa).

The Caspian Sea basin is a vital region for new oil and gas development, and the decisions made in the years ahead on energy extraction and transportation will profoundly affect generations to come. [...] [I]n a world of growing energy demand, our nation cannot afford to rely on any single region for our energy supplies. By working with Azerbaijan to tap the Caspian's resources, we not only help Azerbaijan to prosper, we also help diversify our energy supply and strengthen our nation's security¹³² (CLINTON, 1997, s.p.).

Intimamente relacionada aos objetivos acima referidos, a política americana para o Cáspio, na segunda metade da década de 1990, perseguiu outros objetivos estratégicos igualmente importantes, que fizeram com que se ultrapassassem os limites das áreas produtoras do Mar Cáspio, ganhando uma abordagem estratégica muito mais ampla. Para simplificar isso, pode-se enunciar que a política dos EUA no Cáspio estava em conformidade com uma estratégia de “contenção dupla”, que, no entanto, trabalhou em diferentes graus de intensidade *vis-à-vis* o Irã e a Rússia (FRAPPI, 2013, p. 185).

Ainda, foi também nesta fase que a criação de um corredor energético entre a Ásia Central e a Europa tornou-se a peça central da política dos EUA para a Região do Cáspio, sendo uma das principais razões por trás do apoio estadunidense, desde o início de 1995, à criação de uma rota de dutos energéticos entre Azerbaijão, Geórgia e Turquia para a exportação de petróleo e gás extraídos no Mar Cáspio. Neste contexto, a bacia do Cáspio ganhou “valor duplo” para a política energética regional dos Estados Unidos – não apenas como uma área de produção de recursos energéticos relevantes e em grande parte inexploradas, mas também, potencialmente, como um canal de trânsito fundamental para hidrocarbonetos da Ásia Central indo a Oeste (FRAPPI, 2013, p. 186).

Por fim, a terceira e última fase seria correspondente ao período pós-ataques de 11 de setembro (2001), quando os Estados Unidos começaram a dar ainda mais importância à região, devido à sua contribuição nos suprimentos globais de recursos energéticos, no contexto da ampla estratégia de Segurança Energética formulada por Bush e Cheney – conforme exposta no segundo capítulo.

No que se refere ao relatório de segurança energética de Cheney (NEP) – base da estratégia energética do governo Bush –, pode-se destacar a ênfase nas potencialidades energéticas da Região do Cáspio, principalmente no que tange à temática da diversificação da oferta. A NEP compreende, ainda, que os investidores estrangeiros e a alta tecnologia são

¹³² “A Bacia do Mar Cáspio é uma região vital para o desenvolvimento de novos petróleo e gás, e as decisões tomadas nos próximos anos na extração e transporte de energia irá afetar profundamente as gerações vindouras. (...) [E]m um mundo de crescente demanda por energia, a nossa nação não pode dar ao luxo de confiar em qualquer região único para o nosso abastecimento de energia. Ao trabalhar com o Azerbaijão para explorar os recursos do Mar Cáspio, que não só ajudar o Azerbaijão a prosperar, nós também vamos ajudar a diversificar nosso fornecimento energético e reforçar a segurança da nossa nação” (tradução nossa).

críticos ao rápido desenvolvimento das novas rotas de exportação economicamente viáveis. Este desenvolvimento iria, conseqüentemente, garantir que o aumento da produção petrolífera do Mar Cáspio fosse integrado, de fato, ao comércio mundial do petróleo. Para isso, os EUA deveriam apoiar a construção das novas rotas de oleodutos que iriam adicionar nova capacidade de transporte, permitindo a inserção de uma fatia energética substancial ao mercado mundial. Dentre as recomendações do NEPDG para o presidente George W. Bush, que são referentes ao Cáspio, estavam:

- fazer da segurança energética uma prioridade das políticas econômicas e externas dos EUA;
- apoiar o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC), assim como demonstrar sua viabilidade comercial;
- trabalhar em conjunto com empresas e países relevantes para o estabelecimento de condições comerciais que permitirão que as empresas petrolíferas que operam no Cazaquistão possam exportar seu petróleo através do oleoduto BTC;
- apoiar os esforços dos investidores privados e dos governantes regionais para o desenvolvimento do gasoduto Shan Deniz, como uma forma de ajudar Turquia e Geórgia na diversificação de seus suprimentos de gás, e também para ajudar nas exportações de gás do Azerbaijão por meio dos gasodutos que irão fomentar a diversificação das rotas seguras de suprimentos energéticos;
- encorajar Grécia e Turquia para conectar seus sistemas de gasodutos para possibilitar aos consumidores europeus maior diversificação de seus suprimentos de gás provenientes da Bacia do Cáspio; e,
- aprofundar os diálogos comerciais com Cazaquistão, Azerbaijão e outros Estados do Cáspio para proporcionar um ambiente de negócios forte, transparente e estável para a energia e projetos de infraestrutura relacionados.

Em relação às políticas de segurança regional, nesta fase, Shaffer afirma que os EUA buscavam reforçá-las ainda mais, evidenciando o programa de treinamento e modernização realizado por oficiais estadunidenses na Geórgia, em 2002, e também a presença de tropas norte americanas na Ásia Central.

Indeed, with more emphasis than in the 1990s, the development of the Caspian energy potential came to be regarded as a strategic asset for stabilizing and averting state-failure in the Central Asian region, as well as limiting Russian leverage on European

allies once again and isolating Iran from potential new markets and business opportunities¹³³ (FRAPPI, 2013, p. 195).

No mesmo sentido de Shaffer; Kaliyeva (2004, p. 8) destaca que, após os eventos de 11 de Setembro, os EUA reforçaram consideravelmente suas posições na Ásia Central, não somente na esfera econômica-energética, mas também política e até militar em alguns Estados. O maior envolvimento estadunidense, somado ao enfraquecimento político da Rússia após o fim da URSS nos países da Ásia Central, abriu o caminho para os EUA garantirem posições relativamente mais fortes na região do Mar Cáspio.

5.1.2 Estratégia Estadunidense para a Região do Cáspio

Quantidades muito pequenas de hidrocarbonetos produzidas no Cáspio chegam ao mercado estadunidense. Em vez disso, os interesses de Washington “[...] in the Caspian Sea and Central Asia may be described as more political than economic”¹³⁴ (BENKE, 2010, p. 28, grifo nosso) sendo eles: assegurar que os hidrocarbonetos do Cáspio ingressem no mercado global (em vez de serem monopolizados através de acordos bilaterais com a China ou a Rússia) e garantir que o petróleo e gás da região possam ser usados para minar a posição dominante da Rússia no abastecimento energético europeu – uma vulnerabilidade geopolítica capital de que os planejadores norte-americanos estão todos muito conscientes (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 8). Assim, a redução da grande dependência energética europeia frente ao fornecimento russo tornou-se um objetivo primordial para Washington, que tenta saná-la através da promoção da diversificação das rotas de transporte de energia para a Europa (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 13).

Nesta mesma linha, Benke compreende que os objetivos americanos no Cáspio são:

[...] to develop the Caspian natural gas supplies as an alternative to the Persian Gulf resources, and to guarantee the transport of these natural gas supplies to their markets without going through the Russian or the Iranian territory. Starting in the 1990s, U.S. interests in the Caspian Sea natural gas supplies have developed contacts with the

¹³³ Na verdade, com mais ênfase do que na década de 1990, o desenvolvimento do potencial energético do Mar Cáspio passou a ser considerada como um ativo estratégico para a estabilização e evitar o estado de falhas na região da Ásia Central, bem como limitar a alavancagem da Rússia sobre os aliados europeus mais uma vez e isolando o Irã de potenciais novos mercados e oportunidades de negócios.

¹³⁴ “[...] no Mar Cáspio e Ásia Central pode ser descrita como mais políticos do que econômicos” (tradução nossa, grifo nosso)

Caucasian and Central Asian Republics, as well as attempted to determine gas transportation routes towards Europe¹³⁵ (2010, p. 28).

O valor geoestratégico da Região do Cáspio para os Estados Unidos não se restringe unicamente às questões de segurança energética, mas também apresenta implicações para a "Grande Estratégia" dos EUA do século XXI. Como já mencionado, os Estados Unidos não são dependentes dos hidrocarbonetos provenientes da Região do Cáspio, entretanto, seus interesses vão além das necessidades energéticas domésticas do país. A este respeito, os EUA não só visam a controlar setores energéticos regionais, mas também competir com os potenciais adversários geopolíticos à sua "Grande Estratégia" como a China e a Rússia (MISIAGIEWICZ, 2012, p. 64-65).

De modo geral, a política dos EUA na Região do Cáspio é parte de sua estratégia global para tornarem-se a superpotência mundial do século XXI (ABILOV, p. 37),

[...] controlling access to global oil stocks ensures Washington's relative power vis-à-vis potential and actual rivals. This logic can perhaps be seen clearest in relation to emerging Chinese power. (...). It is in this context that Washington's political and military dominance over oil-rich political economies generates enormous structural power for the American state. Given that any serious challenger to US primacy would require unfettered access to vast quantities of oil, and that preventing the emergence of any such challenge is a core theme of US strategy, controlling access to this commodity has long been a key objective¹³⁶ (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 7).

O objetivo estratégico fundamental de Washington tem-se pautado, ao longo do período pós-Guerra Fria, na criação de parceiros estáveis, seguros, democráticos e prósperos que apoiam a concorrência do livre mercado (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 9). Dentro desta lógica, entende-se que os Estados Unidos estão interessados em garantir que a Rússia (ou China) não se eleve como uma potência hegemônica na Eurásia. Para este fim, os EUA tentam cooptar as ex-repúblicas soviéticas da esfera de influência russa, incluindo as Repúblicas Bálticas, Ucrânia, Geórgia, assim como os países centro-asiáticos, incentivando movimentos democráticos pró-ocidentais e pró-americanos, e apoiando as chamadas "Revoluções

¹³⁵ “[...] desenvolver as fontes de gás natural do Mar Cáspio como alternativa aos recursos do Golfo Pérsico, e para garantir o transporte desses fornecimentos de gás natural aos seus mercados sem passar pela Rússia ou o território iraniano. Começando na década de 1990, os interesses norte-americanos nos fornecimentos de gás natural do Mar Cáspio têm desenvolvido contatos com o Cáucaso e Repúblicas da Ásia Central, assim como tentaram determinar as rotas de transporte de gás para a Europa” (tradução nossa).

¹³⁶ “[...] controlar o acesso as reservas de petróleo globais garantem poder relativo de Washington vis-à-vis potenciais e reais rivais. Essa lógica pode ser vista talvez de forma mais clara em relação ao poder emergente chinês. (...). É neste contexto que o domínio político e militar de Washington sobre as políticas econômicas dos ricos em petróleo gera enorme poder estrutural para o Estado americano. Dado que, qualquer concorrente sério à primazia dos EUA exigiria acesso irrestrito as vastas quantidades de petróleo, e que a prevenção do surgimento de qualquer desses desafios é um tema central da estratégia dos EUA, controlar o acesso a essa commodity tem sido um objetivo basilar” (tradução nossa).

Coloridas” (BENKE, 2010, p. 28). Juntamente com o impulso para a reforma econômica e democrática no Cáspio, Washington tem procurado estabilizar os regimes beneficiários através da provisão de programas de assistência de segurança para os militares da região. Isso se encaixa como um tema de longa data no pensamento estratégico americano: a prestação do financiamento, armamento e treinamento para as forças de segurança aliadas em regiões-chave de todo o mundo, a fim de estabilizar áreas importantes e garantir que permaneçam no interior da órbita dos Estados Unidos de influência e ligadas à economia global (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 10).

Em relação a sua estratégia militar, diante da constante ameaça de instabilidade de seus fornecedores de petróleo, os Estados Unidos têm respondido previsivelmente: através da elevação de sua capacidade militar. Neste sentido, esta resposta representa uma extensão da Doutrina Carter para novas áreas do mundo. Como símbolo da Doutrina Carter, o *U.S. Central Command*, originalmente criado para proteger o Golfo Pérsico, agora possui autoridade sobre os Estados da Ásia Central na bacia do Cáspio, desde 1999 (KLARE, 2004a, p. 132).

A região do Cáspio é englobada pelos dois principais centros de comando das Forças Armadas Estadunidenses, o USCENTCOM e o *United States European Command* (EUCOM). Os países da região do Cáspio sob jurisdição do USCENTCOM são os da Ásia Central (Cazaquistão, Turcomenistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tadjiquistão); já os sob tutela do EUCOM encontram-se os países do Cáucaso (Geórgia, Armênia e Azerbaijão). Dentre as prioridades de ambos os centros de comando, encontram-se: o apoio e fomento as relações coletivas de defesa (bilaterais e multilaterais), manutenção da segurança e estabilidade e apoiar e proteger os interesses centrais dos EUA e parceiros (EUCOM s.d, s.p; USCENTCOM, s.d, s.p).

Em suma,

[t]o the extent that US interests in the region’s oil are entwined with Washington’s wider position as global hegemon, then US planners remain alert to potential challenges from Chinese and Russian power while also desiring a future where key states – including China and Russia – are further integrated into the US-led world order. In this sense, accounts of a return to inter-imperial rivalry in the Caspian Basin do not fully appreciate the degree to which the global hegemonic power remains committed to a global order based on a largely positive-sum, open-door trading regime, including in the energy sector. Hedging strategies by Washington against the rise of peer challengers must be read alongside continued attempts to ameliorate future conflict through their pacification and integration into the US-led liberal order¹³⁷ (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 16-17).

¹³⁷ “[n]a medida em que os interesses dos EUA no petróleo da região estão entrelaçados com uma posição mais ampla de Washington como *hegemon* global, portanto, os planejadores norte-americanos permanecem alertas para os potenciais desafios do poder chinês e russo ao mesmo tempo, desejando um futuro onde os estados-chave - incluindo China e Rússia - estão mais integrados para a ordem mundial liderada pelos EUA. Neste sentido, as

5.2 Revoluções Coloridas

Dentro da multifacetada estratégia dos EUA no Cáspio, um dos principais objetivos estadunidenses está na promoção dos valores democráticos da região. Entretanto, muitos observadores políticos, principalmente russos e chineses, compreendem que os Estados Unidos, através de agências e Organizações Não Governamentais (ONGs), estão manipulando a política interna de diversos países do Cáspio em prol dos seus interesses, como, por exemplo, fomentando revoluções de viés democrático com orientações claramente pró-Occidente. Estes processos, comumente, são chamados de “Revoluções Coloridas”¹³⁸.

Nonetheless, both the Russian and the Chinese leaderships acknowledged that the Colour Revolutions employed new tactics, updated for the post-Cold War era. Instead of the traditional focus on military might as a method of conquest and subordination, the Colour Revolution approach was non-violent, relying on the instruments of soft power¹³⁹ (WILSON, 2009, p. 2).

Como Jeanne Wilson (2009, p. 2) destaca, as lideranças russas e chinesas veem as Revoluções Coloridas como uma espécie de imperialismo em um formato atualizado, camuflado pela retórica da “promoção democrática”. Dentre as táticas utilizadas, incluem-se os esforços para infiltrar-se tanto pelo exterior quanto interior do Estado designado, fazendo uso de meios como a ajuda externa, os programas governamentais ocidentais – especiais para prestar apoio aos regimes democratizantes –, a mídia ocidental (especialmente pela internet), a instigação de protestos e a mobilização da juventude. Assim, compreende que as ONGs são um dos principais meios para a incitação da subversão interna.

NGOs are an instrument that the Western states like to use. They are a ‘Trojan horse’ planted by the Western intelligence agencies.’ The Russian and Chinese leaderships were highly sensitive to the pivotal role played by elections as a means to regime transformation in the Colour Revolutions¹⁴⁰ (WILSON, 2009, p. 2).

contas de um retorno à rivalidade inter-imperialista na Bacia do Cáspio não estimam plenamente o grau em que o poder hegemônico global continua comprometido com uma ordem mundial baseada em uma grande parte na soma positiva, no regime de comércio de portas abertas, incluindo o setor da energético. Estratégias de cobertura por Washington contra a ascensão de competidores aliados devem ser lidas juntamente com as contínuas tentativas de amenizar conflitos futuros através da sua pacificação e integração na ordem liberal liderada pelos Estados Unidos” (tradução nossa).

¹³⁸ Sendo elas: Revolução das Rosas na Geórgia (2003); Revolução Laranja na Ucrânia (2004); e, Revolução das Tulipas no Quirguistão (2005).

¹³⁹ “No entanto, tanto as lideranças russas quanto chinesas reconheceram que foram empregadas novas táticas – atualizadas para a era pós-Guerra Fria – nas Revoluções Coloridas. Em vez do tradicional foco em poderio militar como forma de conquista e subordinação, a abordagem das Revoluções Coloridas foi não-violenta, contando com os instrumentos do *soft power*” (tradução nossa).

¹⁴⁰ “As ONGs são um instrumento que os Estados ocidentais gostam de usar. Elas são um “cavalo de Tróia” plantados junto às agências de inteligência ocidentais. As lideranças russas e chinesas eram altamente sensíveis ao papel central desempenhado pelas eleições como um meio de transformação do regime nas Revoluções Coloridas” (tradução nossa).

Todavia, o mecanismo de engendramento destas insurreições “democráticas” não se limitou ao financiamento direto e da ação das ONGs. A presença direta americana pôde ser verificada durante os processos eleitorais das Revoluções Coloridas: “[f]oram enviados a esses países representantes do governo americano para reuniões com os presidentes então em exercício com o objetivo de enfatizar a importância que eleições livres de fraude tinham para o governo estadunidense (ORTEGA, 2009, p. 17).

Ortega (2009, p. 19) compreende que o caráter pró-Occidente – tanto da Revolução das Rosas (Geórgia) como da Revolução Laranja (Ucrânia) – estava explícito. No caso georgiano, o líder opositor, Saakashvili, teve formação acadêmica ocidental, graduando-se nos Estados Unidos; além do mais, em sua campanha, demonstrou claramente suas intenções de levar a Geórgia ao ingresso na OTAN. Já no caso ucraniano, Ortega compreende que, possivelmente, havia “[...] uma ênfase ainda maior na aproximação com a Europa, especialmente porque o candidato da situação, Yanukovich, era manifestamente pró-russo e abertamente apoiado pelo Kremlin” (2009, p. 19); a discrepância de visões de mundo dos candidatos ucranianos, culminaram em uma verdadeira cisão do país – que refletem os atuais acontecimentos da Ucrânia, encerram-se aqui os parênteses.

Para o geógrafo francês Sébille-Lopez (2006, p. 194), o ativismo pró-democrático das Agências estadunidenses na Geórgia (2003) e Ucrânia (2004), foram um salto importante na defesa dos interesses dos EUA à volta da região do Cáspio. Destaca o episódio em que o congresso georgiano votou favoravelmente à retirada das tropas russas, em 2006, situadas ao Sul do país, na fronteira com a Turquia – coincidentemente nas proximidades do oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan. Sébille-Lopez ainda aponta a participação de diplomatas estadunidenses nas Revoluções Coloridas, mesmo que de difícil comprovação. Em suas próprias palavras,

Se a participação direta destes diplomatas americanos na desestabilização dos regimes conquistados por Moscou nesta região não pode ser provada, o *modus operandi* faz com que surjam, em cada momento, os mesmos intervenientes, os mesmos métodos e financiamentos americanos. A organização <<democrática da juventude ucraniana>> Pora, decalcada no modelo da organização sérvia <<Otpor>>, (...) beneficiaram dos mesmos financiamentos: os da National Endowment for Democracy (NED), fundação privada criada em 1983; os da Open Society, fundação de George Soros; os da USAid; e a logística da Freedom House. Foi esta última que formou os 1000 observadores que proclamaram, em toda a parte onde funcionavam durante meio dia, por bela unanimidade, a bondade das sondagens <<à saída das urnas>>, os 11 por cento de vantagem do candidato Viktor Iuchchenko. Foi essa afirmação que depois motivou a contestação dos resultados oficiais e iniciou a “revolução laranja”. (2006, p. 195, grifo do autor)

No mesmo sentido, Barker (2008) descreve a concertada implantação de várias organizações de Direitos Humanos e pró-democráticas pelos EUA como meio de sustentar o imperialismo ianque:

In contrast, the loose collection of concerned activists that coalesce within the Project for a New American Humanitarianism¹⁴¹ help sustain imperialism by both providing it with moral cover, and sanctioning the abandonment of the rule of law in the purported interest of human rights¹⁴² (BARKER, 2008, s.p.).

Engdahl (2005, p. 2-3) compreende que, a despeito desta estratégia de Washington, esses distúrbios ocorreram em países da Eurásia que não possuem reservas conhecidas de petróleo e/ou gás. Tais Estados representam, no entanto, posições estratégicas – principalmente para o trânsito dos recursos energéticos – e significado político fundamental para a estratégia de Washington em controlar os destinos da Eurásia. “The Orange Revolution, at least from the side of its US sponsors, had little to do with real democracy and far more with military and oil geopolitics”¹⁴³ (2005, p. 2).

E mais,

A look at the Eurasian map and at the target countries for various US-sponsored Color Revolutions makes this unmistakably clear. To the east of the Caspian Sea, Washington in one degree or another today controls Pakistan, Afghanistan, potentially Kyrgyzstan, Uzbekistan and Kazakhstan. These serve as a potential US-controlled barrier or buffer zone between China and Russian, Caspian and Iranian energy sources¹⁴⁴ (ENGDAHL, 2005, p. 3).

Todavia, enquanto os EUA colaboraram – se não arquitetaram – com os opositoristas ao longo das Revoluções Coloridas, a postura da Rússia foi exatamente na contramão. No decurso dos movimentos pró-democráticos, o Kremlin demonstrou claras intenções de sustentar o *status quo*. Moscou via as revoluções como produtos da influência ocidental e que, conseqüentemente, ameaçavam a estabilidade regional. Deste modo, tomou medidas internas e

¹⁴¹ Michael Barker (2008, s.p.) compreende como *Project for a New American Humanitarianism* uma ofensiva – pautada nos direitos humanos – que está sendo travada, principalmente, contra a China.

¹⁴² “Em contraste, o conjunto disperso de ativistas interessados que se aglutinam no âmbito do *Project for a New American Humanitarianism* ajudam a sustentar o imperialismo, tanto fornecendo-lhe cobertura moral, e sancionando o abandono do estado de direito em prol do suposto interesse pelos direitos humanos (tradução nossa).

¹⁴³ “A Revolução Laranja, pelo menos do lado de seus patrocinadores norte-americanos, tinha pouco a ver com a democracia real e muito mais com a geopolítica do petróleo e militar” (tradução nossa).

¹⁴⁴ “Um olhar sobre o mapa da Eurásia e nos países-alvo das várias Revoluções Coloridas, patrocinadas pelos EUA, faz isto inequivocamente claro. Para o leste do Mar Cáspio, Washington em um ou outro grau hoje controla Paquistão, Afeganistão, potencialmente Quirguistão, Uzbequistão e Cazaquistão. Estes servem como uma potencial zona tampão ou de barreira – controlada pelos EUA – entre a China e a Rússia, e as reservas energéticas do Cáspio e Irã” (tradução nossa).

externas para solapar a disseminação descontrolada dessa onda de revoluções eleitorais nos demais Estados do espaço pós-soviético (ORTEGA, 2009, p. 17-20).

A grande preocupação da administração do presidente russo, Vladimir Putin, era a respeito do financiamento externo como meio de manipular as influências políticas no cenário russo e eurasiático. Pode ser observado em seu discurso anual em 2007 à Assembleia Federal:

There has been an increasing influx of money from abroad being used to intervene directly in our internal affairs. Looking back at the more distant past, we recall the talk about the civilizing role of colonial powers during the colonial era. Today 'civilization' has been replaced by democratization, but the aim is the same—to ensure unilateral gains and one's own advantage, and to pursue one's own interests¹⁴⁵ (PUTIN, 2007, s.p.).

Na perspectiva chinesa, uma Ásia Central composta por regimes autoritários ou semi-autoritários representa uma configuração mais favorável para a preservação da segurança regional a longo prazo e para o combate dos movimentos separatistas, como no caso dos uigures na província de Xinjiang. Como destaca Bobo Lo (2008, p. 101), até o momento, os governos da região têm apoiado a agenda anti-separatista de Pequim, em reprimir os ativistas uigures e até mesmo extraditá-los de volta à China. Assim, o desenvolvimento imaginável da democratização e do pluralismo na Ásia Central poderia prejudicar, até mesmo, os entendimentos Estado-a-Estado. Para evitar esta possibilidade, Pequim tem, portanto, intensificado a construção de relacionamentos com as elites regionais.

Com o surgimento de regimes pró-EUA pôde-se observar a retração da influência russa no espaço pós-soviético. Assim, com o desencadeamento da Revolução das Tulipas em 2005, os chineses ficaram particularmente preocupados com um destino igualmente complicado no caso da instalação de um governo no Quirguistão orientado à Oeste. As lideranças chinesas consideravam-no como uma área potencial para agentes – locais ou internacionais – promoverem agitações dentre os uigures na província vizinha de Xinjiang. Tanto China quanto Rússia viram a meta dos EUA de promover a democracia como um subterfúgio para o seu objetivo estratégico para expandir o controle hegemônico, estabelecendo governos subservientes que seriam passíveis de seus ditames (WILSON, 2009, p. 14-15).

Both the Russian and Chinese press engaged in rhetorical attacks on democracy promotion, considered an instrument of regime transformation. Sovereign

¹⁴⁵ Tem havido um crescente fluxo de dinheiro do exterior que está sendo usado para intervir diretamente nos nossos assuntos internos. Olhando para trás, para o passado mais distante, recordamos a conversa sobre o papel civilizador dos poderes coloniais durante a era colonial. Hoje a "civilização" foi substituída por democratização, mas o objetivo é o mesmo: assegurar ganhos unilaterais e de um proveito próprio, e para perseguir seus próprios interesses (tradução nossa).

Democracy¹⁴⁶ indicated the Kremlin's attempt to introduce a variant of democracy distinct from Western practice that reflected the concrete conditions of Russia. The CCP¹⁴⁷ was equally adamant that Western formulations did not correspond to Chinese needs¹⁴⁸ (WILSON, 2009, p. 15, grifo nosso).

Como apontam os pesquisadores romenos Neguț e Neacșu (2009, p. 180) a resposta russa ao Ocidente – quer seja sobre o interesse nos recursos energéticos da Região do Cáspio ou sobre o apoio às Revoluções Coloridas – não se limitou ao discurso e “[...] led to a force policy within the relationships of Russia with the Occident, with its energy hue, between Russia, its European interface – Belarus, Ukraine, the Republic of Moldova – and the European Union”¹⁴⁹ (NEGUȚ; NEACȘU p. 180).

Assim, as Revoluções Coloridas marcaram o fim dos privilégios econômicos¹⁵⁰ (preços das quotas de gás abaixo do valor de mercado) concedidos por Moscou aos países que se orientaram a Oeste. Não bastando, o Kremlin começou a utilizar a Gazprom¹⁵¹ como instrumento – ou arma – de política externa, por meio do qual tentou persuadir os regimes opostos à Rússia a desistirem de suas ambições pró-ocidentais, através do corte do fornecimento de gás ou do aumento absurdo dos preços do gás (NEGUȚ; NEACȘU p. 180). Dentre os célebres exemplos encontram-se os episódios dos cortes de fornecimento à Geórgia e à Ucrânia – “[...] *the Gas Wars*, that contoured a genuine ‘war of nerves’”¹⁵² (NEGUȚ; NEACȘU, 2009, p. 180, grifo do autor) – em diversos períodos da década de 2000.

Russia's reaction and its policy in regards to energy resources is a consequence of the geopolitical reconfigurations that are taking place on the Eurasian scene. The pro-Western orientation of the ex-communist countries in Central Europe's Eastern region but also of the ex-soviet ones (“colour revolutions”), backed by NATO's and EU's expansion to the East, USA's advance towards the Caspian Region and their presence

¹⁴⁶ *Sovereign Democracy*; em português Democracia Soberana é um termo que descreve o atual sistema político russo, alternativo ao modelo democrático ocidental. Para mais informações sobre o conceito ver: OKARA, Andrei. Sovereign Democracy: A new Russian idea or a PR project? In: **Russia in Global Affairs** vol.5 No.3 (2007): 8-20.

¹⁴⁷ Chinese Communist Party (CCP); em português Partido Comunista Chinês (PCC).

¹⁴⁸ “Tanto as imprensas russas e chinesas estão empenhadas em ataques retóricos sobre a promoção da democracia, considerado um instrumento de transformação regime. A Democracia Soberana indica a tentativa do Kremlin de introduzir uma variante da democracia distinta da prática ocidental que refletem às condições concretas da Rússia. O PCC foi igualmente inflexível em relação as formulações ocidentais, que não correspondem às necessidades chinesas” (tradução nossa).

¹⁴⁹ “[...] levaram a uma política de força dentro das relações da Rússia com o Ocidente, com seu matiz energético, entre a Rússia e sua interface europeia - Bielorrússia, a Ucrânia, a República da Moldávia – e a União Europeia” (tradução nossa).

¹⁵⁰ Após a dissolução da URSS, a Rússia promoveu uma política de relações econômicas privilegiadas para manter os antigos Estados soviéticos em sua órbita de influência. Na qual, consistia em fornecer gás natural sob preços baixos, especialmente aos países que se tornaram pivôs nas disputas russas com o Ocidente: Ucrânia, Belarus e os países do Cáspio” (NEGUȚ; NEACȘU, 2009, p. 179).

¹⁵¹ A Gazprom é uma empresa de economia mista – na qual o Estado russo detém a maioria das ações – do ramo energético, sendo a maior exportadora de gás natural do mundo.

¹⁵² “[...] as *Guerras do Gás*, com contornos de uma genuína ‘guerra de nervos’” (tradução nossa).

in the Middle East, have each represented pressure factors on Russia who, through the August 2008 war against Georgia (a sign that it will no longer accept Western intrusions in its old sphere of influence, the so called “near neighborhood”), reiterates its presence in the global geopolitical system¹⁵³ (NEGUL; NEACȘU, 2009, p. 187).

Deste modo, fica claro que as intenções estadunidenses em fomentar regimes democráticos na Região do Cáspio contribuíram, não só para a instabilidade interna destes Estados – agravando a possibilidade de cisões e até mesmo de conflitos civis – como também, fomentaram atritos com as potências regionais, que almejam influir na região.

5.3 O engajamento militar estadunidense no Cáspio

Embora as considerações econômicas e comerciais tenham sido primordiais para a projeção estadunidense na Região do Cáspio – pelo menos à primeira vista – a cooperação em termos de segurança foi um componente relevante e inelutável das ações americanas na região. Como Frappi (2013, p. 189) afirma, os investimentos em segurança aplicados aos parceiros estratégicos dos EUA, concomitantemente, são um objetivo fundamental e, também, uma excelente ferramenta na perspectiva do desenvolvimento e estabilização regional, já que representam um instrumento basilar para a redução dos diversos riscos que a Região do Cáspio proporciona para os EUA e também para os investidores ocidentais no setor energético.

A Região do Cáspio foi crucial para a política militar dos EUA e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)¹⁵⁴. A partir da década de 1990, os EUA iniciaram projetos de cooperação militar com os países da região, dentre os quais destaca-se o programa da OTAN “Parceria para a Paz” (PpP), criado para ampliar a cooperação política e militar entre a OTAN e os países da Região do Cáspio, assim como para permitir manobras conjuntas às operações de paz e outras atividades da aliança militar atlântica (ABILOV, 2012, p. 38; JAFFE, 2001, p. 140). “It was intended to build close military relations particularly with Azerbaijan,

¹⁵³ “A reação da Rússia e da sua política em relação aos recursos energéticos é uma consequência das reconfigurações geopolíticas que estão ocorrendo no cenário da Eurásia. A orientação pró-ocidental dos países ex-comunistas na região oriental da Europa Central mas também dos ex-soviéticos (“Revoluções Coloridas”), apoiados pela expansão da OTAN e da UE para o Leste, o avanço dos EUA para a região do Cáspio e sua presença no Oriente Médio, têm representado na Rússia fatores de pressão, que, por meio da guerra de Agosto de 2008 contra a Geórgia (um sinal de que não aceitará mais invasões ocidentais em sua antiga esfera de influência, a chamada “vizinhança próxima”), reiterou sua presença no sistema geopolítica global” (tradução nossa).

¹⁵⁴ A OTAN é uma aliança militar intergovernamental criada em 1949 – no contexto da Guerra-Fria. Os Estados integrantes da organização são: Albânia, Alemanha (República Federal da Alemanha antes da reunificação alemã), Bélgica, Canadá, Croácia, Dinamarca, Espanha, os Estados Unidos, a França, a Grécia, os Países Baixos, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido, Turquia, Hungria, Polónia, República Checa, Bulgária, Estónia, Letónia, Lituânia, Roménia, Eslováquia e a Eslovénia (OTAN). Disponível em: <<http://www.nato.int/nato-welcome/index.html>>.

Kazakhstan, and Turkmenistan due to energy agreements with these countries”¹⁵⁵ (ABILOV, 2012, p. 38). Em 1996, a OTAN afirmou suas intenções em assegurar as reservas e rotas de exportações energéticas e, em 1998, a Região do Cáspio foi declarada como parte da área de responsabilidade militar dos EUA (ABILOV, 2012, p. 38).

Deste modo, pode-se dizer que os Estados do Cáspio foram envolvidos no processo de transformação da OTAN – outrora uma aliança militar de cunho defensivo – a qual, após a derrocada soviética, passou a, gradativamente, converter-se em um mecanismo de cooperação securitário muito mais amplo, projetada sobre todo o espaço eurasiático (FRAPPI, 2013, p. 189). “US Caspian policy was pursuant to a ‘double containment’ strategy which, however, worked at different degrees of intensity vis-à-vis Iran and Russia”¹⁵⁶ (FRAPPI, 2013, p. 190).

Após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, os Estados do Cáspio começaram a receber dos Estados Unidos uma assistência militar significativa. Apenas para 2002, os valores relativos à assistência militar foram de cerca de \$ 74 milhões de dólares. A Geórgia foi o Estado mais favorecido dentre os países da região do Mar Cáspio, recebendo cerca de \$ 32 milhões dólares, seguido pelo Uzbequistão, com um montante de \$ 12 milhões e Quirguistão, com \$ 11,6 milhões. O governo americano, além disso, tomou a decisão de retirar a Seção 907 – do *Freedom Support Act* de 1992 – que proibia a ajuda militar dos EUA ao Azerbaijão, por causa dos episódios determinados pelo colapso da União Soviética envolvendo a província da Abkhazia. Contraparte, os países da Região do Cáspio asseguraram o acesso de seu território e espaço aéreo para os Estados Unidos transportarem suas tropas aos campos de batalha da “Guerra ao Terror”. Dentro desta perspectiva, os EUA, ainda, receberam a concessão para o estabelecimento de bases aéreas militares no Uzbequistão e Quirguistão (ABILOV, 2012, p. 38-39).

Above all, 9/11 had a direct and deep impact on the domestic premises of US Caspian policy, greatly influencing the public opinion’s conception of the area. While before 9/11, it appeared difficult for the US Administration to pursue a more direct engagement toward an area perceived as remote and far from the national interest, after the terrorist attacks a broad consensus emerged on the need for a more proactive policy¹⁵⁷ (FRAPPI, 2013, p. 192).

¹⁵⁵ “Ele foi destinado a construir relações militares estreitas particularmente com o Azerbaijão, Cazaquistão e Turcomenistão devido aos acordos energéticos com esses países” (tradução nossa).

¹⁵⁶ “A política dos EUA no Cáspio estava em conformidade com a estratégia de ‘contenção dupla’ que, no entanto, trabalhava em diferentes níveis de intensidade *vis-à-vis* Iran e Rússia” (tradução nossa).

¹⁵⁷ “Acima de tudo, o 11 de Setembro teve um impacto direto e profundo nas dependências domésticas em relação à política dos EUA no Cáspio, influenciando fortemente a concepção da opinião pública sobre a região. Enquanto antes do 11 de Setembro, parecia difícil para a administração dos EUA levar a cabo um engajamento mais incisivo em direção a uma área vista como remota e longe de ser o interesse nacional, após os ataques terroristas um amplo consenso emergiu sobre a necessidade de uma política mais ativa” (tradução nossa).

Conseqüentemente, a partir de 2002 os Estados Unidos puderam lançar amplos programas de cooperação militar com o Azerbaijão e intensificar seus laços já existentes com o Cazaquistão e Turcomenistão, fornecendo aos Estados litorâneos do Cáspio uma quantidade considerável de dólares para ajuda militar, principalmente sob os programas: *Foreign Military Financing*, *Counterterrorism Fellowship Program* e do *International Military Education and Training* (ver Tabela-1) (FRAPPI, 2013, p. 193).

Tabela 1– Orçamento anual dos EUA para fundos de segurança para os Estados litorâneos do Cáspio

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2002-2008
Azerbaijan	14.82	10.79	18.47	33.14	33.02	33.56	47.41	191.21
Kazakhstan	17.32	28.71	52.55	42.34	19.35	60.64	60.39	281.30
Turkmenistan	5.93	0.96	2.70	6.58	1.75	5.27	5.37	28.56

*Amounts refer to both Department of States and Department of Defense

Source: U.S. Department of State, U.S. Government Assistance to and Cooperative Activities with Eurasia, Country Assessments

FONTE: FRAPPI (2013)

Como observado na tabela acima, ocorreram aumentos significativos dos níveis de assistência militar estadunidense na região do Cáspio. Além disso, após o 11 de Setembro, as relações de segurança dos EUA com os Estados da Região do Cáspio passaram por uma mudança radical, elucidada por Stokes e Raphael:

The region received hundreds of millions of dollars' worth of assistance in the years after 9/11, and although the primary justification for this was linked to ongoing counterterrorism operations in Afghanistan, the levels and types of aid point to a wider, long-term strategy¹⁵⁸ (2014, p. 11, grifo nosso).

Stokes e Raphael (2014, p. 11) compreendem que os programas estadunidenses de assistência militar na região têm sido focalizados nos Estados ricos em petróleo ou estratégicos para o escoamento da produção, com o desejo declarado de garantir o fluxo ininterrupto dos recursos do Cáspio para o mercado mundial. “There is a clear energy security dimension at

¹⁵⁸ “A região recebeu centenas de milhões de dólares em assistência nos anos após o 11 de Setembro, e, embora a justificativa primária para a assistência estivesse ligada as operações de contraterrorismo no Afeganistão, os níveis e tipos de assistência apontavam para uma estratégia ampla e de longo-prazo” (tradução nossa, grifo nosso).

play here. Historically, the United States provided assistance so as to create command structures dedicated to energy security”¹⁵⁹ (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 11).

Neste sentido, pode-se dizer que os programas de assistência fornecidos ao Cazaquistão tinham, explicitamente, como objetivo equipar e treinar as forças militares cazaques para proteger infraestrutura de energia do Cáspio e as principais rotas de transporte de energia. Da mesma forma, a assistência militar para o Azerbaijão tem sido orientada em prol da estabilização do regime Aliyev¹⁶⁰ e da garantia do fluxo constante de petróleo e gás ao mercado mundial. Juntamente com a estabilização dos dois principais Estados produtores de petróleo do Cáspio, os Estados Unidos tomaram medidas para assegurar que o Estado de trânsito da Geórgia – onde está localizado o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan – esteja seguro contra os focos de instabilidade interna (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 11-12). “Overall, US military commanders are clear that maximizing global energy security is a key objective for Washington, and that security assistance programmes play a central role in this”¹⁶¹ (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 13).

Por outro lado, como aponta Abilov (2012, p. 43), a presença militar dos EUA na Região do Cáspio alarmou a Rússia e as preocupações do Kremlin relativas à sua segurança aumentaram significativamente. Deste modo, Moscou passou a contrariar os interesses estadunidenses na região em todos os aspectos,

[...] giving great effort to build up political influence over the region while trying to build high level military cooperation with regional countries within the framework of Russian led military organizations, such as: the Collective Security Treaty Organization (CSTO) and the Shanghai Cooperation Organization (SCO)^{162 163} (ABILOV, 2012, p. 43).

Assim, o Kremlin voltou-se para a tentativa de cooptar a China e os Estados da Ásia Central através de uma agenda pautada na restrição de influências externas (Ocidente) sobre Região. Confrontado com a realidade do pós-11 de Setembro, em que os Estados Unidos

¹⁵⁹ “Há uma dimensão de segurança energética clara em jogo aqui. Historicamente, os Estados Unidos forneceram assistência, de modo a criar estruturas de comando dedicados à segurança energética” (tradução nossa).

¹⁶⁰ Ilham Heydar oglu Aliyev é o atual presidente do Azerbaijão, do qual ocupa o cargo desde 2003 – sucedendo seu pai Heydar Alirza oglu Aliyev.

¹⁶¹ “Em geral, os comandantes militares norte-americanos estão claros de que a maximização da segurança energética global é um objetivo-chave para Washington, e que os programas de assistência à segurança desempenham um papel central neste processo” (tradução nossa).

¹⁶² Em português Organização para Cooperação de Xangai (OCX) é um organismo internacional fundado em 2001 por China, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia, Tajiquistão e Uzbequistão.

¹⁶³ “[...] dando grande esforço para construir influência política na região durante a tentativa de construir alto nível de cooperação militar com os países da região através das organizações militares no âmbito russo, tais como: a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC) e a Organização de Cooperação de Xangai (SCO)” (tradução nossa).

continuariam a ser um jogador importante na região, pelo menos, no médio prazo. Moscou preparou-se para a tarefa de limitação de danos geopolíticos, partindo do pressuposto de que, se a Rússia já não poderia restaurar a hegemonia de outros tempos, então, ela poderia, ao menos, visar a garantia de que nenhum outro poder tomasse o seu antigo posto (LO, 2008, p. 95).

In Central Asia, as elsewhere, Moscow strives to make the best of its axis of convenience with China. Discomfort with the latter's growing profile in the region pales in comparison with geopolitical concerns over a possible long-term U.S. presence. In effect, it proceeds according to the principle of "my enemy's enemy is my friend." (...) And this means it is keen to develop tactical alliances with the express purpose of undermining the American position. China's strong opposition to Washington's "hegemonic" power makes it a natural candidate for just such an alliance¹⁶⁴ (LO, 2008, p. 100, grifo nosso).

Nesta perspectiva, a Rússia assinou diversos acordos militares com os países da Região do Cáspio, com a finalidade de distribuir efetivos militares por toda a região. Cerca de 14.000 soldados russos estão estacionados em territórios dos novos Estados independentes, como a Armênia, Belarus, Geórgia (nas províncias da Abkhazia e Ossétia do Sul), Moldávia, Quirguistão e Tajiquistão. Além do mais, Moscou também passou a influenciar os países da região no sentido de retirarem as bases militares estadunidenses instaladas em seus territórios (ABILOV, 2012, p. 43).

Portanto, como destaca Abilov (2012, p. 44), o principal objetivo da Rússia era assegurar sua presença em seu "quintal", e evitar a difusão das atividades americanas na Região – no contexto das Revoluções Coloridas e da expansão dos investimentos no setor energético e militar. A intervenção militar russa na Geórgia, em agosto de 2008, foi um passo crucial nesta perspectiva, ocasionando mudanças significativas para a Rússia no equilíbrio geopolítico e nas regras do jogo da Região do Cáspio. Pela Guerra Russo-Georgiana¹⁶⁵, a Rússia deixou claro que é capaz de traçar uma linha estratégica contra o Ocidente e irá aplicá-la caso perceber ameaças às suas ambições regionais. Outro efeito da guerra na Geórgia foi que ela criou grande incerteza para os países da região, que estavam contando com o apoio dos Estados Unidos a fim de evitar a influência russa, porém, os EUA pouco fizeram para retaliar as operações militares de Moscou no Cáucaso.

¹⁶⁴ "Na Ásia Central, como em outros lugares, Moscou se esforça para fazer o melhor de seu eixo de conveniência com a China. O desconforto com perfil de crescimento deste último na região empalidece em comparação com as preocupações mais geopolíticas de uma presença possível dos EUA no longo prazo. Com efeito, procede-se de acordo com o princípio de "inimigo do meu inimigo é meu amigo." (...) E isso significa que está interessada em desenvolver alianças táticas com o expresso propósito de minar a posição americana. A forte oposição da China ao poder "hegemônica" de Washington o torna um candidato natural para apenas uma tal aliança" (tradução nossa).

¹⁶⁵ Para mais informações sobre a Guerra Russo-Georgiana (2008) ver: NICHOL, Jim. "Russia-Georgia Conflict in South Ossetia: Context and Implications for US Interests" (LIBRARY OF CONGRESS WASHINGTON DC CONGRESSIONAL RESEARCH SERVICE, 2008).

Em relação a China, Michael Klare entende que

Following the lead of other oil-importing countries, China is courting as many oil producers as it can. But it is not putting its faith in diversification alone. Like the United States, China is bolstering its ties with its suppliers by providing them with arms, weapons technology, and other forms of military assistance. [...] China also provides training to the militaries and police of these countries and shares intelligence with them on the activities of insurgent and separatist groups¹⁶⁶ (2004, p. 172).

Por fim, no que tange à OCX¹⁶⁷, como aponta Abilov (2012, p. 49), o aumento da cooperação geopolítica e geoestratégica entre Rússia e China não é o único aspecto da OCX contra os interesses dos EUA na Região do Cáspio. A cooperação no setor energético é outra esfera de influência que Moscou e Pequim estão tentando equilibrar com Washington. A segurança da exploração e transporte dos recursos energéticos é uma questão importante sobre a qual interesses econômicos chineses e russos convergem dentro da OCX. Simultaneamente, houve uma proposta da transformação da OCX em uma organização internacional focada nos recursos energéticos – uma espécie de “OPEP do gás”. Tal proposta foi declarada oficialmente, pela primeira vez, pelo então presidente russo Vladimir Putin durante a cúpula de Xangai em 2006. A ideia da Rússia por trás deste acontecimento era manter os EUA fora e a China dentro do jogo energético, a fim de preservar a sua posição dominante sobre a política energética dos países da região do Mar Cáspio.

De modo geral,

[i]n jockeying for geopolitical advantage on this critical playing field, Moscow and Washington have brought to bear a military dimension to this contest that cannot be ignored. Both countries have forged significant military ties with the Caspian states, and both have established (or retained) bases there: the United States in Afghanistan, Kyrgyzstan, and (for a time) Uzbekistan; Russia in Armenia, Azerbaijan, Georgia (under protest), Kyrgyzstan, and Tajikistan. Leaders of both countries claim that these undertakings represent a prudent response to specific security threats, notably from Al Qaeda, the Taliban, and other extremist movements. But they clearly serve as important tokens of presence in the region, as do the requisite arms transfers, military exercises, and alliance systems¹⁶⁸ (ABILOV, 2012, p. 49).

¹⁶⁶ Seguindo a dianteira de outros países importadores de petróleo, a China está cortejando tantos países produtores quanto possível. Mas ela não põe sua fé na diversificação, somente. Assim como os EUA, a China está apoiando seus laços com seus provedores ao prover-lhes armas, tecnologia, e outras formas de assistência militar. [...] a China também provê treinamento aos militares e policia desses países e divide serviços de inteligência com eles sobre a atividade de insurgentes e grupos separatistas.

¹⁶⁷ Para informações mais detalhadas sobre a OCX e a relação sino-russa recomenda-se: LO, Bobo. **AXIS OF CONVENIENCE: MOSCOW, BEIJING, AND THE NEW GEOPOLITICS**. London: Brookings Institution Press, 2008. p.293

¹⁶⁸ “[n]a disputa por vantagem geopolítica neste crítico campo de jogo, Moscou e Washington vieram a expressar uma dimensão militar para esta competição que não pode ser ignorado. Os dois países forjaram laços militares significativos com os Estados do Mar Cáspio, e ambos criaram (ou mantiveram) bases lá: os Estados Unidos no Afeganistão, Quirguistão, e (durante um período) Uzbequistão; Rússia, na Armênia, Azerbaijão, Geórgia (sob protesto), Quirguistão e Tajiquistão. Os líderes de ambos os países afirmam que esses empreendimentos representam uma resposta prudente às ameaças de segurança específicas, nomeadamente da Al Qaeda, o Taleban

5.4 Disputa dos Dutos Energéticos

O período imediato ao colapso soviético foi caracterizado por uma vantagem esmagadora da Rússia em relação ao trânsito de petróleo e gás na Ásia Central. Durante o período soviético, toda a infraestrutura de transporte e logística da Ásia Central era direcionada à zona industrial da URSS – hoje a região europeia da Rússia. Assim, do mesmo modo, o sistema de transporte dos hidrocarbonetos (dutos e ferrovias), fundamentalmente era direcionado à Rússia. Outro fator, não menos importante, durante todo o período soviético as repúblicas da Ásia Central ficaram totalmente isoladas do resto do mundo, além de não possuírem saídas para o mar, os contatos com os vizinhos externos ao espaço soviético eram mínimos (CHOW; HENDRIX, 2010, p. 31). “Refineries in eastern Kazakhstan ran West Siberian crude oil, crude oil production from western Kazakhstan was shipped to Samara in the Russian Federation, and Azerbaijan received crude oil and natural gas from Russia. The Soviet Union was also a union of oil and gas”¹⁶⁹ (CHOW; HENDRIX, 2010, p. 31).

Aproveitando-se desta vantagem, a Rússia ambiciona assumir o papel de único fornecedor de gás natural, especialmente no mercado europeu, mas, numa perspectiva futura também coloca sua mira no mercado oriental (as economias emergentes mais dinâmicas, como a chinesa) (NEGUL; NEACȘU, 2010, p. 31).

Presently, natural gas from Russia to Europe is distributed through the existing ex-Soviet pipelines system. Even with the discovery of Caspian energy supplies, Russia is determined to ensure utilization of its widespread natural gas network in the transportation of the Caspian supplies to markets for two reasons: to control the Caspian energy, and to gain transit fees¹⁷⁰ (BENKE, 2010, p. 33).

Em 2000, a União Europeia (UE) recorreu às importações para 75% das suas necessidades petrolíferas; essa proporção cresceu para 84% em 2010. Exceto para a Noruega, os principais fornecedores da região são a Rússia e os Estados da OPEP do Irã, Arábia Saudita e Líbia. Tal dependência pode ser observada através da Figura 11, onde a maioria absoluta dos dutos energéticos está sob o jugo de Moscou. Reduzir a dependência europeia, em matéria de

e outros movimentos extremistas. Mas eles servem claramente como importantes símbolos da presença na região, assim como as transferências necessárias de armas, exercícios militares e sistemas de aliança” (tradução nossa).

¹⁶⁹ “Refinarias no Leste do Cazaquistão corriam petróleo bruto da Sibéria Ocidental, o petróleo bruto produzido no Oeste do Cazaquistão era transportado para Samara na Federação Russa, e o Azerbaijão recebia petróleo bruto e gás natural da Rússia. A União Soviética era também a união do gás e petróleo” (tradução nossa).

¹⁷⁰ “Atualmente, o gás natural da Rússia para a Europa é distribuído através do existente sistema de gasodutos da ex-União Soviética. Mesmo com a descoberta das reservas de energia do Mar Cáspio, a Rússia está determinada a assegurar a utilização da sua ampla rede de transporte – nas reservas de gás natural do Cáspio – para os mercados por duas razões: para controlar a energia do Cáspio, e para ganhar taxas de trânsito” (tradução nossa).

energia proveniente do Oriente Médio e Rússia, tornou-se também um objetivo-chave da segurança energética dos EUA. Na década de 1990, os EUA procuraram desbloquear os hidrocarbonetos do Cáspio através da abertura de rotas de exportação que atravessassem países alinhados aos interesses dos EUA – tais como Turquia – e, sobretudo, evitar o território de adversários estratégicos como a Rússia e o Irã (KIERNAN, 2010, p. 4). Um dos elementos-chave da estratégia dos EUA no Cáspio, durante o governo Bush, estava em ligar diretamente o mercado europeu aos hidrocarbonetos da região, através de uma rede ramificada de dutos. Desta forma, os EUA esperavam minimizar a influência russa sobre as rotas de transporte de energia na região. Isso explica o forte suporte estadunidense em projetos como o oleoduto Baku-Tbilisi-Ceyhan (BTC) que transcorre o Azerbaijão, Geórgia e Turquia (KIERNAN, 2010, p. 4; GARASHOVA, 2010, p. 33).

Figura 11– Principais dutos energéticos com destino à Europa



Fonte: HERITAGE (2009)¹⁷¹

¹⁷¹ Disponível em: <<http://www.heritage.org/research/reports/2009/03/how-the-obama-administration-should-deal-with-russias-revisionist-foreign-policy>>. Acesso em nov. 2015.

Para Stokes e Raphael (2014, p. 14) a promoção da independência dos Estados ricos em petróleo e gás da Região do Cáspio pelos EUA fazia parte da estratégia concebida por Washington para quebrar o monopólio da Rússia sobre o transporte dos hidrocarbonetos da região. “In practice, this has meant working to ensure that viable routes are opened up between the Caspian and the West which bypass both Iran and Russia, and which continues to outstrip newer Chinese capacity”¹⁷² (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 14). Deste modo, encaminhar os hidrocarbonetos através da Turquia não possui sentido econômico imediato, devido aos altos custos e a possibilidade da construção de outras rotas comercialmente mais viáveis. Entretanto, os cálculos estratégicos superaram as considerações econômicas durante o planejamento do oleoduto BTC (STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 14).

Estas prioridades estratégicas para a Região do Cáspio foram delineadas pelo secretário de Energia de Clinton, Bill Richardson (apud STOKES; RAPHAEL, 2014, p. 14), em 1998:

This is about America’s energy security, which depends on diversifying our sources of oil and gas worldwide. It’s also about preventing strategic inroads by those who don’t share our values. We’re trying to move these newly independent countries toward the West. We would like to see them reliant on Western commercial and political interests rather than going the other way. We’ve made substantial political investment in the Caspian, and it’s very important to us that both the pipeline map and the politics come out right¹⁷³.

Neste sentido, o acordo relativo à construção do oleoduto BTC (Figura 12), que entrou em funcionamento em 2005, foi um passo crucial contra a política monopolista russa na região. Por conseguinte, ocorreu a construção do gasoduto Baku-Tbilisi-Erzurum (BTE), também chamado de *South Caucasus Pipeline* (ABILOV, 2012, p. 37). A diplomacia americana, portanto, ajudou a tornar realidade os 1 milhão de barris diários transportados pelo oleoduto BTC. Este oleoduto facilita a exportação das ricas reservas de petróleo *offshore* do Mar Cáspio para os mercados europeus. Apesar da capacidade do BTC representar apenas uma pequena parte da demanda global de petróleo (menos de 1,5%), a construção do oleoduto demonstrou que os EUA são capazes de exercer forte influência na Região do Cáspio. A UE, por sua vez,

¹⁷² “Na prática, isso significou trabalhar pela garantia de que as rotas viáveis estejam abertas entre o Mar Cáspio e o Ocidente desviando dos [territórios] tanto do Irã quanto da Rússia, e que continue a ultrapassar a recente capacidade chinesa instalada [na Região]” (tradução nossa, grifo nosso).

¹⁷³ “Isto é sobre a segurança energética da América, que depende da diversificação das nossas fontes de petróleo e gás em todo o mundo. É também sobre prevenção de incursões estratégicas por aqueles que não partilham dos nossos valores. Estamos tentando mover esses países recém-independentes em relação ao Ocidente. Gostaríamos de vê-los dependentes de confiantes aos interesses comerciais e políticos do Ocidente ao invés de ir para o outro lado. Nós fizemos investimentos políticos substanciais no Cáspio, e é muito importante para nós que tanto o mapa de gasodutos e política deem certo” (tradução nossa).

ganhou acesso a novos e valiosos suprimentos de petróleo bruto que não passam pelo território russo (KIERNAN, 2010, p. 4-5).

Figura 12– Dutos energéticos na região do Cáucaso



Fonte: ENCYCLOPEDIA OF EARTH (2013)¹⁷⁴

Ainda, torna-se perceptível que

The desire to dominate the transport of Caspian Sea energy has inevitably led to conflict with parallel U.S. ambitions in the region. [...] The struggle for control over the pipeline routes from the Caspian basin to international markets is no small matter. For Russia, not only are the pipelines a source of revenue, but they also provide Moscow with political leverage over the former Soviet republics to its south. That is precisely why the United States is so determined to diminish Russia's control over the flow of energy¹⁷⁵ (KLARE, 2004a, p. 154-155).

Embora Moscou alegue ter abandonado sua oposição ao oleoduto BTC, a sua determinação em manter algum tipo de controle sobre o fluxo do petróleo do Mar Cáspio foi óbvia através de seu apoio aos regimes separatistas na Abkhazia e na Ossétia do Sul – dos quais,

¹⁷⁴ Disponível em: < <http://www.eoearth.org/view/article/152473/>> Acesso em nov. 2015

¹⁷⁵ “O desejo de dominar o transporte energético do mar Cáspio levou, inevitavelmente, a um conflito com ambições paralelas dos EUA na região. [...] A luta pelo controle sobre as rotas dos dutos da bacia do Cáspio para os mercados internacionais não é de pouca importância. Para a Rússia, não são apenas os dutos uma fonte de receita, mas eles também fornecem a Moscou influência política sobre as ex-repúblicas soviéticas do Sul. Este é justamente o porquê de os Estados Unidos serem tão determinados a diminuir o controle da Rússia sobre o fluxo de energia” (tradução nossa).

ambos estão em regiões próximas à rota do oleoduto – e, também pela sua recusa em retirar as suas forças da Geórgia. Os Estados Unidos, por sua vez, estavam preparando o exército georgiano para os ataques inevitáveis ao oleoduto. A mesma dinâmica se aplica à seção do Azerbaijão do BTC; da qual a Rússia revela sua hostilidade para com o projeto, auxiliando a Armênia e, por consequência, o enclave armênio separatista de Nagorno-Karabakh – enquanto os Estados Unidos mantêm programas de assistência militar com o Azerbaijão (KLARE, 2004, p. 158-159).

Além do BTC e BTE, outros dutos energéticos foram propostos por empresas ocidentais ao longo da década de 2000, tais como o Transcáspio, a fim de transportar, respectivamente, petróleo e gás, do Cazaquistão e Turcomenistão para o Azerbaijão e, em seguida, para a Europa. Os EUA também apoiaram o projeto do gasoduto Turcomenistão-Afeganistão-Paquistão (TAP) como uma ferramenta para minar a crescente influência chinesa ao Leste do Cáspio. Outra proposta que teve apoio estadunidense foi a do gasoduto Nabucco que seria uma continuação do BTE, a fim de transportar o gás natural produzido no Cáspio ao mercado europeu (ABILOV, 2012, p. 37).

Entretanto, é importante destacar que apesar do grande engajamento estadunidense em busca da diversificação das rotas energéticas e do relativo sucesso na consolidação do oleoduto BTC, nenhum outro projeto de grande envergadura saiu do papel – quer seja pela inviabilização de investimentos ou então por causa de arranjos políticos contrários. Deste modo, por ora, a Europa segue altamente dependente dos hidrocarbonetos da Rússia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou evidenciar a relação entre a estratégia energética estadunidense e a instabilidade da Região do Cáspio. Para tal, primeiramente, foi discutido como as disputas por recursos energéticos podem catalisar instabilidades locais ou regionais, ou ainda, deflagrar conflitos. Em sequência, buscou-se clarificar se os Estados Unidos possuem uma estratégia energética pautada no controle de regiões produtoras estratégicas. Consequente à abordagem estratégica americana, o trabalho propôs evidenciar a importância geoestratégica e os principais focos de instabilidade locais da Região do Cáspio, para então poder compreender como o engajamento estadunidense na região alavancou a instabilidade local.

A partir da análise da política externa estadunidense após os Choques do Petróleo, em 1973 e 1979, pôde-se constatar não somente o aumento das preocupações dos governantes estadunidenses frente à segurança energética dos EUA como também a gradativa construção de uma estratégia de segurança energética multifacetada. Este processo foi iniciado por Jimmy Carter que, pela primeira vez na história dos EUA, fez referência à temática. Desse modo, foi possível constatar o direcionamento do discurso presidencial com ênfase na proteção e utilização do uso da força para proteger o fluxo contínuo de petróleo. Este discurso ficou conhecido como Doutrina Carter, e foi a partir dele que a atual estratégia propositiva de segurança energética dos EUA começou a apresentar seus primeiros traços. Na sequência, observa-se não só a continuidade desta política por todos os sucessores de Carter, como também gradativos avanços.

Entretanto, foi somente no governo de George W. Bush que se notou uma consistência estratégica na busca pela segurança energética dos EUA. Baseada, sobretudo, na *National Energy Policy*, a estratégia energética de Bush era bem ampla e estava inerentemente ligada a outros objetivos da política externa estadunidense, tal como a hegemonia dos EUA e o seu avanço militar – que fizeram parte dos principais objetivos da administração de Bush. Além disso, após os ataques de 11 de setembro e da invasão do Afeganistão, Bush apresentou a Doutrina Bush, que foi a primeira tentativa da América para uma grande estratégia desde o fim da Guerra Fria. As quatro vertentes desta foram as aquisições de recursos energéticos, a expansão militar, a Guerra ao Terror e a projeção de poder global. Deste modo, pôde-se confirmar o primeiro objetivo específico do trabalho. Entretanto, pontos importantes como as discussões referentes à efetividade da estratégia de Bush em relação à segurança energética estadunidense, assim como o papel das empresas petrolíferas estadunidenses na política de segurança energética dos EUA, demandam pesquisas mais específicas.

No que se refere à Região do Cáspio, apesar de suas reservas serem relativamente pequenas, se comparadas às do Oriente Médio, pode-se afirmar que o Cáspio é extremamente importante para o cenário energético mundial, pois suas reservas – em maioria – pouco foram exploradas e possuem potencial para representar fatia significativa da oferta de hidrocarbonetos nas próximas décadas – realizando papel importante para a diversificação da oferta mundial. Além disso, a região localiza-se geoestrategicamente ao centro do continente eurasiático, possibilitando uma infinidade de rotas de exportação de hidrocarbonetos pelas áreas mais populosas do planeta.

Por outro lado, constatou-se que a região é extremamente frágil e vulnerável, ameaçada por uma série de riscos e desafios que emergiram com a dissolução da URSS. Os conflitos do Cáucaso do Sul e Ásia Central, o programa nuclear iraniano, o terrorismo, tráfico ilegal de armas e drogas e as dificuldades relacionadas à coalizão nacional e a consolidação do espaço territorial pelos Estados são problemas decorrentes de toda esta vasta região. Somados a estes problemas internos, a região também é foco de disputas geopolíticas – de diversas motivações, mas principalmente no que se refere aos recursos energéticos – entre atores regionais e globais, como Turquia, Irã, Rússia China e Estado Unidos. Deste modo, entende-se que a segurança regional do Cáspio se configura como abrangente por um lado e multifacetada por outro. Neste sentido, pode-se dizer que o segundo objetivo específico também é confirmado.

Considerando que os interesses dos EUA nos hidrocarbonetos do Cáspio estavam envolvidos pela ampla estratégia energética de Washington em busca da hegemonia global, portanto, os EUA permaneceram alertas para os potenciais desafios do poder chinês e russo contra suas ambições. Dentre as principais estratégias formuladas por Washington para influir na região do Cáspio e lutar contra uma eventual ascensão hegemônica da Rússia ou China na Região, encontram-se: a disseminação dos valores democráticos passivamente ou ativamente (diga-se Revoluções Coloridas); os programas de assistência militar; e, a participação em projetos de dutos energéticos.

Em relação às Revoluções Coloridas, pode-se dizer que as lideranças russas e chinesas as veem como uma espécie de imperialismo em um formato atualizado, camuflado pela retórica da “promoção democrática”. Deste modo, posicionam-se contrários ao discurso democrático Ocidental. E, em represália à esta estratégia estadunidense, tanto os governantes russos quanto chineses respondem com ataques retóricos enfáticos. No entanto, as respostas não se restringem ao discurso, e medidas severas foram tomadas por Moscou, como os cortes de gás à Ucrânia e à Geórgia. A China, por sua vez, apoia os regimes autoritários da Ásia Central. Portanto, constatou-se que as tentativas estadunidenses de remodelar o cenário político da região geram

grande desconforto entre as potências regionais do Cáspio e, em alguns casos, direta retaliação. Deste modo pode-se dizer que a fomentação das Revoluções Coloridas eleva a instabilidade regional. Entretanto é fundamental ressaltar que, apesar das potências terem tido papéis importantes (contra ou a favor), as motivações internas destes países são tão, se não mais, importantes nas motivações destas revoltas.

No que tange à investida americana no Cáspio através dos massivos programas de assistência militar, intensificados substancialmente após os atentados de 11 de Setembro, é perceptível que provocaram a resposta imediata de Moscou, assim, um grande embate por vantagens geopolíticas na Região entre Moscou e Washington, expressam uma dimensão militar para esta competição que não pode ser ignorado. Os dois países forjaram laços militares significativos com os Estados do Mar Cáspio, e ambos criaram (ou mantiveram) bases lá: os Estados Unidos no Afeganistão, Quirguistão, e (durante um período) Uzbequistão; Rússia, na Armênia, Azerbaijão, Geórgia (sob protesto), Quirguistão e Tajiquistão.

Por fim, o desejo de dominar o transporte energético do mar Cáspio, levou inevitavelmente a um conflito com ambições divergentes a dos EUA na região. A luta pelo controle sobre as rotas dos dutos da bacia do Cáspio para os mercados internacionais representa um dos maiores embates da geopolítica energética mundial. Para a Rússia, não são apenas os dutos uma fonte de receita, mas eles também fornecem a Moscou influência política sobre as ex-repúblicas soviéticas do Sul. Já para a China, as reservas do Cáspio compreendem área fundamental para sua estratégia de diversificação da oferta dos hidrocarbonetos. Os Estados Unidos, por sua vez, além de almejarem diversificar a oferta europeia e sanar a dependência dos dutos russos por seus aliados, buscam minar o controle da Rússia e China sobre o fluxo de energia proveniente do Cáspio. Deste modo, pôde-se compreender, em linhas gerais, os principais objetivos estadunidenses nas disputas pelas rotas energéticas.

Deste modo, a hipótese proposta para esta pesquisa confirma-se, o engajamento dos EUA na região – baseado em sua estratégia energética – foi um fator agravante na instabilidade da Região do Cáspio, através das Revoluções Coloridas, dos programas de assistência militar e da disputa das rotas energéticas.

REFERÊNCIAS

ABILOV, Shamkhal. The “New Great Game” Over the Caspian Region:: Russia, the USA, and China in the Same Melting Pot. **Khazar Journal Of Humanities And Social Sciences**, Baku, v. 15, n. 2, p.29-60, 2012.

ABRAHAM, Spencer. **Remarksby U.S Secretary of Energy**, realizado perante a Câmara de Comércio dos Estados Unidos, 19 de março de 2001. Disponível em: <<http://cheniere.org/briefings/energysec/index.html>>. Acesso em: 14 de agosto 2015.

AYDIN, Mustafa. Black sea and the Caucasus region; causes of instability and the ways to deal with them. In: Conferência Internacional de GUUAM: Problems and Prospects for the Development of Transportation and Communication Corridors, 2000, Crimea. **Anais...** Ankara: The Turkish yearbook, v. XXX, 2000.

BARKER, Michael. The Project For A New American Humanitarianism. **Swans**, San Francisco. n.p., 25 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.swans.com/library/art14/barker04.html>>. Acesso em: 3 nov. 2015.

BENKE, Ildiko. **Power and Energy: Geopolitical Aspects of the Transnational Natural Gas Pipelines from the Caspian Sea Basin to Europe**. 2010. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geopolítica, Naval PostgraduateSchool, Monterey,, 2010.

BENKE, Ildiko. **Power and Energy: Geopolitical Aspects of the Transnational Natural Gas Pipelines from the Caspian Sea Basin to Europe**. 2010. 73 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geopolítica, Naval Postgraduate School, Monterey,, 2010.

BILLON, Philippe Le. Natural Resource Types and Conflict Termination Initiatives. **Colombia Internacional**, Bogota, v. 70, p.9-34, jul. 2009.

BILLON, Philippe Le. The political ecology war: natural resources and armed conflict. **Political Geography**, Mansfield, p.561-584, 2001.

BILLON, Philippe Le. The political economy of resource wars. **Institute For Security Studies**, Pretoria, v. 12, n. 3, p.21-42, 2000.

BLANK, Stephen. Whither the new great game in Central Asia? **Journal Of Eurasian Studies**, [s.l.], v. 3, n. 2, p.147-160, jul. 2012. Elsevier BV. Disponível em: <<http://api.elsevier.com/content/article/PII:S1879366512000061?httpAccept=text/xml>>. Acesso em: 7 nov. 2015

BOONSTRA, Jos; MELVIN, Neil. **Challenging the South Caucasus security deficit**. Madrid: FRIDE, 2011.

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American Primacy and Its Evidence from Cases**”, **International Security**, Vol. 19, No. 1 (Summer), acessado pela Geostrategic Imperatives. New York: Basic Books, 1997.

BUSH, George W. **State of the Union**, realizado perante o Congresso dos Estados Unidos, 31 de janeiro de 2006. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/index.php?pid=65090>>. Acesso em: 12 de agosto 2015.

CARTER, Jimmy. **State of the Union**, realizado perante o Congresso dos Estados Unidos, 23 de janeiro de 1980. Disponível em: < <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=33079>>. Acesso em: 12 de agosto 2015.

Chomsky, Noam. **Hegemony or Survival – America’s Quest for Global Dominance**. New York: Metropolitan Books, 2003.

CHOW, Edward C.; HENDRIX, Leigh E.. Central Asia’s Pipelines: Field of Dreams and Reality. **The National Bureau Of Asian Research**, Washington, v. , n. 23, p.29-42, set. 2010.

CHRISTOPHER, Warren. **Nomination of Warren M. Christopher to be secretary of State: hearing before the committee on Foreign Relations**. Washington: 1993.

CLINTON, William J.A **National Security Strategy for a New Century**. Washington, DC: The White House, Outubro. 1998.

COHEN, William. **Report of the Quadrennial state review**. Washington: Department of defense, 1997.

CRANE, K. et al. **Imported Oil and U.S National Security**. Santa Mônica: RAND Corporation, 2009.

DONALDSON, Robert H.; NOGEE, Joseph.**The Foreign Policy of Russia: Changing Systems, Enduring interests**. New York: M.E. Sharpe, 2005.

EIA. **Overview of oil and natural gas in the Caspian Sea region**. Washington: U.S. Energy Information Administration, 2013.

ENCYCLOPEDIA OF EARTH, **Dutos energéticos na região do Cáucaso**, 2013. Figura. Disponível em: < <http://www.eoearth.org/view/article/152473/>> Acesso em nov. 2015

ENGDAHL, F. W. **Color Revolutions, Geopolitics and the Baku Pipeline**.New York: 2005. Disponível em < <http://www.engdahl.oilgeopolitics.net/print/Color%20Revolutions.html>>. Acesso em 25 de agosto de 2015.

ENGDAHL, William. **Full Spectrum Dominance: Totalitarian Democracy in the New World**. Wiesbaden:edition.engdahl, 2009.

FEDORENKO, Vladimir. **Central Asia: From Ethnic to civic Nationalism**. Washington: Rethink Institute, 2012.

FRAPPI, Carlo; GARIBOV, Azad (Org.). **The Caspian Sea Chessboard: Geo-political, geo-strategic and geo-economic analysis**. Milano: Egea, 2013.

FRAPPI, Carlo; GARIBOV, Azad (Org.). **The Caspian Sea Chessboard: Geo-political, geo-strategic and geo-economic analysis**. Milano: Egea, 2013.

FUSER, Igor. **Energia e Relações Internacionais**. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

FUSER, Igor. **O petróleo e o envolvimento militar dos Estados Unidos no Golfo Pérsico**. 2005.330f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil.

GARASHOVA, Sabina. On Certain Aspects of the U.S. Caspian's Strategy. **The Caucasus & Globalization**, Baku, v. 4, n. 3-4, p.29-34, 2010.

GEOCURRENTS: **Mapa étnico do Cáucaso**. Figura. Disponível em: <http://geocurrents.info/wp-content/uploads/2012/02/LanguageMap_Caucasus-01.png>. Acesso em out. 2015.

George, H. W. Bush. **Address to the Nation Announcing the Deployment of United States Armed Forces to Saudi Arabia**, realizado em discurso para a Nação, 8 de Agosto de 1980. Disponível em: <<http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=18750>>. Acesso em: 13 de agosto 2015.

GLOBAL SECURITY, **Gasodutos da Região do Cáspio**. Figura. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/jhtml/jframe.html#http://www.globalsecurity.org/military/world/centralasia/images/map-oil-pipelines-2012.jpg||Central Asia Oil Pipelines>>. Acesso em out. 2015.

GLOBAL SECURITY, **Oleodutos da Região do Cáspio**. Figura. Disponível em: <<http://www.globalsecurity.org/jhtml/jframe.html#http://www.globalsecurity.org/military/world/centralasia/images/map-oil-pipelines-2012.jpg||Central Asia Oil Pipelines>>. Acesso em out. 2015.

GURBANOV, Ilgar. **Legal Knot in the Caspian Sea: Hard to Untie**. Disponível em <<http://strategicoutlook.org/publications/Legal%20knot%20in%20the%20Caspian%20Sea%20Hard%20to%20Untie.pdf>>. Acesso em: 28 de outubro de 2015.

HERITAGE, **Principais dutos energéticos com destino à Europa**. Figura. Disponível em: <<http://www.heritage.org/research/reports/2009/03/how-the-obama-administration-should-deal-with-russias-revisionist-foreign-policy>>. Acesso em nov. 2015

HOMER-DIXON, T. Environmental changes as causes of acute conflict. **International Security**, v. 26, n. 2, p. 76–116, 1991.

HOMER-DIXON, Thomas F. Environmental Scarcities and Violent Conflict: Evidence from Cases. **International Security**, Massachusetts, v. 19, n. 1, p.5-40, 1994..

HUMPHREYS, M. Natural Resources, Conflict, and Conflict Resolution: Uncovering the Mechanisms. **Journal of Conflict Resolution**, [s.l.], v. 49, n. 4, p.508-537, 1 ago. 2005. SAGE Publications. DOI: 10.1177/0022002705277545.

IEA, **World Energy Outlook**, 2010.

IEA. **Quota do Cáspio na produção Mundial de gás**, 2010. Figura.

IEA. **Quota do Cáspio na produção Mundial de petróleo por cenário**, 2010. Figura.

ISMILZADE, Fariz. US Policy towards the South Caucasus:: How To Move Forward. **CaucasusAnalyticalDigest**, Baku, v. 13, n. 5, p.5-8, out. 2010.

JAFFE, A. M. US Policy Towards the Caspian Region: Can the Wish-List be Realized? **The Security of the Caspian Sea Region**, v. 71, n. 2, p. 136–150, 1997.

JAPAN FOCUS, **The US Military Footprint on the World**, 2009. Figura. Disponível em: <<http://japanfocus.org/-Catherine-Lutz/3086/article.html>> Acesso em out. 2015.

JUAN COLE, Mapa étnico da Ásia Central, 2010. Figura. Disponível em: <http://www.juancole.com/images/2010/12/ca_ethnic.jpg>. Acesso em out. 2015.

KALIYEVA, Dinara. THE GEOPOLITICAL SITUATION IN THE CASPIAN REGION. **Kazakhstan Institute For Strategic Studies**, Astana, v. 4, n. 1, p.1-11, jan. 2004.

KAPLAN, Robert D. **A vingança da geografia: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica**. São Paulo: Elsevier editora, 2013.

KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

KIERNAN, Peter (Org.). The Great Game for Gas in the Caspian: Europe opens the southern corridor. **The Economist**, New York, p.3-40, jun. 2013.

KLARE, Michael. **Resource Wars: The New Landscape of Global Conflict**. Nova York: Metropolitan, 2001.

_____, Michael. **Blood and Oil: How America's thirst for petrol is killing us**. London: Penguin Books, 2004a.

_____, Michael. et al. The Public Health Implications of Resource Wars. **American Journal Of Public Health**, San Francisco, v. 9, n. 101, p.1615-1619, set. 2011.

_____, Michael. Hard Power, Soft Power, and Energy Power: The New Foreign Policy Tool. **Foreign Affairs**. New York, p. 1-4. 3 mar. 2015.

_____. Blood for Oil: The Bush-Cheney energy strategy. In: **Socialist Register**. Pontypool: Merlin Press, 2004b.

KOLOSSOV, Vladimir. **Ethnic and Political Identities and Territorialities in the Post-Soviet Space**. Moscow: 1998.

KRAEMER. **Addicted to Oil: Strategic Implications of American Oil Policy**. Washington: Department of Army, 2006. Disponível em <<http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/pdffiles/PUB705.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2015.

KUBICEK, P. Energy politics and geopolitical competition in the Caspian Basin. **Journal of Eurasian Studies**, v. 4, n. 2, p. 171–180, 2013.

LADISLAW, Sarah O.; LEED, Maren; WALTON, Molly A. New Energy, New Geopolitics: Balancing Stability and Leverage. **Center for Strategic International Studies**, Washington, p.393-394, 1 abr. 2014.

LIBRARY OF CONGRESS, **Região do Mar Cáspio**. Figura. Disponível em: <<https://www.loc.gov/resource/g5692c.ct003595/>>. Acesso em out. 2015.

LO, Bobo. **AXIS OF CONVENIENCE: MOSCOW, BEIJING, AND THE NEW GEOPOLITICS**. London: Brookings Institution Press, 2008. p.293

LYNCH, Don. A regional insecurity dynamic. **The South Caucasus: a challenge for the EU**, Paris, v. 65, n. 1, p.9-23, dez. 2003.

LYNCH, Don. A regional insecurity dynamic. **The South Caucasus: a challenge for the EU**, Paris, v. 65, n. 1, p.9-23, dez. 2003.

MAHDI, A.S.S. **US Foreign Policy and Energy Resources during the George W. Bush administration**. Birmingham: Department of American and Canadian Studies, 2010.

MAMMADOV, Ilgar. **Geopolitics of Energy in the Caspian Sea Region**. Massachusetts: The Fletcher School, 2009.

NATIONAL ENERGY POLICY. **NEP - Reliable, Affordable, and Environmentally Sound Energy for America's Future – Report of the National Energy Policy Development Group**. Washington: National Energy Policy Development Group. Disponível em <

<http://www.wtrg.com/EnergyReport/National-Energy-Policy.pdf> >. Acesso em 14 de outubro de 2015.

NEACSU, Marius Cristian; NEGUT, Silviu. GAS PIPELINES WAR. **Revista Română de Geografie Politica**, Bucharest, v. 12, n. 1, p.29-46, 2010.

NEGUȚ, Silviu; NEACSU, Marius Cristian. GAS WAR. **Revista Română de Geografie Politică**, Bucharest, v. 11, n. 2, p.176-189, mar. 2009.

NIXON, Richard. **Remarks**, realizado em jantar na Conferência de Energia de Washington, 11 de fevereiro de 1974. Disponível em: < <http://www.presidency.ucsb.edu/ws/?pid=4347>>. Acesso em: 15 de agosto 2015.

Nye JR, Joseph. **Soft Power: The means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004

O'LOUGHLIN, John; KOLOSSOV, Vladimir; RADVANYI, Jean. The Caucasus in a time of conflict, Demographic Transition, and Economic Change. In: **Eurasian Geography and Economics**. Washington, v. 48, n. 2, 2007, pp. 135-156.

ORTEGA, Felipe Afonso. **Cores da Mudança? As Revoluções Coloridas e seus reflexos em política externa**. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

PECEQUILIO (Org.). **A RÚSSIA: Desafios presentes e Futuros**. Curitiba: Juruá, 2010

PESTEL, E. **The Limits to Growth: A Report to The Club of Rome (1972)** . p. 1–9, 1972. Disponível em: <<http://web.ics.purdue.edu/~wggray/Teaching/His300/Illustrations/Limits-to-Growth.pdf>>. Acesso em 24 Jun 2015.

PUTIN, Vladimir. **Addresses to the Federal Assembly**, realizado perante a Duma, 26 de abril de 2007. Disponível em:
<http://archive.kremlin.ru/eng/speeches/2007/04/26/1209_type70029type82912_125670.shtm
>

RAPHAEL, S.; STOKES, D.. US oil strategy in the Caspian Basin: Hegemony through interdependence. **International Relations**, [s.l.], v. 28, n. 2, p.183-206, 12 maio 2014. SAGE Publications. DOI: 10.1177/0047117813517911.

RICHARD G. MILLER, S. R. S. The future of oil supply. **The Royal Society**, p. 1–27, 2014.

ROSS, Michael. "Natural resources and civil war: An overview with some policy options." governance of natural resources conference, **World Bank and Agence Francaise du Developpement**, Paris, December. 2003.

SÉBILLE-LÓPEZ, Philippe. **Geopolíticas do petróleo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

SHAFFER, Brenda. The South Caucasus: a challenge for the EU. Paris: **Institute for Security Studies**, nº 65, 2003.(p. 53-62)

SHAFFER, Brenda. US policy. **The South Caucasus:: a challenge for the EU**, Paris, v. 65, n. 1, p.53-61, dez. 2003.

SULEIMANOV, Otabek; EKA, Siradze. **Legal Status of Caspian Sea**. Georgia: Colibri Law, 2013.

TRENIN, Dmitri. **The End of EURASIA**: Russia on the Border Between Geopolitics and Globalization. Washington: Carnegie Moscow Center, 2001.

WEST, J. Robinson (Ed.). **Natural Resources, Conflict, and Conflict Resolution**. Washington: United States Institute Of Peace, 2007.

WILSON, Jeanne L.. Coloured Revolutions: The View from Moscow and Beijing. **Journal Of Communist Studies And Transition Politics**, [s.l.], v. 25, n. 2-3, p.369-395, set. 2009. Informa UK Limited.

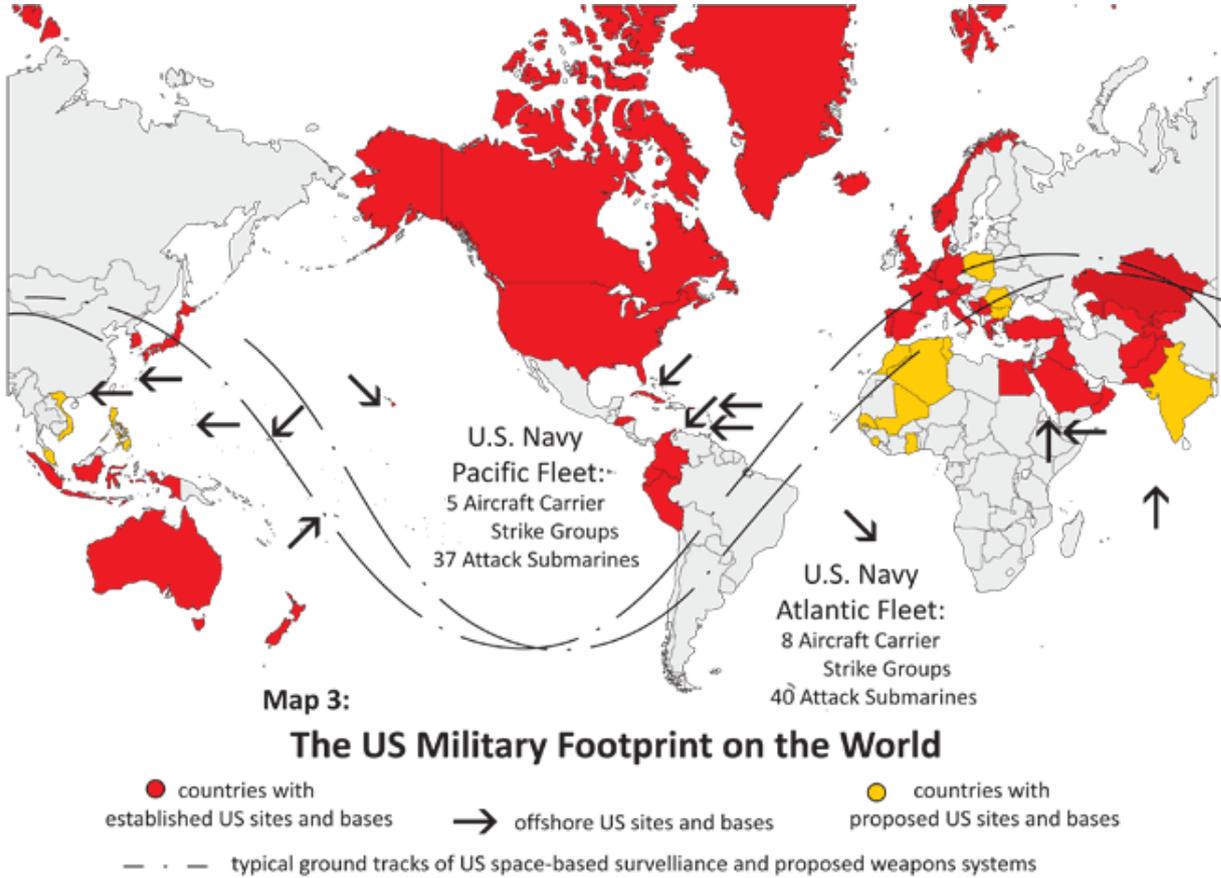
YERGIN, Daniel. **A Busca**: Energia, segurança e a reconstrução do mundo moderno. São Paulo: Editora Intrínseca, 2014.

YERGIN, Daniel. L'AVENIR RADIEUX DU PÉTROLE. **Politique Internationale**. Paris, p. 301-304. 2003.

YERGIN, Daniel. **The Prize**: The Epic Quest for Oil, Money, and Power. Nova York: Simon & Schuster, 1991.

ANEXOS

ANEXO 1 – Posicionamento Militar dos EUA pelo Mundo



Source: US Department of Defense, *Base Structure Report*, 2008.

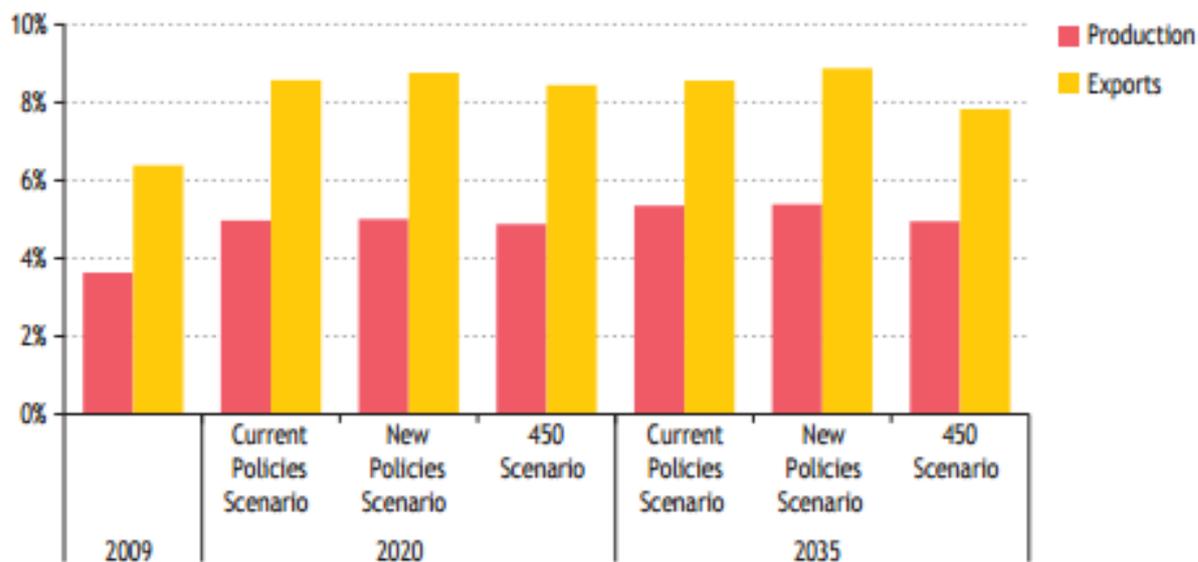
Fonte: JAPAN FOCUS (2009)

ANEXO 2 - Região do Mar Cáspio



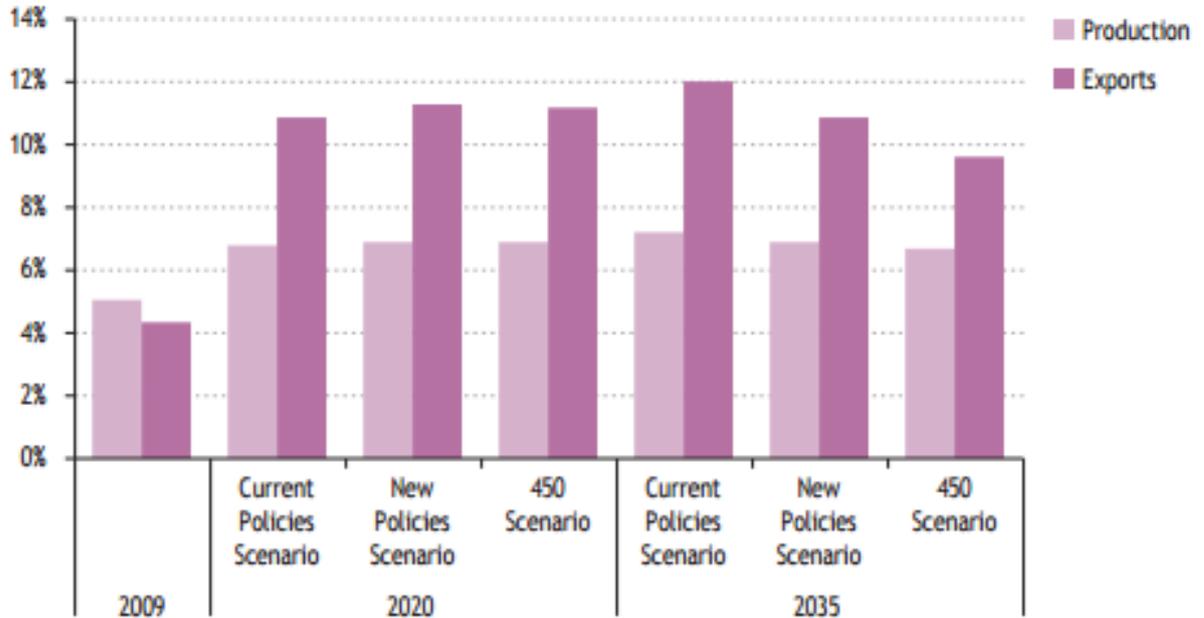
Fonte: LIBRARY OF CONGRESS

ANEXO 3 – Quota do Cáspio na produção Mundial de petróleo por cenário



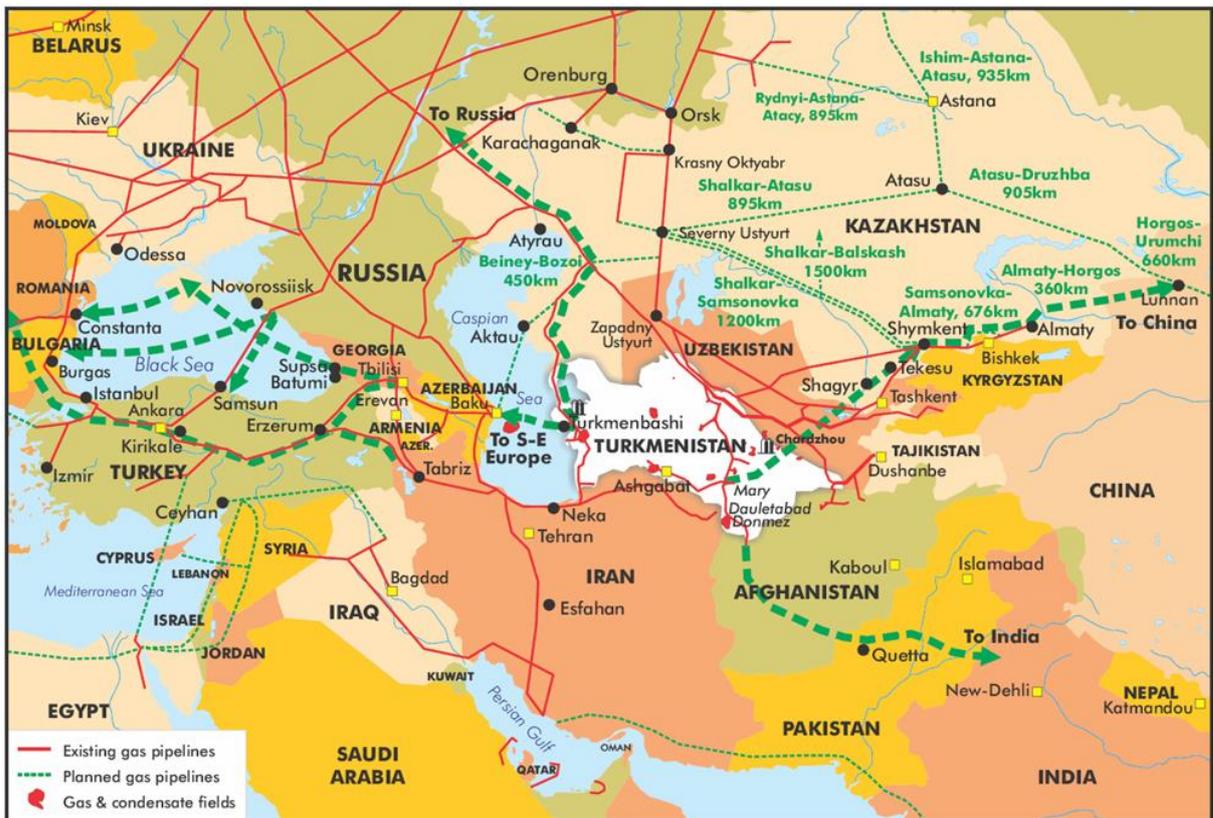
Fonte: IEA (2010)

ANEXO 4 – Quota do Cáspio na produção Mundial de gás natural por cenário



Fonte: IEA (2010)

ANEXO 5 – Gasodutos da Região do Cáspio



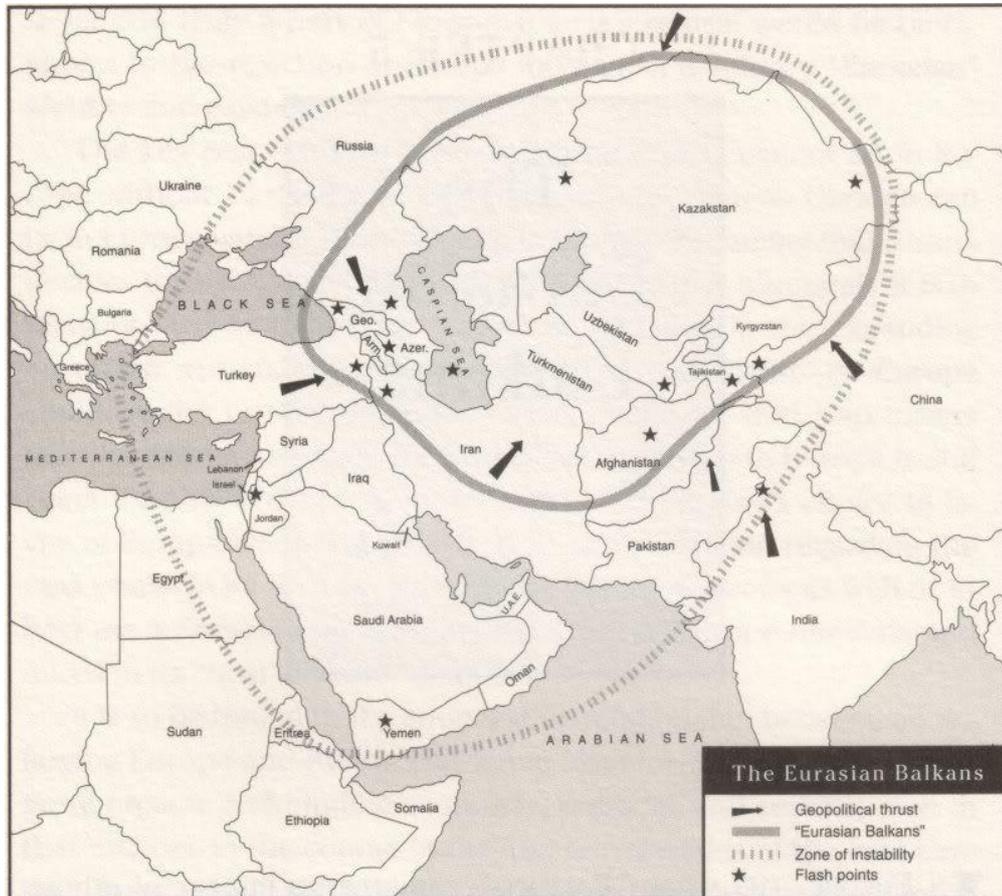
Fonte: GLOBAL SECURITY

ANEXO 6 – Oleodutos da Região do Cáspio



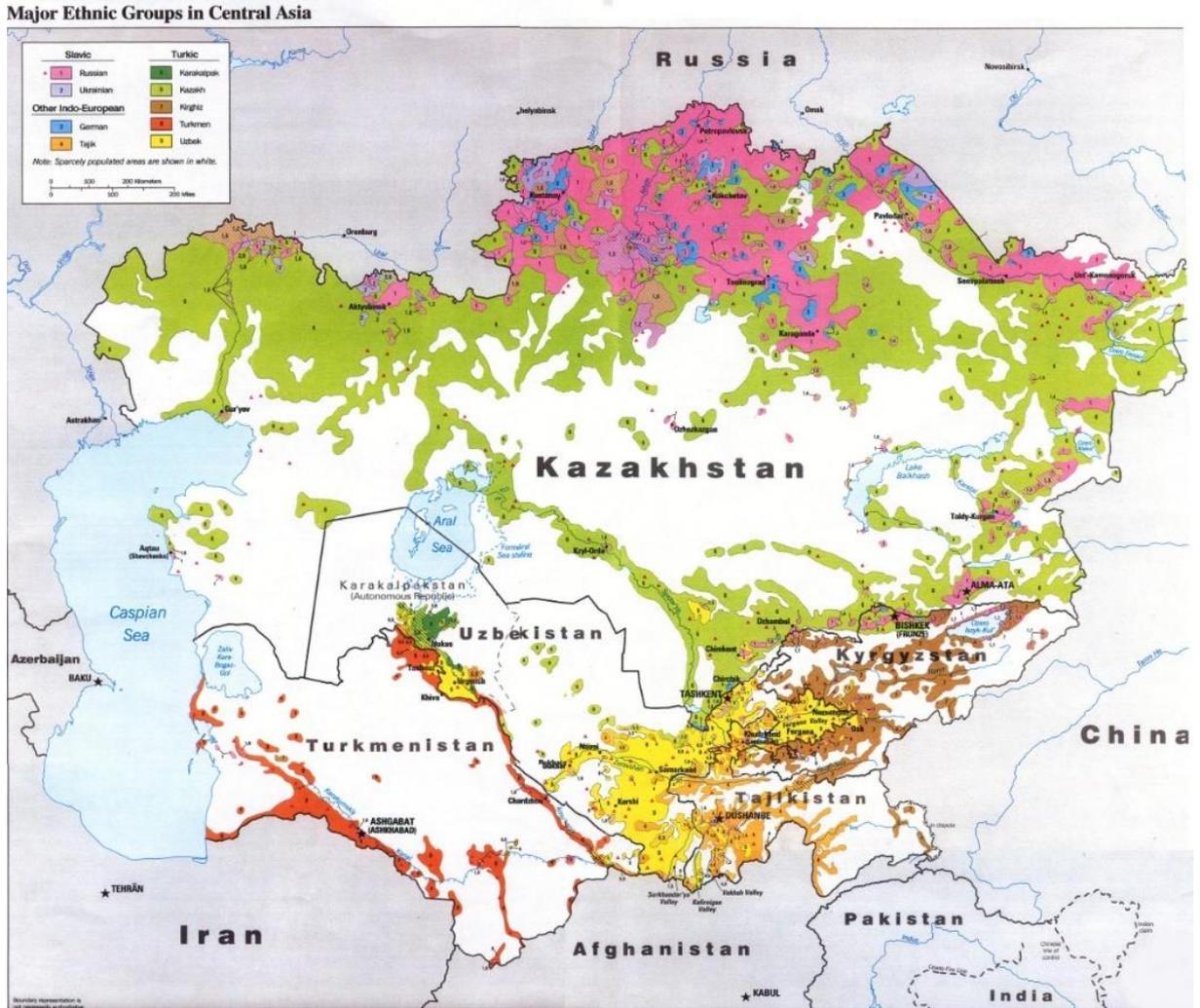
Fonte: GLOBAL SECURITY

ANEXO 7 – Balcãs Eurasiáticos



Fonte: BRZEZINSKI (1997, p. 124)

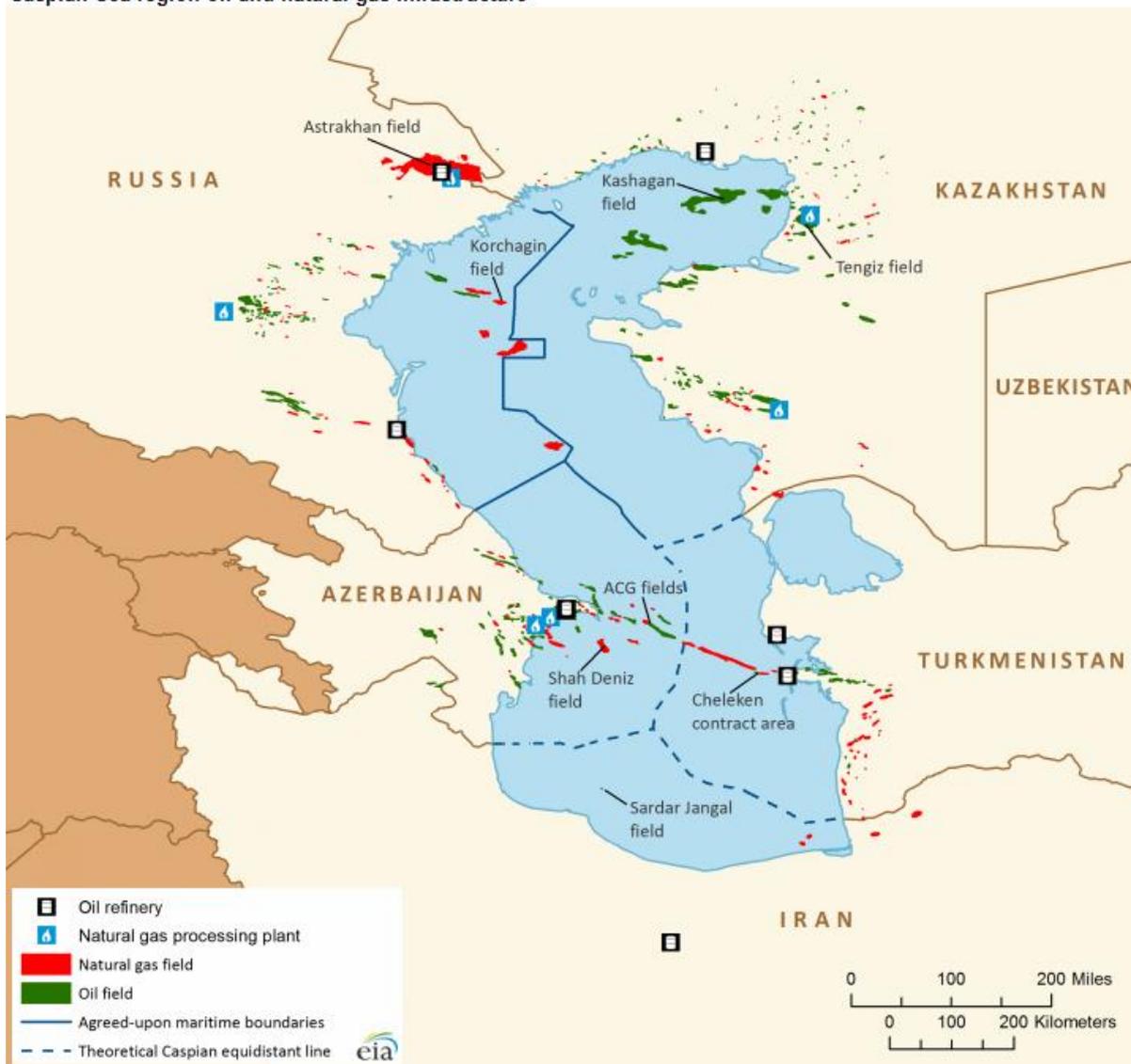
ANEXO 9 – Mapa étnico da Ásia Central



Fonte: JUAN COLE (2010)

ANEXO 10 – Status Legal do Mar Cáspio

Caspian Sea region oil and natural gas infrastructure



Fonte: EIA (2013)

ANEXO 11 – Orçamento anual dos EUA para fundos de segurança para os Estados litorâneos do Cáspio.

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2002-2008
Azerbaijan	14.82	10.79	18.47	33.14	33.02	33.56	47.41	191.21
Kazakhstan	17.32	28.71	52.55	42.34	19.35	60.64	60.39	281.30
Turkmenistan	5.93	0.96	2.70	6.58	1.75	5.27	5.37	28.56

*Amounts refer to both Department of States and Department of Defense
 Source: U.S. Department of State, U.S. Government Assistance to and Cooperative Activities with Eurasia, Country Assessments

FONTE: FRAPPI (2013)

ANEXO 12 – Principais dutos energéticos com destino à Europa

Primary Russian Oil and Gas Pipelines to Europe



Source: U.S. Department of Energy, Energy Information Administration, "Russia," Country Analysis Brief, May 2008, p. 11, at <http://www.eia.doe.gov/emeu/cabs/Russia/pdf.pdf> (March 6, 2009).

Map 3 • B 2246 heritage.org

Fonte: HERITAGE (2009)

ANEXO 13 – Dutos energéticos na região do Cáucaso



Fonte: ENCYCLOPEDIA OF EARTH (2013)